

GEORGE SAMUEL CLASON

# O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA

O clássico sobre riqueza  
mais lido no mundo

edipro

# O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA

Copyright da tradução e desta edição © 2022 by Edipro Edições Profissionais Ltda.

Título original: *The Richest Man in Babylon*. Publicado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1926. Traduzido com base na 1ª edição.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por quaisquer meios, eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem permissão por escrito do editor.

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

1ª edição, 2022.

**Editores:** Jair Lot Vieira e Maíra Lot Vieira Micales

**Consultor para obras de Finanças e Economia:** Luigi Micales

**Coordenação editorial:** Fernanda Godoy Tarcinalli

**Produção editorial:** Carla Bettelli

**Edição e preparação de textos:** Marta Almeida de Sá

**Assistente editorial:** Thiago Santos

**Revisão:** Thiago de Christo

**Diagramação:** Estúdio Design do Livro

**Capa:** Carlo Giovani

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Clason, George Samuel, 1874-1957.

O homem mais rico da Babilônia [livro eletrônico] / George Samuel Clason ; tradução de Martha Argel. – São Paulo : Edipro, 2022.  
e-pub.

Título original: *The Richest Man in Babylon*  
Edição de luxo

ISBN 978-65-5660-074-1 (e-pub)

ISBN 978-65-5660-073-4 (impresso)

1. Ética empresarial 2. Finanças pessoais 3. Riqueza - Aspectos morais e éticos I.  
Título.

Índice para catálogo sistemático:

1. Finanças pessoais: Economia 332.024

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427



*O livro é a porta que se abre para a realização do homem.*

Jair Lot Vieira

GEORGE SAMUEL CLASON

# O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA

*Tradução*  
MARTHA ARGEL



*O dinheiro é o meio pelo qual o sucesso material é avaliado.*

*O dinheiro nos permite desfrutar das melhores coisas que a vida tem a oferecer.*

*O dinheiro é abundante para quem compreende as leis simples que regem sua aquisição.*

*O dinheiro é regido nos dias de hoje pelas mesmas leis que o governavam seis mil anos atrás, quando os homens prósperos enchiam as ruas da Babilônia.*

O dinheiro é abundante para aqueles que compreendem as regras simples que regem sua aquisição.

1. Comece a encher sua bolsa.
2. Controle seus gastos.
3. Faça seu dinheiro render.
4. Proteja seus tesouros contra perdas.
5. Faça de sua propriedade um investimento lucrativo.
6. Garanta uma renda futura.
7. Aumente sua capacidade de ganhar dinheiro.

Continue lendo para saber mais!

# SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

INTRODUÇÃO

O HOMEM QUE ALMEJAVA O OURO

O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA

AS SETE FORMAS DE ENCHER UMA BOLSA VAZIA

ENCONTRANDO A DEUSA DA BOA SORTE

AS CINCO LEIS DO OURO

O PRESTAMISTA DE OURO DA BABILÔNIA

AS MURALHAS DA BABILÔNIA

O MERCADOR DE CAMELOS DA BABILÔNIA

AS PLACAS DE ARGILA DA BABILÔNIA

O HOMEM MAIS SORTUDO DA BABILÔNIA

UM RESUMO HISTÓRICO DA BABILÔNIA

SOBRE O AUTOR



# PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

O currículo escolar não nos mostra como devemos buscar a prosperidade, ter êxito na vida profissional ou empreendedora, como cuidar de nossos recursos e ser feliz. George Samuel Clason percebeu essa lacuna e se debruçou nesta obra de forma a trazer uma contribuição acessível a todos. O autor nos deixou mais do que uma obra única — deixou-nos um legado.

Sua imaginação nos conduz à Babilônia, séculos antes de Cristo, cidade famosa por sua história, por sua resistência em inúmeras guerras, por seus extraordinários jardins suspensos, por sua população heterogênea composta de gente vinda das mais diversas regiões em busca de dinheiro, fortuna ou de um futuro melhor.

A Babilônia era uma cidade rica e, por consequência, por ser um entreposto comercial, fazia circular muito dinheiro, mercadores e gente de toda espécie. Clason deve ter escolhido a Babilônia mais do que pela sua posição geográfica, por sua riqueza, por sua imensidão e por sua população, que era estimada, naquela época, em torno de 80 mil habitantes que falavam as mais variadas línguas, mas, acima de tudo, pelos códigos (leis) existentes que traziam previsibilidade, estabilidade e segurança para os negócios e por conter um núcleo de sabedoria. No mundo do comércio daquela época, embora se comunicassem de forma diferente, as pessoas se entendiam em torno do valor das mercadorias e dos serviços, e, assim, faziam-se negócios e a riqueza circulava num ambiente que estimulava as trocas e o livre mercado.

Os impostos eram seletivos, e o cidadão comum não era coagido pelo império ou pelo reinado a pagar taxas e tributos. Naquele ambiente competitivo e de poucos impostos floresceu uma nação que, durante séculos, foi admirada por sua riqueza. Para que uma cidade-estado fosse rica, era necessário que englobasse muitos comerciantes, importadores, exportadores, atacadistas, distribuidores, representantes comerciais, transportadores por terra e por mar, escrivães, emprestadores de dinheiro (os chamados prestamistas), prestadores de serviços, intermediários e também guardas de segurança. Assim, naquele ambiente propício, muitas pessoas acumularam bastante riqueza.

Clason escolheu esse ambiente especial e, imaginando o funcionamento da sociedade e dos negócios naqueles tempos, erigiu, de forma cuidadosa e criativa, ensinamentos para aqueles que, nos dias de hoje, buscam dinheiro, formas de acumular riqueza, como evitar desperdício, ampliar conhecimento e se proteger para o futuro. Assim, ele apresenta sete soluções complementares que fecham o ciclo da prosperidade e da felicidade.

Estes contos ensinam, de forma simples e prática, a economizar, algo que hoje é tão difícil numa sociedade em que as pessoas têm tantos desejos e gostariam de ser mais felizes comprando produtos e consumindo serviços cada vez mais convidativos, num mundo em que os indivíduos pretendem administrar os gastos, como forma de poupar, controlando a ansiedade por consumir. Também ajudam a iniciar, por meio de um orçamento básico, a satisfação de suas necessidades e de sua família, de forma a sobrar algum dinheiro para os investimentos, que deve ser aplicado para render com segurança, pois o capital tem de ser protegido do risco.

Conhecemos bem a história da formiga que trabalhava incessantemente, acumulando alimentos, enquanto a cigarra cantava. Assegurar o futuro é uma necessidade de qualquer um, e é difícil poupar para o longo prazo quando somos bombardeados pelos anúncios de tudo o que gostaríamos de obter no presente. É o valor do amanhã, abster-se de algo, abrir mão de satisfações, sonhos e desejos de hoje em prol do futuro. Difícil tarefa que requer determinação e foco. Uma forma de ganhar mais dinheiro e poupar para o futuro é fazer render o que você tem, dando asas às suas

aptidões, ampliando o seu conhecimento, pesquisando e respeitando os seus limites.

Não satisfeito com as sete soluções, Clason nos brinda com as cinco leis do ouro. O ouro vem para aqueles que poupam e aplicam bem suas reservas; gosta do proprietário cauteloso que cuida de sua poupança com segurança, mas foge daquele que o aplica em negócios que não conhece. Enfim, o ouro foge de quem se permite ser enganado por pessoas espertas ou de quem confia na própria inexperiência.

Para prender a atenção do leitor, os ensinamentos remontam àquela época. É importante que cada um, a seu próprio modo e julgamento, faça a adaptação desses ensinamentos para a atual realidade. Um cidadão de classe média hoje vive muito melhor do que vivia um homem rico na antiga Babilônia. Um cidadão atual vive hoje muito melhor do que um rei daquela época em virtude dos confortos proporcionados às pessoas nesta era — automóveis, celulares, eletrodomésticos, computadores ou serviços como tê-los por assinatura, entretenimentos, cinema e viagens, etc. Atualmente, a circulação de riqueza e de dinheiro é colossal. É o dinheiro que torna possível a obtenção de conforto e desfrute das boas coisas à nossa disposição.

Em nossa época, diferentemente daquela, uma família precisa pagar mensalmente suas contas de água, luz, telefone, plano de saúde, seguros, prestações do carro e da casa própria, condomínio, empregados, impactando o orçamento e prejudicando a poupança. Um planejamento de gastos bem elaborado poderá ser a solução para criar uma poupança para o futuro. Para muitos, a riqueza pode significar também qualidade de vida na alimentação, na saúde, na educação e no lazer, e não apenas dinheiro. Daí a importância de cada um buscar adaptar os ensinamentos contidos nesta obra aos dias de hoje, pois uma das formas de se realizar financeiramente se dá por intermédio do trabalho, em que cada um pode galgar melhores posições, criar, empreender e ser recompensado, atuando num ambiente acolhedor e dignificante, onde cada colaborador se sinta parte do conjunto.

Como a empresa é a fonte de realização de quase todas as pessoas, cabe a esta estruturar seus negócios, possibilitando uma

perfeita harmonia de interesses convergentes, proporcionando um ambiente saudável em que seus colaboradores possam se realizar profissionalmente e obter recursos para a satisfação de seus desejos e de suas ambições.

No mundo moderno, é o dinheiro que torna possível o desfrute da vida e, também, de alguma forma, auxilia os mais necessitados, como um gesto humanitário próprio do ser humano, quando feito de livre e espontânea vontade.

*Salim Mattar*

# INTRODUÇÃO

Nossa prosperidade como nação depende da prosperidade financeira de cada um de nós como indivíduo.

Este livro trata do sucesso pessoal. O sucesso consiste nas realizações que são resultados de nossos esforços e de nossas capacidades. A chave para nosso sucesso é uma preparação adequada. Nossas ações só serão sábias se nossos pensamentos forem sábios. Nosso pensamento só será sábio se nossa compreensão for sábia.

Esta obra, que também traz as formas de lidar com a falta de dinheiro, tem sido considerada um guia para a educação financeira. É este, de fato, seu objetivo: oferecer a quem almeja o sucesso financeiro uma orientação que possa ajudar a adquirir dinheiro, mantê-lo e fazer com que gere rendimentos.

Nas páginas que se seguem, somos levados de volta à Babilônia, berço dos princípios básicos das finanças, hoje reconhecidos e aplicados no mundo todo.

Aos novos leitores, desejo que este livro traga inspiração e proporcione saldos bancários crescentes, um enorme sucesso financeiro e a solução de problemas econômicos complexos, assim como trouxe para muitos leitores por todo o mundo, segundo relatam com entusiasmo.

Aproveito a oportunidade para expressar gratidão aos empresários que generosamente distribuíram estes contos a amigos, familiares, funcionários e associados. Não há nada melhor do que o endosso de homens práticos, que aprovaram estes ensinamentos por terem, eles próprios, alcançado importantes

êxitos com a aplicação dos mesmos princípios que esta obra apresenta.

A Babilônia chegou a ser a cidade mais rica do mundo antigo porque seus cidadãos foram as pessoas mais ricas de sua época. Eles compreendiam o valor do dinheiro. Aplicaram sólidos princípios financeiros ao adquirir dinheiro, conservá-lo e fazê-lo render. Conseguiram obter o que todos nós desejamos: uma renda para o futuro.

*George Samuel Clason*

# O HOMEM QUE ALMEJAVA O OURO

Bansir, um fabricante de carruagens da Babilônia, estava muito desanimado. Sentado sobre a mureta que circundava sua propriedade, olhava com tristeza a casa modesta e a oficina aberta onde havia uma carruagem ainda inacabada.

Sua esposa aparecia vez ou outra à porta aberta. Os olhares furtivos que ela lançava na direção dele o faziam lembrar que a despensa estava quase vazia e que ele deveria estar trabalhando para terminar a carruagem, martelando e serrando, polindo e pintando, esticando o couro sobre as rodas, preparando-a para a entrega, para que pudesse receber de seu abastado cliente o devido pagamento.

No entanto, o corpo grande e musculoso de Bansir permanecia imóvel, acomodado sobre a mureta. Sua mente vagarosa lutava pacientemente com um problema para o qual não conseguia encontrar solução. O abrasador sol tropical, tão típico do vale do rio Eufrates, abatia-se sobre ele sem piedade. Gotículas de suor formavam-se em sua testa e escorriam sem que ele percebesse, indo perder-se na floresta de seu peito peludo.

Para além de sua casa erguiam-se as imponentes muralhas que, com seus terraços, rodeavam o palácio do rei. Ali perto, recortava-se contra o azul do céu a torre ornamentada do Templo de Bel. À sombra de tanta grandiosidade, estavam sua humilde casa e muitas outras, muito menos bonitas e bem-cuidadas. Era assim a Babilônia: um misto de grandeza e de miséria, de riqueza espantosa e de

imensa pobreza, amontoadas sem nenhum planejamento no interior das muralhas que protegiam a cidade.

Caso se desse ao trabalho de virar-se e olhar, Bansir veria, atrás de si, as carruagens barulhentas dos ricos que empurravam para o lado e faziam se amontoar tanto os comerciantes calçados com sandálias quanto os mendigos descalços. Até mesmo os ricos eram forçados a desviar-se para a sarjeta e abrir caminho para as longas filas de escravos carregadores de água, a “serviço do rei”. Cada escravo levava um pesado odre de pele de cabra repleto de água para regar os jardins suspensos.

Bansir estava absorto demais nos próprios problemas, por isso não conseguia prestar atenção no confuso burburinho da cidade agitada. Foi o som inesperado e familiar de uma lira que o tirou de seus devaneios. Ele se virou, e seu olhar recaiu sobre o rosto sorridente e sensível de seu melhor amigo — Kobbi, o músico.

— Que os deuses o abençoem com grande generosidade, meu bom amigo — disse Kobbi, emitindo uma saudação elaborada. — Mas parece que já foram bastante generosos com você, pois vejo que não precisa mais trabalhar. Alegro-me por sua boa sorte. E mais, gostaria que a partilhasse comigo. Por favor, tire dois humildes *shekels*<sup>1</sup> de sua bolsa, que deve estar bem cheia, pois do contrário você estaria trabalhando em sua oficina, e faça-me um empréstimo, que lhe pagarei depois do banquete que os nobres darão esta noite. Não sentirá a falta deles até que sejam devolvidos.

— Se eu tivesse dois *shekels*, não poderia emprestá-los a ninguém, nem a você, meu melhor amigo, pois seriam toda a minha fortuna. Ninguém empresta toda a sua fortuna, nem mesmo a seu melhor amigo — Bansir respondeu desolado.

— O quê!? — exclamou Kobbi, com surpresa genuína. — Você não tem sequer um *shekel* em sua bolsa, mas fica aí sentado como uma estátua em cima dessa mureta? Por que não termina aquela carruagem? De que outra forma poderia sustentar seu nobre apetite? Isso não é de seu feitio, meu amigo. Onde está sua energia inesgotável? Algo o aflige? Os deuses lhe trouxeram algum problema?

— Deve ser algum tormento enviado pelos deuses — concordou Bansir. — Começou com um sonho, um sonho sem sentido, no qual



eu achava que era um homem rico. De meu cinto pendia uma bolsa elegante, pesada, cheia de moedas. Havia *shekels*, os quais eu lançava aos mendigos com uma generosidade despreocupada; havia moedas de prata, com as quais eu comprava roupas finas para minha esposa e tudo o que desejasse para mim; havia moedas de ouro, que me faziam sentir seguro quanto ao futuro e não ter medo de gastar a prata. Uma sensação gloriosa de contentamento me invadiu! Você não teria reconhecido seu amigo tão trabalhador. Também não reconheceria minha esposa, cujo rosto, radiante de felicidade, já não tinha mais rugas. Ela havia voltado a ser a jovem sorridente de nossos primeiros dias de casados.

— Um belo sonho, de fato — comentou Kobbi. — Mas por que essas sensações tão agradáveis fizeram com que você se transformasse numa estátua melancólica sobre o muro?

— Ora, por quê!? Porque, quando acordei, e me lembrei de como estava vazia a minha bolsa, um sentimento de revolta tomou conta de mim. Vamos conversar sobre isso, pois, como dizem os marinheiros, nós dois estamos no mesmo barco. Quando crianças, íamos juntos consultar os sacerdotes, em busca de aprendizado. Quando éramos jovens, nós nos divertíamos juntos. Como homens-feitos, sempre fomos amigos muito próximos. Até aqui, estivemos satisfeitos com nossa condição, contentando-nos em trabalhar muito e gastar à vontade o que recebemos. Ganhamos muito dinheiro em anos passados, mas só em sonho conhecemos as alegrias da riqueza. Ah! Por acaso, não somos melhores do que tolas ovelhas? Vivemos na mais rica cidade do mundo. Dizem os viajantes que nenhuma outra se iguala a esta em riqueza. À nossa volta há muitas demonstrações de riqueza, mas dela não temos nada. Depois de quase meia existência de trabalho duro, você, meu melhor amigo, tem a bolsa vazia e me pergunta “Posso pegar emprestada a quantia insignificante de dois *shekels* até depois do banquete dos ricos desta noite?”. E, então, o que lhe respondo? Será que digo “Veja aqui minha bolsa, cujo conteúdo de bom grado partilharei com você!”? Não, eu admito que minha bolsa está tão vazia quanto a sua. Enfim, qual é o nosso problema? Por que não podemos conseguir prata e ouro suficientes para termos bem mais do que comida e roupas?

— Veja também nossos filhos! — Bansir prosseguiu. — Não estão seguindo o mesmo caminho dos pais? Será que eles, e suas famílias, e seus filhos, e as famílias de seus filhos, viverão a vida toda no meio de tanta abundância de ouro, tendo que se contentar, assim como nós, em matar a fome com leite de cabra azedo e mingau?

— Em tantos anos de amizade, nunca ouvi você falar assim, Bansir — Kobbi estava confuso.

— Nesses anos todos, nunca pensei nessas coisas. Sempre trabalhei desde o amanhecer até que a escuridão me fizesse parar, construindo as mais belas carruagens já construídas, e sempre com a esperança de que, um dia, os deuses reconhecessem meus atos virtuosos e me concedessem grande prosperidade. Eles nunca o fizeram, e finalmente percebo que nunca o farão. Por isso tenho o coração triste. Desejo ser rico. Desejo possuir terras e gado, ter boas roupas e moedas na bolsa. Estou disposto a trabalhar para conseguir tudo isso, com toda a força de meus braços, com toda a habilidade de minhas mãos, com toda a astúcia de minha mente, mas quero que meus esforços sejam recompensados de forma justa. O que há de errado conosco? Eu lhe pergunto uma vez mais! Por que não podemos ter a parte que nos cabe das coisas boas, tão abundantes para quem tem ouro e pode comprá-las?

— Queria eu ter a resposta! — exclamou Kobbi. — Sinto-me tão insatisfeito quanto você. Tudo o que ganho com a lira vai embora depressa. Muitas vezes, tenho de improvisar para que minha família não passe fome. Além disso, tenho no peito o desejo profundo de ter uma lira maior, que me permita expressar de fato a música cujos acordes brotam em minha mente. Com um instrumento assim, eu tocaria músicas mais belas do que o próprio rei já ouviu.

— Você deveria ter uma lira assim. Ninguém, em toda a Babilônia, poderia fazê-la soar com mais doçura. Diante de uma música tão bela, não só o rei como também os próprios deuses ficariam encantados. Mas como você conseguiria um instrumento assim, se somos tão pobres quanto os escravos do rei? Ouça! O sino! Aí vêm eles.

Ele apontou para a longa fileira de carregadores de água, seminus e suados, que subiam com dificuldade a rua estreita,

vindos do rio. Marchavam em alas de cinco homens, lado a lado, cada um deles vergado sob um pesado odre de pele de cabra.

— O homem que os lidera tem um belo porte. — Kobbi indicou o senhor que ia na frente, sem carregar nada além do sino que tocava. — É fácil notar que deve ser um homem importante em seu próprio país.

— Há muitos homens de belo porte nessa fileira — Bansir concordou. — São homens tão bons quanto nós. Homens altos e louros do norte, risonhos homens negros do sul, homens miúdos e morenos dos países vizinhos. Todos marchando juntos entre o rio e o jardim, indo e vindo, dia após dia, ano após ano. Sem nenhuma esperança de felicidade. Dormindo sobre leitos de palha e comendo mingau de cereais. Tenhamos piedade desses pobres homens, Kobbi!

— Tenho piedade deles, sim. Mas você me faz ver que não estamos muito melhores que eles, embora nos consideremos homens livres.

— Isso é verdade, Kobbi, por mais desagradável que essa ideia seja. Não queremos continuar vivendo como escravos, ano após ano. Trabalhar, trabalhar, trabalhar! Sem chegar a lugar algum!

— Seria possível descobrirmos como os outros conseguem obter ouro, e fazer como eles? — indagou Kobbi.

— Talvez exista algum segredo que possamos aprender se procurarmos quem o conhece — respondeu Bansir, pensativo.

— Hoje mesmo, cruzei com nosso velho amigo Arkad, que passou em sua carruagem dourada — disse Kobbi. — Devo reconhecer que ele não me olhou com desprezo, como muitos em sua condição achariam ser seu direito. Em vez disso, ele me saudou com um aceno, para que todos vissem que estava me cumprimentando e expressando seu sorriso de amizade a Kobbi, o músico.

— Dizem que ele é o homem mais rico de toda a Babilônia — refletiu Bansir.

— E dizem que é tão rico que até o rei recorre a seus sábios conselhos para assuntos do tesouro — Kobbi respondeu.

— Tão rico — interrompeu Bansir — que, se eu topasse com ele numa noite escura, acho que pegaria para mim sua bolsa recheada de dinheiro.

— Bobagem! — Censurou-o Kobbi. — A riqueza de um homem não está na bolsa que ele carrega. Uma bolsa recheada se esvazia depressa se não houver um fluxo de ouro para reabastecê-la. Arkad tem uma renda que sempre mantém sua bolsa cheia, não importa o quanto gaste.

— Renda! Então é isso! — exclamou Bansir. — O que eu desejo é uma renda que continue fluindo para dentro de minha bolsa, esteja eu sentado em uma mureta ou viajando por terras distantes. Arkad deve saber como um homem pode garantir uma renda para si. Você acha que é algo que ele conseguiria explicar para alguém com uma mente tão lenta quanto a minha?

— Acho que ele ensinou o que sabe para o filho, Nomasir — Kobbi respondeu. — Pois contam na estalagem que ele foi para Nínive e, sem ajuda do pai, tornou-se um dos homens mais ricos da cidade.

— Kobbi, você me deu uma grande ideia! — Um novo brilho apareceu nos olhos de Bansir. — Não custa nada pedir conselhos a um bom amigo, e é o que Arkad sempre foi. Não importa se nossas bolsas estão tão vazias quanto o ninho que o falcão usou no ano passado. Estamos cansados de não possuir ouro em meio à abundância. Desejamos ser ricos. Venha! Vamos falar com Arkad e perguntar como podemos conseguir obter uma renda para nós.

— Você fala com verdadeira inspiração, Bansir, e me traz uma nova compreensão. Acabo de entender por que nunca conseguimos nossa parte da riqueza. Nunca fomos atrás dela. Você tem trabalhado pacientemente para construir as carruagens mais sólidas da Babilônia. Empregou seus melhores esforços com esse fim, e foi bem-sucedido. Eu me esforcei para tornar-me um exímio tocador de lira e também consegui. Tivemos sucesso naquilo a que nos dedicamos. Os deuses permitiram que continuássemos assim. Agora, por fim, vemos uma luz que brilha como o sol nascente. Ela indica que, para termos prosperidade, devemos aprender mais. Com uma nova compreensão, encontraremos formas honestas de realizar nossos desejos.

— Vamos hoje mesmo falar com Arkad — disse Bansir. — E mais, vamos chamar nossos amigos de infância, que não estão em situação melhor que a nossa, para que também aproveitem os conselhos dele.

— Você sempre pensa nos amigos, Bansir. Por isso tem tantas amizades. Faremos o que está sugerindo. Vamos ainda hoje, e vamos levar nossos amigos conosco.

# O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA

Na antiga Babilônia vivia um homem muito rico chamado Arkad. Ele era admirado por toda parte, graças a sua grande fortuna, sendo também famoso por sua generosidade. Era generoso ao fazer caridades para a família e com seus próprios gastos. Apesar disso, a cada ano sua fortuna crescia mais depressa do que ele a gastava.

Um dia, alguns amigos de infância o procuraram, e um deles disse, em nome de todos os outros:

— Você, Arkad, é mais afortunado do que nós. Tornou-se o homem mais rico da Babilônia, enquanto nós continuamos lutando para conseguirmos viver. Você pode usar as mais belas roupas e saborear as comidas mais refinadas, enquanto nós devemos nos dar por satisfeitos se conseguirmos vestir nossas famílias de forma minimamente decente e alimentá-las o melhor que pudermos. Contudo, no passado, éramos iguais. Estudamos com o mesmo mestre e participamos dos mesmos jogos, e nem nos estudos nem nos jogos você se destacava entre nós. E, desde então, durante todos esses anos que se passaram, você não foi um cidadão mais honrado do que nós... Até onde sabemos, você também não trabalhou com mais afinco nem mais dedicação. Por que, então, a sina caprichosa escolheu-o para desfrutar de todas as coisas boas da vida, ignorando a nós, que temos tanto mérito quanto você?

Ao ouvir isso, Arkad repreendeu-os, dizendo:

— Se não conseguiram mais do que uma vida modesta nesses anos todos, desde nossa juventude, foi porque não aprenderam ou não seguiram as leis que regem a construção da riqueza.

— A “sina caprichosa” — continuou Arkad — é uma deusa cruel que não traz a ninguém o bem duradouro. Pelo contrário, ela traz a ruína a quase todos aos quais entrega o ouro sem que tenham feito por merecer. Ela cria esbanjadores irresponsáveis, que rapidamente gastam tudo o que receberam, restando-lhes somente desejos e apetites violentos, impossíveis de satisfazer. Há ainda aqueles que, vendo-se favorecidos por ela, tornam-se avarentos e guardam sua riqueza com receio de gastar o que têm, pois sabem que não serão capazes de repô-la. Além disso, vivem dominados pelo medo de serem roubados e terminam presos em uma vida vazia, repleta de angústias secretas... — Ele fez uma pausa e, então, concluiu:

— Deve existir quem consiga fazer render o ouro ganho sem esforço e continuar sendo um cidadão feliz e satisfeito. Mas pessoas assim são tão raras que só as conheço de ouvir falar. Pensem naqueles que herdaram uma fortuna repentina e vejam se não é verdade o que estou dizendo.

Seus amigos, lembrando-se de alguns homens que haviam herdado riquezas, concordaram que sim, era verdade. Pediram-lhe, então, que explicasse como havia se tornado tão próspero, e ele prosseguiu:

— Quando era jovem, olhei ao redor e vi todas as coisas boas que podiam trazer alegria e satisfação. E percebi que a riqueza aumentava a potência de todas. Então, concluí:

*A riqueza é um poder. Com riqueza, muitas coisas tornam-se possíveis.*

*É possível decorar a casa com os mais belos móveis.*

*É possível navegar pelos mares distantes.*

*É possível saborear iguarias de terras longínquas.*

*É possível comprar joias do ourives e do joalheiro.*

*É possível até construir templos grandiosos para os deuses.*

*É possível fazer todas essas coisas e muitas outras, que agradam os sentidos e gratificam a alma.*

— Quando compreendi tudo isso — ele continuou —, prometi a mim mesmo que conquistaria meu quinhão das coisas boas da vida.

Não seria um daqueles que apenas observam de longe, invejando quem desfruta delas. Não me contentaria com as roupas mais baratas que pudessem ter aparência respeitável. Não me conformaria com uma vida de homem pobre. Pelo contrário, eu faria parte daquele banquete de coisas boas.

Depois de uma pausa, ele retomou:

— Sendo, como sabem, filho de um humilde mercador, somente mais um em uma grande família, sem esperança de receber alguma herança, e não sendo dotado, como tão honestamente vocês expressaram, de nenhuma habilidade ou sabedoria superior, percebi que, se quisesse obter o que desejava, precisaria de tempo e estudo.

— Quanto ao tempo — ele continuou —, todo homem o tem em abundância. Vocês, cada um de vocês, deixaram passar tempo suficiente para que tivessem ficado ricos. No entanto, como admitem, nada têm para ostentar a não ser suas belas famílias, das quais podem sentir um justo orgulho...

No que se refere ao estudo, acaso não aprendemos com nosso sábio professor que há dois tipos de aprendizado? Um tipo engloba as coisas que aprendemos e sabemos, o outro abrange algo que nos ensina como descobrir as coisas que não sabemos...

Assim, decidi descobrir o que eu teria de fazer para acumular riqueza e, tendo descoberto o meio, percebi que deveria transformá-lo em uma tarefa a ser executada com dedicação. Pois acaso não é sábio desfrutar a vida enquanto nos ilumina o sol, já que suficiente pesar teremos ao partir para a escuridão do mundo dos espíritos? — ele indagou e prosseguiu:

— Consegui um emprego como escriba na sala de registros, e todos os dias trabalhava muitas horas sobre as placas de argila. Trabalhei semana após semana, e mês após mês, mas, de tudo o que recebia, nada restava. A comida, as roupas, as oferendas aos deuses e outras coisas das quais já não me lembro consumiam tudo o que eu ganhava. Contudo, a determinação não me abandonava.

— Um dia — ele continuou —, Algamish, o prestamista de dinheiro, veio à casa do administrador da cidade para encomendar uma cópia da Nona Lei, e ele me disse: “Preciso desta cópia em



dois dias. Se fizer o trabalho dentro do prazo, eu lhe darei duas moedas de cobre!”. Então, trabalhei arduamente, mas aquela lei era imensa. Quando Algamish voltou, eu ainda não havia terminado. Ele ficou irritado, e, se eu fosse seu escravo, ele teria batido em mim. Sabendo, porém, que o administrador da cidade não permitiria que o fizesse, respondi-lhe sem temor: “Algamish, você é um homem muito rico. Diga-me como eu também posso enriquecer, e trabalharei a noite inteira em sua cópia de modo que esteja pronta quando o sol se erguer!”. Ele sorriu para mim e disse: “Você é um moleque atrevido, mas eu aceito o trato!”.

— Durante toda a noite — continuou Arkad —, gravei na argila, embora minhas costas doessem e o cheiro da lamparina fizesse minha cabeça também doer até eu mal conseguir enxergar. Entretanto, quando ele voltou, ao nascer do sol, as placas estavam concluídas. Então, eu lhe disse: “Agora, faça o que prometeu!”.

“Você cumpriu sua parte no trato, meu filho”, ele me disse, com bondade. “Estou pronto para cumprir a minha; vou lhe dizer o que deseja saber, pois estou ficando velho, e os velhos gostam de falar. E quando um jovem pede conselhos a um velho, ele recebe a sabedoria da experiência. Muitas vezes, porém, os jovens acham que os velhos têm apenas a sabedoria de tempos passados, e por isso não usufruem dos benefícios que ela tem a oferecer. Mas lembre-se disto: o sol que brilha hoje é o mesmo que brilhava quando seu pai nasceu, e ainda vai brilhar quando o último de seus netos se for para a escuridão!”.

Então, ele prosseguiu: “As ideias dos jovens são luzes radiantes que brilham brevemente, como os meteoros no céu, mas a sabedoria da velhice é como as estrelas fixas, que brilham tão imutáveis que os marinheiros confiam nelas para traçarem seu rumo... Guarde bem minhas palavras; caso contrário, não compreenderá a verdade que lhe contarei e achará que trabalhou a noite toda em vão!”.

Ele fez uma pausa e me fitou com um olhar astuto por baixo das sobrancelhas cerradas e então disse, com uma voz grave e firme: “Eu encontrei o caminho para a riqueza quando decidi que *uma parte de tudo o que eu ganhava era minha para ser guardada*. E assim será com você!”.

Ele continuou ali, o olhar penetrante fixo em mim, e não disse mais nada. Então, eu perguntei: “É só isso?”. E ele respondeu: “Isso foi o suficiente para transformar o coração de um pastor de ovelhas no coração de um prestamista.”.

“Mas *tudo* o que ganho é meu para ser guardado, não é?”, indaguei.

“Muito pelo contrário!”, ele respondeu. “Você não paga a quem faz suas roupas? Não paga a quem faz suas sandálias? Não paga por sua comida? Você consegue morar na Babilônia sem gastar dinheiro algum? O que tem para mostrar como resultado de seus ganhos do mês passado? E do ano passado? Tolo! Você paga a todo mundo menos a você mesmo. Idiota! Você trabalha para os outros. É o mesmo que ser escravo e trabalhar para um mestre que lhe dá comida e roupas. Se guardar um décimo de tudo o que ganha, quanto terá em dez anos?”, ele me perguntou.

Fiz as contas e respondi: “O mesmo que ganho em um ano”.

“O que você diz corresponde apenas a meia verdade”, ele retrucou. “Cada moeda de ouro economizada é como um escravo que trabalha para você. Cada moeda de cobre que ela rende é um filho dela que também pode trabalhar para você. Se deseja ficar rico, aquilo que você economiza deve render, e os rendimentos dessas economias devem também render, para que, juntos, o ajudem a alcançar a abundância que tanto almeja!”. Então, ele disse: “Deve achar que eu o enganei e que você trabalhou a noite toda por nada, mas lhe pagarei mil vezes se tiver a sabedoria de compreender a verdade que lhe apresentei!”, ele propôs.

“Uma parte de tudo o que você ganha é sua para ser guardada. Não deve ser menos do que um décimo, por menos que ganhe. Pode ser mais, o quanto for possível. Pague primeiro a você. Não compre de quem faz roupas ou de quem faz sandálias mais do que puder pagar com o restante e ainda ter o bastante para comer e para a caridade e as oferendas aos deuses”, ele disse.

“A riqueza, como uma árvore, cresce a partir de uma semente pequena. A primeira moeda de cobre que você economizar será a semente da qual crescerá sua árvore da riqueza. Quanto mais cedo você plantar a semente, mais cedo a árvore crescerá. E quanto mais

fielmente você regar e adubar a árvore, com aportes regulares, mais cedo poderá descansar satisfeito à sua sombra.”

Depois de dizer tudo isso, ele pegou suas placas e se foi. Pensei muito sobre o que ele dissera, e pareceu-me sensato. Então, decidi tentar. Cada vez que me pagavam, eu separava uma de cada dez moedas de cobre e a guardava. Por mais estranho que pareça, não me faltava mais dinheiro que antes. Não notava muita diferença, pois conseguia viver sem aquela quantia, mas, à medida que minhas reservas aumentavam, com frequência, sentia-me tentado a gastá-las com algumas das coisas boas oferecidas pelos mercadores, produtos que camelos e navios traziam do país dos fenícios. Mas a prudência impedia-me de fazê-lo.

Passados doze meses, Algamish voltou e me disse: “Filho, você pagou a si mesmo ao menos um décimo de tudo o que ganhou neste ano que se passou?”.

“Sim, mestre”, respondi orgulhoso.

“Muito bem!”, ele disse, sorrindo para mim. “E o que fez com suas economias?”.

“Eu as entreguei a Azmur, o fabricante de tijolos. Ele me disse que iria viajar pelos mares distantes e que compraria joias raras dos fenícios em Tiro. Quando ele voltar, vamos vendê-las por preços elevados e dividir os lucros”, contei a ele.

“Todo tolo um dia aprende!”, resmungou ele. “Mas por que confiar no conhecimento que um fabricante de tijolos tem sobre joias? Você por acaso consulta um padeiro para saber sobre as estrelas? Não, por minha túnica! Se parar para pensar um pouco, você vai procurar um astrólogo. Suas economias se foram, jovem! Você arrancou pela raiz sua árvore da riqueza. Mas plante outra. Tente de novo. E, da próxima vez que quiser aconselhar-se sobre joias, procure um joalheiro. Se quiser saber algo sobre ovelhas, procure um pastor. Conselhos são dados de graça, mas tenha o cuidado de aceitar só aqueles que valem a pena. Quem se aconselha a respeito das próprias economias com quem não entende do assunto paga com elas o preço da opinião alheia equivocada”, ele arrematou.

E, depois de dizer isso, ele se foi... Aconteceu o que ele disse, pois os fenícios são malandros e venderam a Azmur pedaços de vidro sem valor que pareciam pedras preciosas. Segui, contudo, a orientação de Algamish, e de novo passei a guardar uma moeda de cobre de cada dez que ganhava, pois então já havia me habituado e fazia isso sem dificuldades. De novo, doze meses depois, Algamish visitou a sala dos escribas e dirigiu-se a mim. “Qual foi seu progresso desde a última vez em que falei com você?”, ele perguntou. “Tenho pagado fielmente a mim”, respondi. “Confiei minhas economias a Aggar, o fabricante de escudos, para comprar bronze, e a cada quatro meses ele me paga os rendimentos.”

“Isso é muito bom. E o que você faz com essa quantia?”, ele perguntou. “Faço um farto banquete com mel, bons vinhos e bolos com especiarias. Também comprei uma túnica escarlate. E algum dia vou comprar um burrico no qual poderei montar”, eu respondi.

Algamish riu ao ouvir isso. “Você está comendo os filhos de suas economias”, ele me disse. “Desse modo, como espera que trabalhem para você? E como podem eles ter filhos que também trabalhem? Primeiro, consiga um exército de escravos de ouro, e então poderá desfrutar de muitos banquetes sem se preocupar!”.

Dizendo isso, mais uma vez ele se foi. Não o vi durante dois anos, e, quando mais uma vez ele retornou, seu rosto estava marcado por rugas profundas e seus olhos estavam caídos, pois ele envelhecera. Ao me ver, ele me disse: “Arkad, já conseguiu a riqueza com a qual sonhava?”. E eu lhe respondi: “Ainda não consegui tudo o que desejo, mas tenho alguma coisa, que gera rendimentos, e esses rendimentos também rendem.”.

“E você ainda pede conselhos a quem fabrica tijolos?”, ele perguntou.

“Sobre como fabricar tijolos, eles dão bons conselhos”, retruquei.

“Arkad, você aprendeu bem as lições”, ele prosseguiu. “Primeiro, aprendeu a viver com menos do que consegue ganhar. Depois, aprendeu a pedir conselhos a quem, por sua própria experiência, tem competência para dá-los. E, por fim, você aprendeu a fazer o ouro trabalhar por você... Aprendeu por si mesmo como obter dinheiro, como conservá-lo e como usá-lo. Portanto, tem competência para assumir um cargo de responsabilidade. Estou

ficando velho. Meus filhos só pensam em gastar e não se preocupam em ganhar dinheiro. Meus negócios são grandes, grandes demais para que eu possa cuidar deles sozinho. Se quiser ir para Nippur, tomar conta das terras que tenho lá, farei de você meu sócio, e terá parte de minha herança!”.

Desse modo, fui para Nippur e passei a cuidar das propriedades dele, que eram imensas. Por nutrir grandes ambições e por haver dominado as três leis de como lidar bem com a riqueza, fui capaz de aumentar imensamente o valor dos bens dele. Com isso, prosperei muito e, quando o espírito de Algamish partiu para o reino da escuridão, recebi uma parte de seus bens, conforme ele dispusera dentro da lei.

Assim falou Arkad, e, quando concluiu sua história, um de seus amigos disse:

— Você teve muita sorte quando Algamish o tornou um de seus herdeiros.

— Minha grande sorte foi simplesmente já ter o desejo de prosperar mesmo antes de conhecê-lo. Pois acaso não demonstrei, durante quatro anos, a firmeza de minha determinação ao guardar um décimo de tudo o que ganhava? Você diria que teve sorte um pescador que durante anos estudou os hábitos dos peixes, de modo que com cada mudança de vento pudesse lançar sobre eles sua rede? A oportunidade é uma deusa arrogante que não perde seu tempo com quem não está preparado.

— Você demonstrou grande força de vontade ao prosseguir depois de ter perdido suas economias do primeiro ano. Nesse aspecto, você é fora do comum! — disse outro.

— Força de vontade! — exclamou Arkad. — Que bobagem! Você acha que a força de vontade dá a um homem a capacidade de erguer um fardo que um camelo não conseguiria carregar, ou de arrastar uma carga que os bois não poderiam puxar? Força de vontade nada mais é do que a determinação inabalável de levar até o fim o que você se propôs a fazer. Se estabeleço para mim uma tarefa, por menor que seja, eu a cumprirei. De outro modo, como poderia confiar em mim mesmo para realizar trabalhos importantes? Se disser a mim mesmo “por cem dias, sempre que cruzar a ponte que leva à cidade, apanharei no chão uma pedrinha e a jogarei no

rio”, eu assim o farei. Se, no sétimo dia, eu cruzar a ponte sem me lembrar, não direi “amanhã jogarei duas pedras e será a mesma coisa”. Em vez disso, voltarei até a ponte e jogarei a pedrinha. E tampouco direi, no vigésimo dia, “Arkad, isso é inútil. Qual o sentido de jogar uma pedrinha por dia? Jogue logo um punhado e acabe com isso!”. Não, não direi e nem farei isso. Quando estabeleço uma tarefa para mim, eu a cumprio. Assim, procuro nunca começar tarefas difíceis e impraticáveis, pois gosto muito de ter meu tempo livre.

Então, outro amigo manifestou-se, dizendo:

— Se o que nos conta é verdade, e de fato parece razoável, como você mesmo afirma, então é tudo muito simples, e todos os homens poderiam fazê-lo. Nesse caso, contudo, não haveria riqueza suficiente para todo mundo.

— A riqueza cresce sempre que os homens aplicam sua energia — Arkad retrucou. — Se um homem rico constrói um palácio, o ouro que ele gasta vai desaparecer? Não, o fabricante de tijolos recebe sua parte, o operário recebe a sua e o artista também recebe. E todos os que trabalham na construção recebem uma parte do ouro. E, quando o palácio fica pronto, acaso ele não vale tudo o que custou? E o terreno sobre o qual foi construído não foi valorizado por ele estar ali, da mesma forma que o terreno vizinho também se valoriza com sua presença? A riqueza cresce de formas mágicas. Homem nenhum consegue prever os limites que ela alcançará. Os fenícios não foram capazes de erguer grandes cidades em costas áridas, graças à riqueza trazida através dos mares por seus barcos mercantes?

— Portanto, o que você aconselha que façamos para também podermos enriquecer? — perguntou outro dos amigos. — Os anos se passaram, já não somos tão jovens e não temos nada guardado.

— O conselho que dou é que ouçam a sabedoria de Algamish e digam para si mesmos: “*Uma parte de tudo o que ganho é minha para ser guardada!*”. Digam isso quando acordam pela manhã, no meio do dia e à noite. Digam isso a cada hora de cada dia. Digam isso para si mesmos até que as palavras saltem à vista, como letras incandescentes no céu.

— Fiquem impregnados com essa ideia — continuou Arkad. — Saturem-se com esse pensamento. Então, tomem a quantia que acharem adequada, nunca menos que um décimo, e guardem-na. Caso necessário, organizem seus gastos para conseguir fazer isso. Mas primeiro guardem essa porção. Logo, terão a agradável sensação de ser donos de um tesouro que só a vocês pertence. À medida que ele cresce, vai estimulá-los. Vocês sentirão uma renovada vontade de viver. Farão maiores esforços para ganhar mais, pois, com maiores ganhos, não aumentará também o valor daquela porção que é sua para ser guardada?

— Em seguida, aprendam a fazer seu tesouro trabalhar para vocês — ele prosseguiu. — Façam dele seu escravo. Façam os filhos dele e os filhos dos filhos dele trabalharem para vocês. Garantam uma renda para o futuro. Olhem para os idosos e não se esqueçam de que chegará o dia em que vocês também ficarão velhos. Por isso, invistam seu tesouro com grande cautela, para não o perder. Taxas de retorno exorbitantes são sereias traíçoeiras, que cantam para atrair os incautos para os rochedos da perda e do arrependimento...

Providencie para que suas famílias não passem necessidade se acaso os deuses o chamarem para o reino deles. Para assegurar-lhes proteção, sempre é possível fazer pequenos pagamentos a intervalos regulares. Dessa forma, o homem previdente não protela, à espera de que uma grande quantia de dinheiro esteja disponível para esse sábio objetivo...

Informem-se com homens sábios. Busquem os conselhos daqueles que lidam com o dinheiro todos os dias. Deixe que eles os livrem de erros como o que eu mesmo cometi quando confiei meu dinheiro ao bom senso de Azmur, o fabricante de tijolos. Um retorno modesto, mas seguro, é muito mais desejável do que o risco...

Aproveitem a vida enquanto estão neste mundo. Não se esforcem à toa nem tentem economizar demais. Se um décimo de tudo o que ganham é o máximo que podem guardar de forma confortável, contentem-se em economizar essa porção. De resto, vivam de acordo com sua renda, e tenham cuidado para não se tornarem avaros e terem medo de gastar. A vida é boa e está repleta de coisas que valem a pena e que devem ser desfrutadas.

Depois que Arkad disse tudo isso, seus amigos agradeceram e se foram. Alguns ficaram calados por não ter imaginação suficiente para compreender. Outros fizeram comentários sarcásticos, por acharem que alguém tão rico deveria partilhar seu dinheiro com velhos amigos menos afortunados. Mas havia aqueles cujos olhos brilhavam com uma nova luz. Estes entenderam que Algamish retornara tantas vezes à sala dos escribas porque estava observando um homem que abria caminho em meio à escuridão, rumo à luz. Quando esse homem encontrou a luz, havia um lugar à sua espera. Ninguém ocuparia tal lugar até ele alcançar sozinho a compreensão e estar pronto para a oportunidade.

Foram esses últimos que, nos anos seguintes, continuaram visitando Arkad, sendo sempre bem-recebidos. Ele os aconselhou e partilhou com eles sua sabedoria, como sempre fazem de bom grado os homens de grande experiência. Orientou-os a investir com segurança suas economias, para que rendessem bons juros sem que se perdessem ou ficassem empatadas em investimentos sem rentabilidade.

A vida daqueles homens mudou no dia em que compreenderam a verdade que fora transmitida de Algamish para Arkad e de Arkad para eles.

UMA PARTE DE  
TUDO O QUE VOCÊ  
GANHA É SUA PARA  
SER GUARDADA.



# AS SETE FORMAS DE ENCHER UMA BOLSA VAZIA

A glória da Babilônia persiste. Através dos séculos, manteve sua reputação como a mais rica das cidades com tesouros extraordinários. A cidade, no entanto, não foi sempre assim. Suas riquezas resultaram da sabedoria de seus habitantes. A princípio, eles tiveram de aprender como ficar ricos.

Quando o bom rei Sargão retornou à Babilônia depois de derrotar os elamitas, encontrou-se diante de uma situação muito séria. O chanceler real explicou-lhe da seguinte forma o que ocorria:

— Depois de muitos anos de grande prosperidade de nosso povo, decorrente da construção, por Sua Majestade, de grandes canais de irrigação e magníficos templos para os deuses, agora que tais obras foram concluídas, as pessoas parecem não ter meios de sustentar-se. Os trabalhadores não têm emprego. Os mercadores têm poucos fregueses. Os agricultores não conseguem vender sua produção. As pessoas não têm ouro suficiente para comprar comida.

— Mas para onde foi todo o ouro que gastamos nessas grandes benfeitorias? — indagou o rei.

— Receio que tenha ido parar nas mãos de uns poucos homens muito ricos de nossa cidade — respondeu o chanceler. — O ouro escorreu por entre os dedos da maioria das pessoas, tão rápido quanto o leite de cabra passa pelo coador. Agora que a fonte de ouro deixou de jorrar, a maior parte de nosso povo está sem nada do que havia ganhado.

O rei ficou pensativo por algum tempo. Então, perguntou:

— Por que tão poucos homens foram capazes de ficar com todo o ouro?

— Porque eles sabem como fazê-lo — respondeu o chanceler.

— Não se pode condenar um homem por saber como ter sucesso. Tampouco haveria justiça em tirar de um homem a riqueza que ele adquiriu de forma justa, para dar a homens de menor capacidade. Mas por que não podem todos os homens aprender a acumular ouro e, assim, tornarem-se ricos e prósperos?

— Isso seria possível, sua Excelência. Mas quem lhes ensinaria? Com certeza, não os sacerdotes, pois eles nada sabem sobre fazer dinheiro.

— Em nossa cidade, quem é a pessoa que mais sabe fazer fortuna? — perguntou o rei.

— Sua pergunta responde-se sozinha, Majestade. Quem reuniu a maior fortuna da Babilônia?

— Muito bem-dito, meu caro chanceler. É Arkad. Ele é o homem mais rico da Babilônia. Traga-o até mim amanhã de manhã.

No dia seguinte, conforme o rei havia ordenado, Arkad apresentou-se diante dele, ereto e vigoroso, apesar de seus setenta anos.

— Arkad, é verdade que você é o homem mais rico da Babilônia? — perguntou o rei.

— Assim se diz, Majestade, e ninguém contesta isso.

— Como você se tornou tão rico?

— Aproveitando as oportunidades disponíveis a todos os cidadãos de nossa boa cidade.

— Você não tinha nada ao começar?

— Somente um grande anseio por riqueza. Fora isso, nada.

O rei prosseguiu:

— Arkad, nossa cidade está em uma situação muito delicada, porque são poucos os homens que sabem como adquirir riqueza. Por isso, eles monopolizam o dinheiro, enquanto a grande maioria de nossos cidadãos não sabe o que fazer para reter ao menos uma parte do ouro que recebe. Desejo que a Babilônia seja a cidade mais rica do mundo, e para isso ela deve ter muitos homens ricos.

Devemos ensinar toda a população como adquirir riquezas. Diga-me, Arkad, existe algum segredo para a obtenção de riqueza que possa ser ensinado?

— É possível fazê-lo, Majestade. Tudo o que um homem sabe pode ser ensinado a outros.

Os olhos do rei brilharam.

— Arkad, é exatamente o que eu queria ouvir. Você se dedicaria a esta grande causa, transmitindo seu conhecimento em uma escola? Nela, você formaria professores, e cada um deles ensinaria outros mais, até haver mestres suficientes para levar suas informações a todos os súditos dignos em meu reino.

Arkad fez uma reverência e disse:

— Sou um humilde servo às suas ordens. Com muito gosto, compartilharei todo o conhecimento de que disponho que possa contribuir para o bem-estar de meus conterrâneos e para a glória de meu rei. Peça a seu bom chanceler para organizar uma classe com cem homens, e ensinarei a eles as sete formas pelas quais acumulei fortuna quando não havia na Babilônia bolsa alguma mais vazia que a minha.

Duas semanas depois, seguindo as ordens do rei, os cem escolhidos reuniram-se no salão principal do Templo do Saber sentados em semicírculo sobre tapetes coloridos. Arkad sentou-se junto a um tamborete, sobre o qual fumegava uma lamparina sagrada emanando um aroma surpreendente e agradável.

— Veja o homem mais rico da Babilônia — sussurrou um aluno, cutucando seu vizinho quando Arkad levantou-se. — Ele é apenas um homem, como todos nós.

— Como súdito leal de nosso grande rei, estou aqui diante de vocês para servi-lo — começou Arkad. — Fui um jovem pobre, que muito ansiava por riquezas, e por ter encontrado o conhecimento que me permitiu obtê-las, o rei pediu-me que o compartilhasse com vocês...

Comecei minha fortuna de forma muito humilde. Não tinha nenhum privilégio que não esteja acessível a vocês e a todos os cidadãos da Babilônia...

O primeiro local onde depusitei meu tesouro foi uma bolsa velha. Detestava vê-la vazia e inútil. Queria que estivesse bem cheia, com moedas de ouro tilintando em seu interior. Assim, procurei descobrir todas as formas de encher uma bolsa vazia. Descobri sete...

A vocês que estão reunidos diante de mim, apresentarei as sete formas de encher uma bolsa vazia, que recomendo a todos os que desejam ouro em abundância. Durante sete dias, explicarei a vocês essas formas, uma por dia.

— Escutem com atenção o que vou compartilhar — ele prosseguiu. — Debatam comigo, discutam entre vocês. Aprendam muito bem as lições, para que possam plantar em suas próprias bolsas a semente da riqueza. Primeiro, cada um deve começar a construir com sabedoria sua própria fortuna. Então, e apenas então, serão competentes para ensinar estas verdades a outras pessoas...

Ensinarei formas simples de encher suas bolsas. Este é o primeiro passo que conduz ao templo da riqueza, e nenhum homem chegará a ele sem antes firmar os pés no primeiro degrau...

— Vejamos, então, a primeira forma...

## A PRIMEIRA FORMA

*Comece a encher sua bolsa.*

Arkad dirigiu-se a um homem que o ouvia pensativo na segunda fileira.

— Meu bom amigo, qual é o seu ofício?

— Sou escriba e gravo registros em placas de argila — respondeu o homem.

— Era exatamente o que eu fazia quando ganhei minhas primeiras moedas de cobre. Portanto, você tem a mesma oportunidade que tive de construir uma fortuna.

Então, ele se dirigiu a um homem de rosto corado, sentado mais para trás.

— Por favor, conte-nos também o que faz para ganhar o seu pão.

— Sou açougueiro — respondeu esse homem. — Compro cabras dos criadores e, depois de abatê-las, vendo a carne para

mães de família e o couro para os artesãos que fazem sandálias.

— Por também ter um trabalho e receber por ele, você tem as mesmas oportunidades de sucesso que tive.

Dessa maneira, Arkad prosseguiu, perguntando como cada um deles ganhava a vida. Ao terminar de questioná-los, ele disse:

— Bem, meus alunos, como veem, há muitos ofícios que permitem ganhar dinheiro. Cada um deles é como um fluxo de ouro a partir do qual o trabalhador, como remuneração por seu esforço, desvia uma parte que irá para sua bolsa. Assim, para dentro das bolsas de vocês fluem moedas grandes ou pequenas, de acordo com a capacidade de cada um. Não é assim?

Todos concordaram, e Arkad prosseguiu:

— Portanto, se algum de vocês deseja construir uma fortuna, não seria sensato começar usando essa fonte de riqueza que já possui?

Também com isso eles concordaram.

Então, Arkad voltou-se para um homem humilde que já declarara vender ovos e perguntou:

— Vamos supor que você tenha escolhido uma de suas cestas. Toda manhã, você coloca dez ovos nela, e, toda noite, tira nove. Com o tempo, o que acontecerá?

— Com o tempo, ela vai transbordar.

— Por quê?

— Porque a cada dia eu ponho um ovo a mais do que tiro.

Arkad virou-se para a classe com um sorriso.

— Alguém aqui tem uma bolsa vazia? — ele perguntou.

Os homens pareceram achar graça, riram e, então, sacudiram suas bolsas, gargalhando.

— Muito bem — prosseguiu Arkad. — Agora, vou lhes contar qual foi a primeira atitude que tomei para encher uma bolsa vazia. Façam exatamente o que sugeri ao mercador de ovos. *Para cada dez moedas que colocarem em sua bolsa, tirem para gastar apenas nove. Sua bolsa logo vai começar a encher-se de moedas, e o peso delas vai parecer agradável em suas mãos e trazer satisfação à sua alma.*

— Não façam pouco do que lhes disse só por ser algo tão simples — ele continuou. — A verdade sempre é simples. Disse a vocês que lhes contaria como construí minha fortuna. Foi assim meu início. Eu também tinha uma bolsa vazia, a qual eu amaldiçoava por não conter nada que pudesse satisfazer aos meus desejos. No entanto, quando comecei a tirar apenas nove partes de cada dez que colocava nela, ela começou a encher-se. O mesmo acontecerá com vocês...

Agora, conto-lhes uma estranha verdade, cuja explicação desconheço. Quando passei a gastar apenas nove décimos de meus ganhos, continuei vivendo do mesmo jeito. Não me faltava mais do que antes. E mais: pouco tempo depois, o dinheiro passou a chegar com mais facilidade. Certamente, é uma lei dos deuses que, para quem guarda uma parte de seus ganhos, o ouro venha com mais facilidade. Da mesma maneira, quem tem a bolsa vazia é evitado pelo ouro...

O que vocês mais almejam? A satisfação de seus desejos do dia a dia, uma joia, um belo adorno, roupas melhores, mais comida, todas as coisas que depressa se vão e são esquecidas? Ou desejam bens substanciais, ouro, terras, rebanhos, mercadoria, investimentos que geram renda? As moedas que são tiradas da bolsa trazem os primeiros. As moedas deixadas nela trarão esses últimos...

— Esta, meus alunos, foi a primeira forma que descobri de encher minha bolsa vazia — ele concluiu. — *De cada dez moedas nela colocadas, gastar apenas nove.* Discutam entre si. Se alguém conseguir demonstrar que isso não é verdade, digam-me amanhã, quando nos encontrarmos de novo!

## A SEGUNDA FORMA

### *Controle seus gastos.*

— Alguns de vocês perguntaram-me o seguinte: “Como pode um homem guardar um décimo de tudo o que ganha quando a totalidade do que recebe não alcança o suficiente para cobrir suas despesas básicas?”. — Assim dirigiu-se Arkad a seus alunos no

segundo dia. — Ontem, quantos de vocês estavam com as bolsas vazias?

— Todos nós — respondeu alguém da classe.

— E, no entanto, vocês não ganham todos o mesmo valor. Alguns ganham muito mais do que outros. Alguns têm famílias numerosas para sustentar. Mas todas as bolsas estão igualmente vazias. Agora, vou lhes contar uma verdade que diz respeito aos homens e a seus filhos. O que cada um de nós chama de “despesas básicas” sempre vai crescer de acordo com nossos ganhos, a menos que façamos algo para evitar isso.

— Não confundam as despesas básicas com os seus desejos — ele prosseguiu. — Cada um de vocês, junto de suas excelentes famílias, tem mais desejos do que pode satisfazer com seus próprios ganhos. Desse modo, por maiores que sejam os ganhos, tudo o que recebem sempre será gasto para satisfazer aos seus desejos, e muitos deles ainda permanecerão insatisfeitos...

Todos os homens são atormentados por mais desejos do que conseguem satisfazer. Acham que, graças à minha riqueza, consigo satisfazer a todos os desejos que tenho? É uma ideia equivocada. Há limites para meu tempo, para minhas forças, para as distâncias que consigo viajar, para o que consigo comer, para o entusiasmo com o qual consigo desfrutar a vida...

Digo-lhes que, sempre que houver uma chance de ao menos serem satisfeitos, os desejos crescerão dentro dos homens com a mesma liberdade com que as ervas daninhas crescem no campo sempre que o agricultor lhes deixa espaço. Os desejos são incontáveis, mas poucos são os que conseguimos satisfazer...

Estudem com cuidado seus hábitos de vida. Muitas vezes, vão encontrar gastos que consideram básicos, mas que podem ser reduzidos ou eliminados. Adotem como lema que o valor de cada moeda gasta deverá ser cem por cento bem empregado.

— Desse modo, anotem na argila cada gasto que desejam fazer — ele continuou. — Seleccionem os que são necessários e os que são possíveis dentro do limite de nove décimos de sua renda. Eliminem os demais, considerem como sendo parte dos incontáveis

desejos que devem permanecer insatisfeitos, e não se lamentem por eles.

— Façam um orçamento incluindo suas despesas básicas — ele arrematou. — Não toquem naquele décimo destinado a encher a bolsa. Que seja esse o grande desejo de vocês que está sendo realizado. Continuem trabalhando dentro de seu orçamento, sempre ajustando-o para que ele os auxilie. Façam dele o principal ajudante na tarefa de encher a bolsa.

Nesse ponto, um dos alunos, trajado com uma túnica vermelha e dourada, levantou-se e disse:

— Sou um homem livre. Acredito ter o direito de desfrutar as coisas boas da vida. Portanto, rebelo-me contra a escravidão de um orçamento que determina o quanto posso gastar e no quê. Sinto que isso privaria minha vida de muitos prazeres e me transformaria em pouco mais de um burro de carga.

— Quem, meu amigo, iria decidir qual é o seu orçamento? — perguntou-lhe Arkad.

— Eu mesmo — respondeu o homem.

— Sendo assim, se um burro pudesse decidir sobre sua carga, você acha que incluiria joias, tapetes e pesadas barras de ouro? Não! Ele incluiria feno, grãos e um odre de água para a viagem através do deserto — disse Arkad e prosseguiu: — O objetivo de um orçamento é ajudar sua bolsa a encher-se. É ajudar você a satisfazer a suas necessidades e talvez a alguns desejos, desde que possível. É garantir a realização de seus maiores desejos, protegendo-os dos desejos passageiros. Como uma luz brilhante em uma caverna escura, o orçamento revela os vazamentos que existem em sua bolsa e permite estancá-los, controlando os gastos com vistas a metas mais definidas e satisfatórias.

— Esta é, portanto, a segunda forma de encher uma bolsa vazia — concluiu Arkad. — *Façam o orçamento de seus gastos de modo a sempre haver dinheiro para as despesas obrigatórias, para seu divertimento e para satisfazer aos desejos possíveis, sem gastar mais do que nove décimos de seus ganhos.*

## A TERCEIRA FORMA



*Faça seu ouro multiplicar-se.*

— Suas bolsas já estão se enchendo. Vocês se disciplinaram para deixar nelas um décimo de tudo o que ganham. Controlaram seus gastos para proteger o tesouro que está crescendo. Agora, vejamos o que fazer para seu tesouro render e aumentar. O ouro guardado na bolsa é gratificante para nós e satisfaz a alma do avarento, mas não traz nenhum ganho. O ouro que guardamos a partir de nossos ganhos constitui apenas um começo. São os rendimentos que ele gera que constroem nossas fortunas.

Assim falou Arkad à classe no terceiro dia.

— Como, então, podemos fazer com que nosso ouro trabalhe? Meu primeiro investimento foi infeliz, pois perdi tudo. Contarei mais tarde essa história. Já meu primeiro investimento lucrativo foi um empréstimo que fiz a um homem chamado Aggar, que fazia escudos. Uma vez por ano, ele comprava, para uso em sua oficina, um grande carregamento de bronze que vinha de além-mar. Como não dispunha de capital suficiente para pagar pela mercadoria, ele tomava empréstimos de quem tivesse algum dinheiro sobrando. Era um homem honrado, que, à medida que vendia os escudos, pagava os empréstimos com juros generosos...

Cada vez que eu lhe emprestava dinheiro, emprestava também os juros que ele havia pagado. Desse modo, não só meu capital aumentava, mas aumentavam também os juros que rendiam. Era muito agradável ver essas quantias voltarem à minha bolsa...

Digo-lhes, meus alunos: a riqueza de um homem não está nas moedas que carrega em sua bolsa, mas na renda que ele constrói, no ouro que afluí continuamente para a bolsa e que a mantém sempre cheia. É isso o que todo homem deseja. É o desejo de cada um de vocês: uma fonte de renda que seja contínua, esteja você trabalhando ou viajando...

Adquiri uma grande renda. Tão grande que me consideram um homem muito rico. Meus empréstimos a Aggar foram minha primeira experiência com investimentos lucrativos. Com base no que aprendi, aumentei meus empréstimos e investimentos à medida que meu capital aumentava. No começo de poucas fontes, e depois de

muitas mais, para dentro de minha bolsa fluía uma riqueza em ouro que eu podia usar como quisesse, sempre com sabedoria...

Como veem, a partir de meus humildes ganhos, reuni um batalhão de escravos dourados, todos trabalhando para mim e ganhando mais ouro. Assim como eles, também seus filhos trabalhavam, e os filhos de seus filhos, até seus esforços combinados gerarem uma renda considerável...

O ouro cresce depressa quando se tem ganhos razoáveis, como demonstra a história que vou contar agora. Um fazendeiro, ao nascer seu primeiro filho, levou dez moedas de prata para um prestamista e pediu-lhe que as emprestasse a juros, em nome do filho, até que este fizesse vinte anos. Foi o que o prestamista fez, e combinaram que os juros devidos seriam de um quarto do valor a cada quatro anos. O fazendeiro pediu que, por ter destinado o dinheiro ao filho, os juros fossem incorporados à quantia principal...

Quando o rapaz fez 20 anos, o fazendeiro procurou o prestamista para perguntar-lhe sobre a prata. O prestamista explicou que, tendo a quantia aumentado pelos juros compostos, as dez moedas de prata originais agora haviam aumentado para trinta moedas e meia...

O fazendeiro ficou muito satisfeito e, como o filho não precisava do dinheiro, deixou-o com o prestamista. Quando o filho fez 50 anos, já tendo o pai passado para o além, o prestamista lhe devolveu 167 moedas de prata...

Assim, em cinquenta anos, o investimento a juros multiplicou-se quase dezessete vezes.

— Esta, portanto, é a terceira forma de encher uma bolsa vazia — ele concluiu. — *Façam cada moeda render de modo que ela se reproduza do mesmo jeito que os rebanhos no campo e ajude a lhe trazer renda num afluxo constante de riqueza para dentro de sua bolsa.*

#### A QUARTA FORMA

*Proteja seus tesouros contra perdas.*

— O infortúnio adora uma marca brilhante. O ouro contido na bolsa de um homem deve ser protegido com tenacidade, para não se perder. Assim, é prudente, primeiro, conquistar pequenas quantias e aprender como protegê-las, antes que os deuses nos confiemos somas maiores.

Assim falou Arkad no quarto dia a sua classe.

— Todo proprietário de ouro vê-se tentado a investir em projetos que parecem atraentes e que prometem grandes ganhos. É comum que amigos e familiares entrem em tais investimentos cheios de expectativas e insistam para que ele entre também.

— O primeiro princípio básico do investimento é a segurança de seu capital principal — ele prosseguiu. — Acaso seria prudente ser atraído por ganhos maiores quando existe o risco de perder seu capital? Digo-lhes que não. O preço do risco é a possível perda. Antes de separarem-se de seu tesouro, analisem cuidadosamente todas as garantias de que ele poderá ser resgatado com segurança. Não se deixem iludir por desejos românticos de fazer fortuna rapidamente...

Antes de emprestarem dinheiro a quem quer que seja, certifiquem-se de que a pessoa tem condições de devolver o empréstimo, e de que tem boa reputação como pagadora, para não lhe entregarem de mão beijada seu tesouro conquistado a tão duras penas...

Antes de fazerem qualquer investimento, procurem saber quais perigos seu dinheiro pode estar correndo...

O primeiro investimento que fiz foi, à época, uma tragédia para mim. Confiei minhas economias de um ano a um fabricante de tijolos, de nome Azmur, que iria viajar para mares distantes e concordou em comprar para mim, em Tiro, joias fenícias raras. Quando retornasse, nós as venderíamos e dividiríamos os lucros. Os fenícios foram desonestos e venderam-lhe pedaços de vidro em vez de joias... Meu tesouro se perdeu. Hoje, de imediato, eu saberia que seria loucura confiar a compra de joias a alguém que fabrica tijolos...

Portanto, o conselho que lhes dou, com base no conhecimento que vem da experiência, é: não confiemos demais em seu próprio

discernimento e não confiem seu tesouro a investimentos que podem ser armadilhas. É melhor amparar-se no conhecimento de quem está acostumado a fazer o dinheiro render. Esses conselhos são dados de graça, e de imediato podem adquirir o mesmo valor em ouro que a quantia a ser investida. Na verdade, este é precisamente o valor de tais conselhos: que eles evitem a perda do investimento.

— Esta, então, é a quarta forma de encher uma bolsa vazia, e é de grande importância para evitar que sua bolsa se esvazie depois de ficar cheia — ele concluiu. — *Protejam seu tesouro contra a perda, investindo-o apenas onde a quantia principal estiver segura, onde ela puder ser resgatada quando desejarem e onde tiverem a garantia de que receberão juros adequados. Consultem homens sábios. Peçam conselhos a quem tem experiência em fazer o dinheiro render. Usem o conhecimento deles para proteger seu tesouro dos investimentos duvidosos.*

#### A QUINTA FORMA

*Faça de sua propriedade um investimento lucrativo.*

— Se um homem reservar nove décimos de seus ganhos para viver e desfrutar a vida, e se qualquer porção dessas nove partes puder ser transformada em um investimento lucrativo, sem prejuízo a seu bem-estar, então, seu tesouro aumentará muito mais depressa.

Assim falou Arkad a sua classe na quinta aula.

— Há muitos homens na Babilônia que vivem com suas famílias em moradias impróprias. Eles pagam aluguéis abusivos por imóveis onde suas mulheres não têm espaço nem para cultivar as flores que alegam o coração, e onde seus filhos só podem brincar nas vielas imundas...

Nenhuma família pode desfrutar plenamente a vida se não tiver um lugar onde as crianças possam brincar ao ar livre e a mulher possa cultivar não só flores, mas também vegetais nutritivos que alimentem sua família...

O coração de um homem se enche de alegria ao comer os figos de suas próprias árvores e as uvas de suas próprias videiras. Ser dono de seu próprio lar e ter orgulho de mantê-lo traz confiança a um homem e aumenta seu entusiasmo para levar adiante seus projetos. Portanto, recomendo que todo homem seja dono do teto que o abriga junto aos seus...

Ser dono de seu próprio lar não está além da capacidade de um homem bem-intencionado. Acaso nosso grande rei não ampliou as muralhas da Babilônia de tal modo que, agora, há, em seu interior, muita terra não ocupada que pode ser adquirida por quantias em geral razoáveis?

E ele continuou:

— Também lhes digo, meus alunos, que os prestamistas atendem com muito boa vontade os homens que estão em busca de um lar e de terras para sua família. Havendo necessidade de um empréstimo para finalidades tão louváveis quanto pagar ao fabricante de tijolos ou ao construtor, não será difícil obtê-lo, desde que já disponham de uma boa parte da quantia total necessária...

Depois, quando já tiver construído sua casa, você poderá pagar ao prestamista regularmente, da mesma forma como pagava o aluguel a seu senhorio. Cada pagamento reduzirá seu débito, e, em poucos anos, o empréstimo será quitado...

Então, seu coração se alegrará, pois você será o proprietário por direito de um bem valioso, cujos únicos custos serão os impostos do rei...

Além disso, sua boa esposa poderá ir ao rio com mais frequência para lavar suas roupas, e, cada vez que voltar, poderá trazer um odre de água para regar seus cultivos.

— Desse modo, muitas bênçãos recairão sobre aquele que for dono de sua própria moradia — ele concluiu. — Seu custo de vida diminuirá, e uma parte maior de seus ganhos poderá destinar-se aos prazeres e à satisfação de seus desejos. Esta é, portanto, a quinta forma de encher uma bolsa vazia: *seja dono de seu próprio lar.*

## A SEXTA FORMA

### *Garanta uma renda futura.*

— A vida de cada homem avança de sua infância rumo à velhice. É esse o caminho natural, e homem nenhum pode desviar-se dele, a menos que os deuses o chamem prematuramente para o mundo do além. Por isso, digo-lhes que *um homem deve prever uma renda adequada para os dias futuros, quando já não for mais jovem, e fazer preparativos para sua família, para quando não mais estiver com os seus e não puder mais confortá-los e ampará-los.* Esta lição deve ensinar-lhes como ter uma bolsa cheia quando já não tiverem tanta facilidade para aprender, por conta da idade.

Assim dirigiu-se Arkad a sua classe no sexto dia.

— O homem que, graças a sua compreensão das leis da riqueza, obtém um excedente cada vez maior, deveria pensar nos dias futuros. Deveria planejar investimentos e economias que permaneçam seguros por muitos anos, e que possam estar disponíveis quando chegar o momento para o qual ele tão sabiamente se preparou...

Há várias maneiras pelas quais um homem pode preparar-se para um futuro seguro. Ele pode enterrar um tesouro em um esconderijo secreto; no entanto, por melhor que esconda esse tesouro, sempre haverá o risco de ser roubado. Por esse motivo, não recomendo tal método...

Um homem pode comprar casas ou terras com esse fim. Se escolhidas por sua utilidade e seu valor futuro, são bens de valor permanente, e seus rendimentos ou sua venda serão muito adequados para os propósitos do proprietário.

Um homem pode entregar pequenas quantias para o prestamista, aumentando-as com aportes regulares. Os juros que o prestamista adicionar ao montante principal vão acelerar seu crescimento. Conheço um fabricante de sandálias, de nome Ansan, que me contou, faz pouco tempo, que durante oito anos entregou, semanalmente, duas moedas de prata a seu prestamista. O prestamista acabava de lhe apresentar um balanço que o deixou muito feliz. A soma dos pequenos depósitos, juntamente aos juros à taxa costumeira de um quarto de seu valor a cada quatro anos, havia chegado então a um total de 1.040 moedas de prata...

Encorajei-o a continuar demonstrando-lhe, com meu conhecimento de números, que, em doze anos, se mantivesse os depósitos regulares de apenas duas moedas de prata por semana, o prestamista lhe entregaria 4 mil moedas de prata, o suficiente para viver o resto de sua vida...

Com certeza, se um pagamento regular tão pequeno produz resultados tão lucrativos, *nenhum homem deveria deixar de garantir um tesouro para sua velhice e para a proteção de sua família, sem importar o grau de prosperidade de seus negócios e investimentos.*

— E digo mais — ele continuou. — Acredito que, no futuro, homens de grande sabedoria inventarão um plano que será como um seguro contra a morte. Nele, muitos homens pagarão regularmente uma quantia modesta, cujo valor combinado constituirá uma bela soma a ser recebida pela família de cada participante que se for para o além. Para mim, um plano assim seria muito desejável, e eu o recomendaria fortemente. Mas isso ainda não é possível hoje em dia, porque um tal arranjo, para funcionar, deve ter uma duração superior à vida de qualquer homem ou de qualquer parceria. Deve ser tão estável quanto o trono real. Sinto que algum dia tal plano virá a existir e será uma grande bênção para muitos homens, porque mesmo o primeiro pequeno pagamento gerará uma fortuna confortável para a família de um participante, no caso de falecimento deste...

Como, entretanto, vivemos no presente, e não nos dias que estão por vir, devemos empregar os meios existentes para atingir nossos propósitos...

Portanto, recomendo a todos os homens que façam uso de métodos prudentes e bem ponderados, e previnam-se contra a falta de dinheiro em seus anos maduros. Para um homem que não é mais capaz de ganhar dinheiro, ou para uma família que se vê privada de seu chefe, ter a bolsa vazia é uma tragédia amarga...

É esta, então, a sexta forma de encher uma bolsa vazia. *Sejam previdentes com relação às necessidades da velhice e a proteção de sua família.*

## A SÉTIMA FORMA

*Aumente sua capacidade de ganhar dinheiro.*

— Hoje, falarei a vocês, meus alunos, sobre uma das principais formas de encher uma bolsa vazia. Não falarei do ouro, mas de vocês, os homens de trajes vistosos que estão sentados diante de mim. Falarei sobre aquilo que está na mente e na vida dos homens que trabalham contra o próprio sucesso ou a favor dele.

Assim dirigiu-se Arkad a sua classe no sétimo dia.

— Não faz muito tempo, fui procurado por um jovem que desejava fazer um empréstimo. Quando perguntei o motivo, ele se queixou de que seus ganhos eram insuficientes para pagar suas despesas. Eu então lhe expliquei que, sendo esse o caso, ele seria um mau cliente para um prestamista, uma vez que não tinha nenhuma capacidade de ganho extra para pagar o empréstimo.

— “O que você necessita, meu jovem, é ganhar mais dinheiro”, eu disse a ele — continuou Arkad. — “O que você faz para aumentar sua capacidade de ganho?”, perguntei.

“Tudo o que posso”, respondeu ele. “Num período de duas luas, fui seis vezes falar com meu mestre para pedir aumento, mas não tive êxito. Não dá para fazer isso com uma frequência maior.”

Tamanha ingenuidade nos fez rir, mas o rapaz tinha uma qualidade indispensável para quem quer aumentar seus ganhos, pois, dentro de si, tinha o forte desejo de ganhar mais. Era um desejo legítimo e louvável...

E prosseguiu Arkad:

— *Antes das realizações, deve existir o desejo.* Seus desejos devem ser fortes e definidos. Desejos vagos não passam de vagos anseios. Para um homem, o desejo de ser rico tem pouca valia, mas o desejo de ter cinco moedas de ouro é algo tangível, que ele pode se esforçar por realizar. Tendo como base seu desejo de cinco moedas de ouro com a firme intenção de realizá-lo, uma vez atingido o objetivo, ele pode igualmente obter dez moedas, vinte moedas e depois mil moedas e, oh, ele torna-se rico! Quando aprende a realizar seu pequeno desejo bem definido, ele disciplina a si mesmo para realizar um desejo maior. É por meio desse processo que a riqueza é acumulada, começando com pequenas quantias e depois passando para quantias maiores, à medida que o homem aprende e torna-se mais hábil.



— Os desejos devem ser simples e bem definidos — ele continuou. — Um homem com desejos demais, confusos ou além de sua capacidade de realização não atingirá os objetivos a que se propõe...

À medida que um homem se aperfeiçoa em seu ofício, aumenta também sua capacidade de ganhar dinheiro. Na época em que eu era um humilde escriba, entalhando a argila por algumas moedas de cobre diárias, percebi que outros trabalhadores faziam mais do que eu e ganhavam mais. Decidi que não seria superado por ninguém. Logo descobri a razão do sucesso deles. Passei a interessar-me mais pelo trabalho, concentrei-me nas tarefas, fui mais persistente em meus esforços e, em breve, poucos homens conseguiam entalhar mais placas por dia do que eu. Não demorou até que minha maior capacidade fosse recompensada sem que eu tivesse a necessidade de ir falar tantas vezes com meu patrão para pedir aumento...

Quanto mais sabedoria adquirimos, mais dinheiro ganhamos. O homem que busca aprimorar-se no que faz é bem recompensado. Se for um artesão, pode procurar saber quais métodos e ferramentas usam seus colegas mais exímios. Se trabalha com a lei ou na arte da cura, pode consultar seus pares e com eles trocar informações. Sendo mercador, pode estar sempre à procura de produtos de qualidade que sejam oferecidos por melhores preços...

Os negócios humanos mudam e prosperam graças a homens de visão que buscam aprimorar-se a fim de melhor servir aos patrões dos quais dependem. Portanto, recomendo a todos os homens que estejam sempre em busca do progresso, e que não permaneçam parados, para que não fiquem para trás...

Há diversas atitudes que ajudam a preencher a vida de um homem com experiências enriquecedoras. Eis o que deve fazer um homem que respeita a si mesmo:

*Pagar suas dívidas com a maior presteza possível e não comprar algo que não possa pagar.*

*Cuidar de sua família, para que ela o estime e o respeite.*

*Fazer um testamento para que, ao ser chamado pelos deuses, seus bens sejam repartidos de maneira justa e*

*honrada.*

*Ter compaixão pelos menos afortunados, ajudando-os na medida do possível.*

*Amparar aqueles que estima.*

— Assim, a sétima e última forma de encher uma bolsa vazia é *aprimorar seu potencial, estudar e aprender, aperfeiçoar suas habilidades, agir respeitando a si mesmo*. Desse modo, vocês vão adquirir autoconfiança para realizar os desejos realmente importantes.

— São essas, portanto, as sete formas de encher uma bolsa vazia que aprendi com a experiência de uma longa e bem-sucedida vida, e que indico para todos os homens que querem ser ricos...

Há mais ouro na Babilônia, meus amigos, do que imaginam. Há abundância para todos...

Vão e pratiquem essas verdades, prosperem e fiquem ricos, como é seu direito...

Vão e ensinem essas verdades, para que todo súdito honrado de sua majestade possa também usufruir das grandes riquezas de nossa amada cidade.

# ENCONTRANDO A DEUSA DA BOA SORTE

“Se um homem tem sorte, não há como  
prever a extensão de sua boa fortuna.  
Atire-o ao Eufrates, e ele certamente  
sairá da água com uma pérola na mão.”  
— Provérbio babilônico

O desejo de ter boa sorte é universal. Era tão forte no coração dos homens, há cerca de quatro mil anos, na antiga Babilônia, como é hoje. Todos nós temos a esperança de que a caprichosa deusa da boa sorte nos sorria. Existe alguma forma de atrair não só sua atenção, mas também seus préstimos generosos?

Existe alguma maneira de atrair a boa sorte?

Era precisamente isso o que os homens da antiga Babilônia queriam saber. E decidiram descobri-lo. Eram inteligentes e grandes pensadores, e por isso sua cidade tornou-se a mais rica e poderosa de seu tempo.

Naquele passado distante, não havia escolas ou universidades. Contudo, existia um centro de aprendizado que era muito prático. Em meio às construções repletas de torres da Babilônia, uma delas equiparava-se em importância ao Palácio do Rei, aos Jardins Suspensos e aos templos dos deuses. Você não encontrará muitas referências a essa edificação nos livros de história, talvez nem uma sequer; no entanto, ela teve imensa influência no desenvolvimento do pensamento da época.

Essa edificação era o Templo do Saber, onde professores voluntários transmitiam a sabedoria do passado e onde, em assembleias abertas, se discutiam temas de interesse popular. Entre suas paredes, todos os homens eram iguais. O escravo mais humilde podia questionar com impunidade as opiniões de um príncipe da casa real.

Um dos muitos frequentadores do Templo do Saber era um sábio chamado Arkad, que diziam ser o homem mais rico da Babilônia. Arkad tinha um salão especial, onde quase todas as noites reunia-se um grande número de homens — uns velhos, outros bem jovens, mas a maioria de meia-idade —, que discutiam e debatiam temas interessantes. Vamos tentar imaginar que ouvimos o que diziam, para ver se sabiam como atrair a sorte...

O sol havia acabado de se pôr, como uma grande bola vermelha de fogo, brilhando através da névoa de poeira do deserto, quando Arkad acomodou-se em sua plataforma habitual. Já havia uns oitenta homens a sua espera, acomodados sobre seus tapetinhos que se espalhavam pelo chão. Mais homens ainda chegavam.

— O que discutiremos esta noite? — perguntou Arkad.

Depois de uma breve hesitação, um tecelão alto dirigiu-se a ele, levantando-se, como era o costume.

— Há um assunto que gostaria de ouvir sendo discutido, mas hesito em apresentá-lo, pois tenho medo de que lhes pareça ridículo, Arkad e meus bons amigos.

Arkad e os demais insistiram para que prosseguisse, e ele o fez:

— Hoje, tive sorte, pois encontrei uma bolsa com moedas de ouro. Gostaria muito de continuar a ter sorte. Sentindo que todos têm este mesmo desejo, sugiro um debate sobre como atrair a boa sorte, e, quem sabe, encontremos formas de fazê-la chegar até nós.

— Este é, de fato, um tema muito interessante, que merece discussão — comentou Arkad. — Para alguns homens, a boa sorte é algo fortuito, como um acidente que pode acontecer sem objetivo ou razão. Outros acreditam que a causadora de toda a boa fortuna é Ishtar,<sup>2</sup> nossa deusa mais generosa, sempre disposta a

recompensar com abundância quem lhe agrada. Então, meus amigos, o que dizem? Vamos tentar descobrir se há algum meio de convencer a boa sorte a visitar cada um de nós?

— Sim! Sim! Queremos ter muita sorte! — responderam alguns de um grupo de ouvintes atentos, cada vez mais numeroso.

Então, Arkad continuou:

— Para dar início a nossa discussão, vamos, a princípio, ouvir aqueles de nós que tiveram experiências como a do tecelão, encontrando ou recebendo, sem esforço próprio, tesouros ou joias valiosas.

Seguiu-se uma pausa durante a qual todos olharam ao redor, esperando que alguém respondesse, mas ninguém o fez.

— E então... alguém? — perguntou Arkad. — Portanto, podemos concluir que esse tipo de sorte deve ser realmente raro. Quem pode dar uma sugestão de como devemos prosseguir nossa busca?

— Eu o farei — disse um jovem bem-vestido, levantando-se. — Quando um homem fala de sorte, não é natural que pensemos nas mesas de jogos? Não é lá que muitos homens buscam os favores da deusa, na esperança de receber suas bênçãos nas apostas?

Quando ele voltou a sentar-se, ouviu-se um protesto.

— Não pare, continue sua história! Diga se foi favorecido pela deusa nas mesas de jogos. Será que ela fez os dados caírem com o lado vermelho para cima, fazendo sua bolsa encher-se à custa da mesa? Ou ela deixou que caíssem com os lados azuis para cima, de modo que o homem das apostas recolhesse as moedas de prata que você trabalhou tanto para obter?

O jovem juntou-se às risadas bem-humoradas e, então, respondeu:

— Não me importo de admitir que, aparentemente, a deusa nem percebeu que eu estava ali. Mas e vocês? Algum de vocês já a encontrou em tais locais, pronta para rolar os dados a seu favor? Todos nós queremos ouvir e aprender.

— Um bom começo — interrompeu Arkad. — Nós nos reunimos aqui para analisar todos os lados de cada questão. Ignorar a mesa de jogos seria desconsiderar um instinto comum à maioria dos

homens, que é a tentação de arriscar-se com uma pequena quantia de prata na esperança de ganhar muito ouro.

— Isso me faz lembrar das corridas, como as de ontem — disse outro ouvinte. — Se a deusa frequenta as mesas de jogos, com certeza, ela não ignora as corridas, em que as carruagens douradas e os cavalos ofegantes oferecem muito mais emoção. Diga-nos com franqueza, Arkad, foi ela quem lhe sussurrou ontem para apostar naqueles cavalos cinzentos de Nínive? Eu estava logo atrás de você, e não acreditei no que ouvi quando apostou neles. Você sabe tão bem quanto nós que nenhum animal em toda a Assíria pode derrotar nossos amados baios em uma corrida justa... Acaso a deusa disse em seu ouvido para apostar nos cinzentos, sabendo que, na última volta, o cavalo preto que corria por dentro tropeçaria e atrapalharia nossos baios, fazendo os cinzentos vencerem a corrida e conquistarem uma vitória não merecida?

Arkad deu um sorriso indulgente ante o gracejo.

— Por qual motivo acharíamos que a boa deusa se interessaria tanto pelas apostas de alguém em uma corrida de cavalos? — ele disse. — Eu a vejo como uma deusa repleta de amor e dignidade, cujo prazer é ajudar os necessitados e recompensar quem merece. Eu não a procuro nas mesas de jogo ou nas corridas, onde os homens perdem mais ouro do que ganham, mas em lugares onde os feitos dos homens são mais úteis e mais merecedores de recompensa...

No cultivo do solo, no comércio honesto, em todas as ocupações humanas, há oportunidades de lucros decorrentes do esforço e das transações realizadas. Talvez nem sempre o homem receba uma recompensa, pois, às vezes, suas decisões podem ser falhas, ou o tempo e os ventos podem frustrar seus esforços. Se for persistente, porém, em geral, pode esperar lucros. Isso ocorre porque as chances de lucro estão sempre a seu favor...

Mas, quando um homem joga, a situação se inverte, pois as chances de lucro estão sempre contra ele e a favor do dono da mesa. O jogo está calculado de tal forma que sempre beneficiará o proprietário. É seu ramo de negócios, com o qual ele deseja ter um lucro generoso com base nas apostas feitas. Poucos jogadores

percebem como são certos os lucros do dono do jogo e como são incertas as suas próprias chances de ganhar...

Analisemos, por exemplo, as apostas feitas nos dados. Cada vez que o dado é lançado, apostamos em qual lado cairá para cima. Se for o lado vermelho, o dono da mesa nos paga quatro vezes nossa aposta. Contudo, se qualquer outro dos cinco lados cair para cima, perdemos o que apostamos. Assim, os números mostram que, para cada lançamento, temos cinco chances de perder, mas, como o lado vermelho paga quatro para um, temos quatro chances de ganhar. Em uma noite de jogo, o mestre pode esperar ter como lucro um quinto de todas as moedas apostadas. Seria realista esperar ganhar mais do que ocasionalmente, quando sabemos que as chances estão calculadas para que o jogador perca um quinto de tudo o que aposta?

— No entanto, de vez em quando, há apostadores que ganham grandes quantias — comentou um dos ouvintes.

— De fato, isso ocorre — continuou Arkad. — Admitindo isso, minha questão é: o dinheiro obtido dessa forma traz um valor permanente àqueles que têm tal sorte? Tenho entre meus conhecidos muitos dos homens mais bem-sucedidos da Babilônia, mas não consigo citar um sequer cujo êxito tenha tido início desse modo. Vocês que estão reunidos aqui esta noite conhecem muitos outros cidadãos importantes. Seria interessante saber quantos tiveram nas mesas de jogo o início de sua fortuna. Cada um de vocês poderia falar sobre aqueles que conhecem. O que acham?

Depois de um silêncio prolongado, alguém ergueu a mão e arriscou:

— Sua pergunta inclui os donos das mesas de jogos?

— Se não conseguir se lembrar de mais ninguém... — Arkad respondeu. — Como nenhum de vocês conhece alguém assim, falemos da história de cada um aqui. Há neste recinto algum ganhador recorrente que hesitaria em recomendar tal fonte de renda?

O desafio foi respondido por uma série de resmungos vindos do fundo da sala, que se espalharam em meio ao riso geral.

— Parece que não estamos procurando a deusa da boa sorte nos lugares frequentados por ela — continuou Arkad. — Assim, exploremos outras possibilidades. Não encontramos a deusa ao acharmos carteiras perdidas, tampouco rondando as mesas de jogos. Quanto às corridas, confesso que perdi nelas mais moedas do que ganhei.

— Agora, analisemos nossos ofícios e negócios — ele prosseguiu. — Acaso não é natural que, ao fazermos um bom negócio, não achemos que tivemos sorte, mas que apenas obtivemos uma recompensa por nossos esforços? Inclino-me a pensar que talvez estejamos ignorando as dádivas da deusa. Quem sabe ela, de fato, nos ajuda, e não reconhecemos sua generosidade. Quem pode prosseguir com nossa discussão?

Um mercador já idoso levantou-se, alisando sua elegante túnica branca.

— Com vossa permissão, honorável Arkad e meus amigos, faço uma sugestão. Como você disse, Arkad, atribuímos nossos êxitos nos negócios a nosso próprio empenho e a nossa capacidade. Então, por que não analisarmos os sucessos que quase tivemos, mas que nos escaparam, e que teriam sido muito lucrativos? Se houvessem ocorrido de fato, teriam sido exemplos de boa sorte. Não podemos considerá-los como justas recompensas por não terem se concretizado. Com certeza, muitos aqui têm experiências semelhantes para contar.

— Eis uma sábia reflexão! — aprovou Arkad. — Quem, entre vocês, teve a boa sorte a seu alcance, mas deixou que escapasse?

Muitas mãos se ergueram, incluindo a do mercador. Arkad fez-lhe sinal para que falasse.

— Como foi você quem sugeriu esta discussão, gostaríamos que fosse o primeiro a falar — disse Arkad.

— Com muito prazer, contarei um episódio que mostra como a sorte pode chegar muito perto de um homem apenas para que este a deixe escapar, proporcionando-lhe uma grande perda e um arrependimento futuro — disse o mercador.

— Muitos anos atrás, quando eu era jovem, recém-casado e já começava a ganhar bem, meu pai foi me visitar, um dia, e insistiu



muito para que eu participasse de um investimento — prosseguiu o mercador. — O filho de um grande amigo seu avistara um trecho de terra árida não muito distante das muralhas externas de nossa cidade. Estava muito acima do nível do canal, onde a água não conseguiria chegar...

O filho do amigo de meu pai planejou adquirir essa terra, construir três grandes rodas-d'água, que poderiam ser operadas por bois, e, assim, elevar até o solo fértil as águas que nutrem a vida. Depois disso, ele pretendia dividir a terra em lotes pequenos e vendê-los aos moradores da cidade para o cultivo de hortas...

O rapaz não tinha ouro suficiente para concretizar o empreendimento. Assim como eu, era apenas um jovem que ganhava bem. O pai dele, como o meu, era um homem com uma grande família e poucos recursos. O jovem decidiu, portanto, formar um grupo de homens interessados em participar do empreendimento junto a ele. O grupo seria formado por doze homens que ganhassem bem, e cada um concordaria em investir, no empreendimento, um décimo de seus ganhos, até que a terra estivesse pronta para venda. Eles, então, repartiriam os lucros de forma justa e proporcional a seu investimento...

“Você ainda é jovem, meu filho”, disse meu pai. “É meu desejo profundo que comece a construir para si um patrimônio valioso, e que conquiste o respeito dos homens. Desejo que tire proveito do conhecimento gerado pelos erros tolos de seu pai.”

“Este é meu desejo ardente, pai”, eu respondi.

“Escute, então, meu conselho. Faça o que eu deveria ter feito na sua idade. De tudo o que ganha, guarde um décimo para colocar em bons investimentos. Com a décima parte de seus ganhos, e o que essa quantia também renderá, antes de chegar à minha idade terá acumulado um patrimônio valioso.”

“Suas palavras são sábias, meu pai. Tenho um grande desejo por riquezas. Existem, porém, muitos usos para meus ganhos. Por isso, hesito em fazer o que me aconselha. Sou jovem e tenho bastante tempo.”

“Eu também pensava assim na sua idade. Mas, veja, passaram-se muitos anos e ainda não consegui começar.”

“Vivemos em uma época diferente, meu pai. Não cometerei os mesmos erros que você cometeu.”

“A oportunidade está diante de você, meu filho. Esta é uma chance que pode levá-lo à riqueza. Eu lhe peço: não demore. Vá amanhã mesmo falar com o filho de meu amigo e negocie com ele para investir, no projeto, dez por cento de seus ganhos. Vá logo cedo. A oportunidade não espera por ninguém. Hoje está aqui; em seguida, desaparece. Não espere!”

— Apesar do conselho de meu pai, eu hesitei — prosseguiu o mercador. — Haviam chegado outros mercadores vindos do leste trazendo túnicas tão belas e ricas que minha querida mulher e eu decidimos comprar uma para cada um de nós. Se eu aceitasse investir um décimo de meus ganhos naquele projeto, teríamos de privar-nos desse prazer e de outros. Adiei a decisão até que foi tarde demais, e depois me arrependi muito. O empreendimento revelou-se muito mais lucrativo do que qualquer previsão. E é este meu relato, mostrando como permiti que a boa sorte escapasse.

— Em sua história, vemos como *a boa sorte está à espera de quem aproveita as oportunidades* — comentou um homem trigueiro do deserto. — A construção de um patrimônio sempre começa em algum lugar. O começo pode se dar com algumas moedas de ouro ou de prata que um homem guarda a partir de seus ganhos e aplica em um primeiro investimento. Eu mesmo sou dono de muitos rebanhos. Comecei quando era apenas um garoto e comprei um bezerro com uma moeda de prata. Esse gesto foi de grande importância para mim e marcou o início de minha riqueza...

Dar o primeiro passo na construção de um patrimônio é a melhor sorte que pode acontecer a um homem. Esse primeiro passo é importante porque faz com que um homem que ganha dinheiro com seu próprio trabalho passe a ser alguém que recebe dividendos a partir de seu ouro. Alguns homens, por sorte, dão tal passo quando são jovens e, desse modo, têm mais sucesso financeiro do que aqueles que o fazem mais tarde, ou do que homens desafortunados, como o pai desse mercador, que nunca o fazem...

Se nosso amigo mercador tivesse dado o primeiro passo ainda jovem, quando a oportunidade veio até ele, hoje, ele seria abençoado com muito mais coisas boas. Se a boa sorte de nosso

amigo tecelão o fizer dar tal passo neste momento, será de fato o início de uma boa sorte muito maior!

— Obrigado! Eu gosto de falar também — um desconhecido estrangeiro levantou-se. — Eu sou sírio. Não falo sua língua muito bem. Quero chamar este amigo, o mercador, de um nome. Talvez vocês não achem educado esse nome. Mas quero chamar ele assim. Mas, uma pena, eu não sei a palavra de vocês para isso. Se eu disser em sírio, vocês não vão entender. Portanto, por favor, algum cavalheiro gentil pode dizer o nome certo para chamar um homem que deixa para depois fazer coisas que podem ser boas para ele?

— Procrastinador — ergueu-se uma voz.

— É ele! — gritou o sírio movendo as mãos agitado. — Ele não aceita a oportunidade quando ela aparece. Ele espera. Ele diz que tem muito trabalho agora. Falar com você depois. A oportunidade, ela não vai esperar por um homem tão lento. Ela acha que, se um homem deseja sorte, ele vai andar depressa. Qualquer homem que não ande depressa quando a oportunidade aparece é um grande procrastinador, como nosso amigo mercador.

O mercador levantou-se, fez uma reverência bem-humorada, em resposta aos risos, e disse:

— Minha admiração a você, estrangeiro em nossa cidade, que não hesita em dizer a verdade.

— Agora, vamos ouvir mais uma história. Quem teria outra experiência para nos contar? — perguntou Arkad.

— Eu tenho — respondeu um homem de meia-idade vestindo uma túnica vermelha. — Sou comprador de animais; em especial, camelos e cavalos. Às vezes, também compro ovelhas e cabras. A história que contarei vai mostrar como a oportunidade surgiu, uma noite, quando eu menos esperava. Talvez por isso eu a tenha deixado escapar. Vocês julgarão...

Voltando para a cidade certa noite, depois de uma viagem decepcionante de dez dias em busca de camelos, fiquei furioso ao encontrar os portões da cidade fechados e trancados. Enquanto meus escravos preparavam nossa tenda para a noite, que, pelo visto, passaríamos com pouca comida e sem água, fui abordado por

um fazendeiro já idoso, que, como nós, viu-se também trancado do lado de fora da cidade...

“Honrado senhor”, ele dirigiu-se a mim. “Por sua aparência, creio que é um comprador de gado. Se assim for, eu gostaria de vender-lhe o melhor rebanho de ovelhas que já se viu. Infelizmente, minha querida esposa está muito doente por conta da malária, e preciso voltar para casa às pressas. Se comprar minhas ovelhas, eu e meus escravos poderemos montar nossos camelos e retornar sem demora.”

— Estava tão escuro — ele continuou — que eu não conseguia ver o rebanho, mas, pelos balidos, sabia que devia ser grande. Acabara de passar dez dias inúteis buscando camelos sem nenhum sucesso, e agradava-me a oportunidade de fazer aquele negócio. O criador de ovelhas estava aflito e pediu um preço bastante razoável. Aceitei sabendo que, de manhã, meus escravos poderiam entrar pelos portões da cidade com o rebanho, vendê-lo e obter um bom lucro.

— Fechado o negócio — ele prosseguiu —, mandei que meus escravos trouxessem tochas para podermos contar o rebanho, que teria novecentas ovelhas, segundo o criador. Não vou aborrecê-los, meus amigos, descrevendo nossas dificuldades para tentar contar tantos animais sedentos, cansados e agitados. Era uma tarefa impossível. Assim, disse secamente ao criador que aguardaria o dia clarear para contá-las e pagar-lhe...

“Por favor, honrado senhor, pague-me esta noite apenas dois terços do preço para que eu possa partir. Deixarei meu escravo mais inteligente e treinado para ajudar na contagem de manhã. Ele é de confiança, e você pode pagar a ele o restante...”, disse o homem.

— Mas eu fui teimoso e recusei-me a lhe pagar durante a noite. Na manhã seguinte, enquanto eu ainda dormia, os portões da cidade se abriram e quatro compradores saíram em busca de rebanhos. Estavam com pressa e dispostos a pagar altos preços, porque a cidade estava sob ameaça de cerco, e a comida não era abundante. Pagaram ao criador quase o triplo do valor que ele me pedira pelo rebanho. Foi assim que deixei escapar uma rara oportunidade de boa sorte — ele concluiu.

— É uma história muito incomum — comentou Arkad. — O que podemos aprender com ela?

— Que devemos pagar de imediato quando estamos convictos de que temos um bom negócio — sugeriu um venerável fabricante de selas. — Se o negócio é bom, temos de nos proteger não só contra os outros homens, mas também contra nossas próprias fraquezas. Nós, mortais, somos volúveis. E eu diria que, infelizmente, somos mais propensos a mudar de ideia quando estamos certos do que quando estamos errados. Quando estamos errados, somos muito teimosos. Quando estamos certos, tendemos a hesitar e perder a oportunidade. Minha primeira impressão é sempre a melhor. Mas sempre tive dificuldade para obrigar-me a seguir adiante com um bom negócio já fechado. Por isso, para me proteger de minha própria fraqueza, faço um depósito na hora. Isso me poupa de futuros arrependimentos por não aproveitar a boa sorte.

— Obrigado! *Gostaria falar de novo...* — O sírio estava em pé novamente. — *Essas histórias muito parecidas.* Cada vez a oportunidade escapa pela mesma causa. Cada vez ela aparece para procrastinador, com plano bom. Cada vez eles hesitam, não dizem “agora, melhor hora, faço depressa”. Como os homens têm sucesso assim?

— Suas palavras são sábias, meu amigo — respondeu o comprador de animais. — A procrastinação afastou a boa sorte nos dois casos. E não é algo raro de acontecer. O impulso de deixar tudo para depois está em todos os homens. Todos nós desejamos riquezas; no entanto, quantas vezes a oportunidade apresenta-se diante de nós e o espírito da procrastinação retarda nossa decisão? Ao ceder a ela, nós nos tornamos nossos piores inimigos...

Quando era jovem, eu não o chamava por esse longo nome que nosso amigo sírio apreciava. No começo, achava que era por falta de discernimento que eu perdia muitos negócios lucrativos. Depois, passei a atribuir isso a minha teimosia. Por fim, reconheci o que de fato era: o hábito de adiar uma decisão no momento em que se fazia necessária uma ação imediata e decisiva. Abominei descobrir a verdadeira natureza desse hábito. Com a revolta de um asno

selvagem que foi atrelado a uma carroça, rompi as amarras que me prendiam a esse inimigo de meu sucesso — ele assim finalizou.

— Obrigado! Eu gosto fazer pergunta do senhor mercador — disse o sírio. — Você usa roupas boas, não são iguais de homem pobre. Você fala como homem de sucesso. Conte para nós: você escuta agora quando procrastinação sussurra em seu ouvido?

— Assim como nosso amigo comprador, também precisei reconhecer e vencer a procrastinação — respondeu o mercador. — Para mim, ela demonstrou ser uma inimiga, sempre à espera para frustrar minhas realizações. A história que contei é apenas uma, entre muitas situações semelhantes, que eu poderia contar para mostrar como ela me fez perder oportunidades. Uma vez que seja compreendida, não é difícil vencê-la. Nenhum homem permite, de livre vontade, que um ladrão roube seus depósitos de grãos, assim como não permite que um inimigo lhe tire sua clientela e fique com seus lucros. Uma vez que reconheci que eram esses os atos que meu inimigo cometia, com determinação, eu o derrotei. Assim, todo homem deve dominar o hábito da procrastinação antes de desejar sua parte dos ricos tesouros da Babilônia — ele fez uma pausa e, então, disse: — O que acha, Arkad? Por ser o homem mais rico da Babilônia, muita gente afirma que é o mais sortudo. Você concorda comigo que nenhum homem pode atingir o sucesso pleno até ter eliminado por completo o hábito de procrastinar?

— É como você diz — concordou Arkad. — Durante minha longa vida, testemunhei várias gerações trilhando os caminhos do trabalho, da ciência e do saber que levam ao sucesso. As oportunidades chegaram para todos esses homens. Alguns aproveitaram as suas e seguiram em frente até conseguir satisfazer aos seus maiores desejos, mas a maioria hesitou, perdeu forças e ficou para trás.

Arkad voltou-se para o tecelão:

— Você sugeriu o debate sobre a boa sorte. Diga o que pensa agora sobre o assunto.

— Agora, vejo a sorte de outra forma. Antes, pensava nela como algo desejável que poderia acontecer a um homem sem um esforço da parte dele. Agora, percebo que não é possível atrair esse tipo de coisa. Em nossa discussão, aprendi que, *para atrair a boa sorte*,

*precisamos aproveitar as oportunidades.* Assim, no futuro, tentarei tirar o melhor proveito de tais oportunidades quando surgirem.

— Você entendeu bem as verdades ditas em nossa discussão — respondeu Arkad. — A boa sorte, como vemos, decorre da oportunidade, mas é raro que surja de outro modo. Nosso amigo mercador teria encontrado uma grande sorte se houvesse aproveitado a oportunidade que a boa deusa lhe apresentou. Nosso amigo comprador, do mesmo modo, teria desfrutado de boa sorte caso tivesse fechado a compra do rebanho, vendendo-o com um bom lucro...

Esta nossa discussão teve como objetivo nos levar a descobrir como atrair a boa sorte. Penso que descobrimos o que fazer. As duas histórias mostraram como a boa sorte decorre da oportunidade. Esta é uma verdade que muitas histórias semelhantes de boa sorte, ganha ou perdida, não podem alterar. A verdade é: *a boa sorte pode ser atraída quando as oportunidades são aproveitadas...*

Aqueles que estão prontos para aproveitar ao máximo as oportunidades atraem a atenção da boa deusa. Ela está sempre pronta para ajudar quem lhe agrada. E quem mais lhe agrada são os homens com iniciativa.

A iniciativa é o que os levará a alcançar o êxito que desejam — concluiu Arkad.

HOMENS COM  
INICIATIVA SÃO  
FAVORECIDOS  
PELA DEUSA DA  
BOA SORTE.

# AS CINCO LEIS DO OURO

— Se pudessem escolher entre uma bolsa cheia de ouro e uma placa de argila na qual estivessem gravadas palavras de sabedoria, com qual ficariam?

À luz bruxuleante do fogo alimentado com arbustos secos do deserto, as faces queimadas de sol dos ouvintes encheram-se de interesse.

— O ouro, o ouro — gritaram em coro os vinte e sete homens que ali estavam.

O velho Kalabab deu um sorriso indulgente.

— Prestem atenção — ele prosseguiu, erguendo a mão. — Ouçam os cães selvagens ao longe, em meio à noite. Eles uivam e se lamentam porque têm fome. Se os alimentarmos, o que farão? Eles vão brigar e se exhibir. Então, vão brigar e se exhibir um pouco mais, sem nunca pensarem no dia seguinte...

É exatamente assim com os filhos dos homens. Dê-lhes uma escolha entre o ouro e a sabedoria, e o que fazem? Ignoram a sabedoria e gastam o ouro. No dia seguinte, lamentam-se porque não têm mais ouro...

O ouro está reservado àqueles que conhecem suas leis e agem de acordo com elas.

Kalabab ajeitou a túnica branca ao redor das pernas magras, pois soprava um vento frio.

— Vocês me serviram fielmente durante nossa longa viagem, cuidaram bem de meus camelos, avançaram sem queixas pelas areias quentes do deserto, enfrentaram bravamente os ladrões que queriam roubar minha mercadoria. Em retribuição, vou lhes contar



esta noite a história das cinco leis do ouro, e tenho certeza de que vocês nunca ouviram nada igual antes.

— Escutem com grande atenção minhas palavras — ele prosseguiu —, pois, se entenderem seu significado e levarem-nas a sério, terão muito ouro nos dias futuros.

Ele fez uma pausa para que os homens refletissem. Acima deles, estrelas brilhantes refulgiam nos céus límpidos da Babilônia. Por trás do grupo, erguiam-se tendas desbotadas, presas firmemente por estacas como precaução contra as possíveis tempestades do deserto. Junto às tendas se viam fardos de mercadorias cuidadosamente empilhados e cobertos com peles de animais. Ali perto, os camelos repousavam deitados na areia, alguns ruminando satisfeitos, outros roncando e produzindo uma rústica dissonância.

— Você já nos contou muitas histórias boas, Kalabab — disse o chefe dos carregadores. — Contamos com sua sabedoria para nos guiar amanhã, quando terminará o serviço que prestamos a você.

— Até agora, só lhes contei minhas aventuras em terras estranhas e distantes, mas nesta noite vou falar sobre a sabedoria de Arkad, um homem muito rico e sábio.

— Já ouvimos muita coisa sobre ele — reconheceu o chefe dos carregadores —, pois foi o homem mais rico que já viveu na Babilônia.

— Ele foi o homem mais rico porque era mais sábio no uso do ouro do que qualquer homem antes dele já fora. Esta noite, vou lhes falar sobre sua grande sabedoria, assim como me foi contado por Nomasir, seu filho, muitos anos atrás, em Nínive, quando eu era ainda um rapazinho. Meu patrão e eu havíamos ficado até tarde da noite no palácio de Nomasir. Eu ajudara a carregar grandes fardos de finos tapetes, que Nomasir examinaria até encontrar as cores que mais lhe agradassem. Finalmente, ele se deu por satisfeito e pediu que nos sentássemos para tomar com ele um vinho raro e perfumado, que aqueceu meu estômago, pouco acostumado com tal bebida...

Kalabab fez uma pausa e prosseguiu:

— Ele nos contou, então, uma história sobre a grande sabedoria de Arkad, seu pai, que é a mesma que vou lhes contar agora...

Como sabem, na Babilônia, é costume entre as famílias ricas que os filhos vivam com os pais na expectativa de herdar seu patrimônio. Arkad não aprovava esse costume. Portanto, quando Nomasir chegou à idade adulta, Arkad mandou chamar o rapaz e assim lhe falou: “Filho, desejo que seja o herdeiro de meu patrimônio. Antes, porém, deve provar que é capaz de administrá-lo com sabedoria. Portanto, quero que saia pelo mundo e demonstre sua capacidade de adquirir ouro e de fazer-se respeitado entre os homens. Para que tenha um bom começo, vou lhe dar duas coisas que não tive quando era um jovem pobre e comecei a construir minha fortuna...”.

“Primeiro, tome esta bolsa de ouro. Se lhe destinar um uso sábio, será a base de seu futuro sucesso.”

“Segundo, dou-lhe esta placa de argila na qual estão gravadas as cinco leis do ouro. Se você as colocar em prática ao longo da vida, elas lhe trarão competência e segurança.”

“Daqui a dez anos, volte aqui, à casa de seu pai, e preste contas de sua situação. Se demonstrar que merece, então, será o herdeiro de meu patrimônio. Caso contrário, deixarei tudo para os sacerdotes, que intercederão junto aos deuses por minha alma.”

Assim, Nomasir seguiu seu caminho, levando a bolsa de ouro, a placa de argila cuidadosamente envolta em seda, seu escravo e os cavalos que eles montavam...

Passados dez anos, Nomasir voltou à casa paterna, como combinado, e o pai ofereceu um grande banquete em sua honra, convidando muitos amigos e parentes. Terminada a refeição, o pai e a mãe sentaram-se no grande salão, em assentos parecidos com tronos, e Nomasir postou-se diante deles para prestar contas de sua situação, como prometera ao pai...

Era noite, e pairava no recinto a fumaça das lâmpadas a óleo, que forneciam escassa iluminação. Escravos com coletes e túnicas brancas abanavam, num ritmo constante, o ar úmido com longas frondes de palmeiras. A cena tinha uma dignidade majestosa. A esposa de Nomasir e seus dois filhos pequenos, com os amigos e

demais membros da família, sentavam-se sobre tapetes atrás dele, ouvindo com atenção.

“Meu pai, curvo-me diante de sua sabedoria”, começou Nomasir, respeitoso. “Dez anos atrás, quando eu estava a um passo de me tornar adulto, você me incentivou a partir e tornar-me um homem entre os homens, em vez de permanecer um vassalo de sua fortuna.”

“Você foi generoso ao partilhar comigo seu ouro e sua sabedoria. Quanto ao ouro, oh! Devo admitir que o modo como lidei com ele foi desastroso. Ele fugiu de minhas mãos inábeis como a lebre selvagem foge do jovem que a capturou assim que encontra uma chance.”

O pai sorriu de forma indulgente.

“Prossiga, meu filho. Cada detalhe de sua história me interessa.”

“Decidi ir para Nínive, pois a cidade estava crescendo e eu tinha esperanças de encontrar oportunidades lá. Juntei-me a uma caravana e nela fiz muitos amigos, incluindo dois homens muito falantes, donos de um belíssimo cavalo branco, veloz como o vento...

Durante a viagem, confidenciaram-me que em Nínive havia um homem rico que tinha um cavalo muito veloz que nunca havia sido derrotado. O proprietário acreditava que nenhum cavalo vivo poderia correr mais rápido que o seu. Sendo assim, ele apostaria qualquer quantia, por mais elevada que fosse, pois seu cavalo ganharia de qualquer outro em toda a Babilônia. Afirmavam meus amigos, porém, que tal cavalo, em comparação com o deles, não passava de um asno desajeitado, fácil de derrotar...

Eles ofereceram, como um grande favor, a chance de que me juntasse a eles em uma aposta. O plano me deixou muito entusiasmado.

Nosso cavalo sofreu uma grande derrota, e perdi a maior parte de meu ouro. — O pai de Nomasir deu uma longa gargalhada. — Mais tarde, descobri que aquele era um golpe aplicado por tais homens, que constantemente viajavam com as caravanas procurando vítimas. O homem de Nínive era cúmplice e repartia

com eles as apostas que ganhava. Esse golpe astuto foi minha primeira lição sobre a necessidade de ter cautela.

Em breve, eu teria mais uma lição, igualmente amarga. Na caravana, havia outro rapaz com quem fiz amizade. Seus pais eram ricos e, assim como eu, ele viajava para Nínive com o objetivo de estabelecer-se e ganhar a vida. Pouco depois de nossa chegada, ele me falou de um comerciante que havia morrido, e cuja loja, com valiosa mercadoria e boa clientela, poderia ser comprada por um preço modesto. Dizendo que seríamos sócios meio a meio, ele me convenceu a comprar todo o estoque da loja com meu ouro. Usaríamos o ouro dele para tocar a loja, mas antes ele precisaria voltar à Babilônia para buscá-lo.

Ele ficava adiando sua viagem para a Babilônia, e, nesse meio-tempo, mostrou ser incompetente como comprador e irresponsável nos gastos, até que, por fim, me liberei dele. A loja havia decaído a tal ponto, porém, que só restavam produtos impossíveis de vender, e eu não tinha mais ouro para comprar mais mercadoria. Vendi o que sobrou para um israelita por uma quantia irrisória.

Digo-lhe, pai, que os dias que se seguiram foram amargos. Procurei trabalho e não encontrei, pois não tinha ofício nem profissão que me permitissem ganhar dinheiro. Vendi meus cavalos e meu escravo. Vendi as roupas extras para ter comida e um lugar para dormir, e, no entanto, a cada dia, a miséria total se aproximava mais.

Naquele momento difícil, pensei na confiança que tinha em mim, meu pai. Você me lançou no mundo para que eu me tornasse um homem, e eu estava determinado a consegui-lo...”

A mãe do rapaz escondeu o rosto e chorou baixinho.

“Então, me lembrei da placa que você me deu, na qual havia gravado as cinco leis do ouro. Assim, li com a maior atenção suas sábias palavras e percebi que, se tivesse, primeiro, buscado a sabedoria, não teria perdido meu ouro. Aprendi, de cor, cada uma das leis e decidi que, quando uma vez mais a deusa da boa fortuna sorrisse para mim, eu seria guiado pela sabedoria da idade e não pela inexperiência da juventude...”

Para benefício de todos vocês que aqui estão nesta noite, vou ler as sábias palavras de meu pai gravadas na placa de argila que ele me deu dez anos atrás.

## AS CINCO LEIS DO OURO

- 1. O ouro vem com facilidade, e em quantidade cada vez maior, para qualquer homem que guarde ao menos um décimo de seus ganhos para criar um patrimônio para seu futuro e o de sua família.*
- 2. O ouro trabalha com diligência e satisfação para o proprietário sábio que encontra para ele um uso lucrativo, multiplicando-o como se multiplicam os rebanhos no campo.*
- 3. O ouro agarra-se à proteção do proprietário cauteloso que, ao investi-lo, segue os conselhos de homens com experiência no assunto.*
- 4. O ouro foge das mãos do homem que investe em negócios com os quais não tem familiaridade ou que não são aprovados por quem tem experiência em lidar com ele, ou de quem o utiliza para finalidades as quais desconhece.*
- 5. O ouro foge do homem que tenta forçá-lo a obter ganhos impossíveis, que segue o conselho sedutor de trapaceiros e golpistas ou que o confia a sua própria inexperiência e a seus desejos românticos nos investimentos.*

— Essas são as cinco leis do ouro, escritas por meu pai — continuou o rapaz. — Digo-lhes que elas são mais valiosas do que o próprio ouro, e mostrarei isso na continuação de minha história.

Ele novamente dirigiu-se ao pai.

— Já contei como a inexperiência me levou à pobreza total e ao desespero. Mas não há mal que dure para sempre. Meu infortúnio terminou quando consegui trabalho como capataz de um grupo de escravos que construía a nova muralha externa da cidade.

Colocando em prática a primeira lei do ouro, guardei uma moeda de cobre de meu primeiro pagamento e fui adicionando outras sempre que podia, até ter uma moeda de prata. Foi um processo lento, pois eu precisava de dinheiro para viver. Admito que gastava meu dinheiro de má vontade, pois estava decidido a juntar, em menos de dez anos, a mesma quantia em ouro que você me dera, pai.

Um dia, o mestre dos escravos, de quem eu ficara amigo, me disse:

“Você é um jovem econômico, que não gasta à toa o que ganha. Tem algum ouro guardado que não esteja rendendo?”

“Sim”, respondi. “Meu maior desejo é acumular ouro para repor aquele que meu pai me deu e que perdi.”

“É uma ambição louvável, eu lhe garanto. Sabia que o ouro que guardou pode trabalhar para você e render muito mais ouro?”

“Ah, minha experiência foi amarga, pois perdi o ouro de meu pai, e tenho muito medo de que aconteça o mesmo com o meu.”

“Se tiver confiança em mim, vou lhe sugerir um modo de usar o ouro de forma lucrativa”, respondeu ele. “Daqui a um ano, a muralha externa vai estar terminada, e em cada entrada serão instalados os grandes portões de bronze que protegerão Nínive contra os inimigos do rei. Não existe em toda a cidade metal suficiente para construir os portões, e o rei não pensou numa forma de consegui-lo. Eis o meu plano: vamos formar um grupo que reunirá o ouro de todos e enviará uma caravana até as minas de cobre e estanho, situadas muito longe daqui, para trazer a Nínive o metal necessário. Quando o rei ordenar a construção dos portões, somente nós teremos condições de fornecer o metal, e ele nos pagará um preço elevado. Se o rei não comprar de nós, de qualquer forma, ainda poderemos vender o metal por um preço justo.”

Percebi nessa oferta a oportunidade de seguir a terceira lei e investir minhas economias sob a orientação de homens sábios. Não me decepcionei. Nosso grupo foi bem-sucedido, e minha modesta quantia de ouro multiplicou-se graças a essa transação.

Com o tempo, fui aceito como membro desse grupo em outros investimentos. Eram homens experientes em lidar com ouro.

Discutiam a fundo cada plano antes de colocá-lo em prática. Eles não corriam o risco de perder seu capital ou de empatá-lo em investimentos não lucrativos, dos quais seu ouro não pudesse ser resgatado. Iniciativas tolas como as corridas de cavalo e a parceria na qual eu entrara por inexperiência sequer mereciam sua atenção. De imediato, teriam percebido os riscos.

Graças à associação com esses homens, aprendi a investir o ouro com segurança para obter retornos lucrativos. À medida que os anos se passavam, meu tesouro crescia com constante rapidez. Recuperei não apenas o que havia perdido, mas muito mais.

Com meus infortúnios, minhas tentativas e meus êxitos, coloquei repetidas vezes à prova a sabedoria das cinco leis do ouro, meu pai, e em todos os testes comprovei serem verdadeiras. Para quem não conhece essas leis, o ouro não vem com frequência, e se vai depressa. Contudo, para quem obedece a elas, o ouro vem e trabalha como seu escravo fiel.

Nomasir parou de falar e fez sinal a um escravo que estava no fundo do salão. O escravo trouxe, uma de cada vez, três pesadas sacolas de couro. Nomasir pegou uma delas e colocou-a no chão diante do pai. Dirigindo-se a ele uma vez mais, ele disse:

“Você me deu uma sacola de ouro, ouro da Babilônia. No lugar dela, entrego-lhe uma sacola de ouro de Nínive, de igual peso. Todos concordarão que é uma troca justa.

Você me deu também uma placa de argila com inscrições de grande sabedoria. Veja, em troca, entrego-lhe duas sacolas de ouro.”

Então, ele tomou do escravo as duas outras sacolas e também as repousou diante do pai.

“Faço isso para provar-lhe, meu pai, que dou muito mais valor à sua sabedoria que a seu ouro. Contudo, quem pode calcular, em sacolas de ouro, o valor da sabedoria? Sem sabedoria, o ouro rapidamente é perdido por quem o tem. Com sabedoria, porém, o ouro pode ser obtido por quem não o tem, como posso comprovar com estas três sacolas...

Para mim, meu pai, é uma grande satisfação estar aqui diante de você e dizer que, graças a sua sabedoria, fui capaz de tornar-me rico e respeitado pelos homens.”

O pai pousou a mão sobre a cabeça de Nomasir com grande afeto.

“Você aprendeu bem as lições”, ele disse. “Considero-me realmente afortunado por ter um filho a quem posso confiar minhas riquezas.”

Kalabab terminou a história e olhou seus ouvintes com um ar inquisitivo.

— O que significa para vocês esta história de Nomasir? — ele perguntou. — Quem, entre vocês, pode ir até seu pai ou o pai de sua esposa e prestar contas de uma boa gestão de seus ganhos?

Ele fez uma pausa e continuou:

— O que pensariam tais homens veneráveis se lhes dissessem “Viajei muito, aprendi muito, trabalhei muito e ganhei muito, mas, infelizmente, de ouro, tenho muito pouco. Parte dele, gastei com sabedoria; outra parte, gastei de um modo tolo; e perdi muito de formas irresponsáveis...”?

E ele prosseguiu:

— Ainda acreditam que é só uma questão de sorte o fato de que alguns homens tenham muito ouro enquanto outros não têm nada? Pois estão enganados...

Os homens têm muito ouro quando conhecem as cinco leis que o regem e guiam-se por elas...

Por ter aprendido essas cinco leis quando era jovem, e por tê-las seguido, tornei-me um rico mercador. Não foi por nenhuma mágica estranha que acumulei minha riqueza...

A riqueza que rápido vem rápido se vai...

A riqueza que permanece, para dar prazer e satisfação a seu proprietário, vem aos poucos, pois é filha do conhecimento e da determinação constante...

Acumular riqueza é um fardo leve para o homem prudente. Carregar esse fardo com perseverança, ano após ano, permite



atingir o objetivo final...

As cinco leis do ouro oferecem uma rica recompensa quando são obedecidas...

Cada uma dessas cinco leis é rica em significados, e, caso não tenham notado isso em meu breve relato, vou repeti-las agora. Conheço cada uma de cor, porque ainda jovem percebi seu valor, e não descansei até sabê-las palavra por palavra.

### A PRIMEIRA LEI DO OURO

*O ouro vem com facilidade, e em quantidade cada vez maior, para qualquer homem que guarde ao menos um décimo de seus ganhos para criar um patrimônio para seu futuro e o de sua família.*

— O homem que tem por hábito guardar um décimo de seus ganhos, investindo-o com sabedoria, com certeza, criará um patrimônio valioso que lhe proporcionará uma renda no futuro e garantirá segurança para sua família quando os deuses o chamarem para o mundo da escuridão. Esta lei afirma que o ouro sempre virá com facilidade para tal homem. Sem dúvida, posso atestar isso com base em minha vida. Quanto mais ouro acumulo, mais rapidamente ele vem a mim, e em quantidade cada vez maior. O ouro que guardo rende mais, assim como acontecerá com o de vocês, e seus rendimentos renderão mais, e é assim que funciona a primeira lei.

### A SEGUNDA LEI DO OURO

*O ouro trabalha com diligência e satisfação para o proprietário sábio que encontra para ele um uso lucrativo, multiplicando-o como se multiplicam os rebanhos no campo.*

— O ouro, de fato, é um trabalhador esforçado. Está sempre ansioso por multiplicar-se quando a oportunidade se apresenta. Para todo homem que tem uma reserva de ouro, surgem oportunidades de uso lucrativo. À medida que os anos passam, seu ouro se multiplica de uma forma surpreendente.

## A TERCEIRA LEI DO OURO

*O ouro agarra-se à proteção do proprietário cauteloso que, ao investi-lo, segue os conselhos de homens com experiência no assunto.*

— O ouro, de fato, agarra-se ao proprietário cauteloso da mesma forma que foge do proprietário incauto. Quem procura o conselho de homens experientes no trato com o ouro logo aprende a não colocar em risco seu tesouro e a preservá-lo em segurança e desfrutar com satisfação de seu crescimento constante.

## A QUARTA LEI DO OURO

*O ouro foge das mãos do homem que investe em negócios com os quais não tem familiaridade ou que não são aprovados por quem tem experiência em lidar com ele, ou de quem o utiliza para finalidades as quais desconhece.*

— Para o homem que tem ouro, mas não tem experiência em lidar com ele, muitas formas de uso podem parecer lucrativas. Na maior parte das vezes, o risco de perda é grande, e, se analisados por homens sábios, alguns investimentos demonstram pouca possibilidade de lucro. Portanto, o dono do ouro que, apesar de ser inexperiente, confia em seu próprio julgamento e investe em negócios ou empreendimentos com os quais não tem familiaridade, muitas vezes, descobre que seu julgamento é imperfeito e paga com seu tesouro por sua inexperiência. Sábio, de fato, é aquele que investe seus tesouros segundo os conselhos de homens experientes no trato do ouro.

## A QUINTA LEI DO OURO

*O ouro foge do homem que tenta forçá-lo a obter ganhos impossíveis, que segue o conselho sedutor de trapaceiros e golpistas ou que o confia a sua própria inexperiência e a seus desejos românticos nos investimentos.*

— O novo proprietário de ouro sempre recebe propostas extravagantes, empolgantes como um conto de aventuras. Estas parecem atribuir poderes mágicos ao tesouro dele, que aparentemente permitem ganhos impossíveis. Ouçam, porém, os homens sábios, pois eles sabem os riscos que há por trás de qualquer plano para fazer uma grande fortuna súbita.

— Não se esqueçam dos homens ricos de Nínive, que nunca correm o risco de perder seu capital ou de aplicá-lo em investimentos que não trazem lucros — Kalabab prosseguiu.

Assim termina minha história das cinco leis do ouro. Ao contá-la a vocês, contei os segredos de meu próprio sucesso...

E, no entanto, eles não são segredos, mas verdades que todo homem deve primeiro aprender e depois seguir, caso deseje apartar-se da multidão que, como os cães selvagens, preocupa-se dia após dia com o que irá comer.

Amanhã entraremos na Babilônia. Olhem! Vejam o fogo que arde eterno sobre o templo de Bel! Já podemos ver a cidade dourada. Amanhã, cada um de vocês terá ouro, o ouro que tão bem receberam por seus fiéis serviços.

Daqui a dez anos, que dirão vocês a respeito desse ouro?

Se algum de vocês, seguindo o exemplo de Nomasir e guiado pela sabedoria de Arkad, usar parte desse ouro para dar início a seu patrimônio, daqui a dez anos, será muito rico e respeitado entre os homens, como o filho de Arkad, e isso é algo certo.

Nossas ações sábias nos acompanham ao longo da vida para nos servir e nos auxiliar. Da mesma forma, os atos insensatos nos perseguem para atormentar-nos. Infelizmente, eles não podem ser esquecidos. Entre os primeiros tormentos que nos seguem estão as lembranças das coisas que deveríamos ter feito e das oportunidades que surgiram que não aproveitamos.

Os tesouros da Babilônia são ricos, tão ricos que nenhum homem consegue estimar seu valor em moedas de ouro. A cada ano, tornam-se mais valiosos. Como os tesouros de todos os

países, são uma recompensa, uma rica recompensa à espera dos homens que estiverem decididos a obter sua justa parte.

A força de seu desejo tem um poder mágico. Direcionem esse poder por meio de seu conhecimento das cinco leis do ouro e conquistarão sua parte dos tesouros da Babilônia.

# O PRESTAMISTA DE OURO DA BABILÔNIA

Cinquenta moedas de ouro! Rodan, o fabricante de lanças da velha Babilônia, nunca tivera tanto ouro em sua carteira de couro. Ele voltava feliz pela estrada real, vindo do palácio do rei, que era muito generoso. A carteira presa a seu cinto balançava no ritmo de seus passos, e dentro dela o ouro produzia um alegre tilintar. Era a música mais doce que ele já ouvira.

Cinquenta moedas de ouro! Todas suas! Ele mal conseguia acreditar em sua sorte. Quanto poder havia naquelas peças tilintantes! Ele poderia comprar tudo o que quisesse, uma casa imponente, terras, gado, camelos, cavalos, carruagens, tudo.

Como usaria aquele ouro? Naquela tarde, enquanto entrava pela rua lateral que levava à casa de sua irmã, ele não conseguia pensar em nada mais que desejasse a não ser aquelas moedas reluzentes e pesadas de ouro que eram dele, para que as guardasse.

Numa tarde, alguns dias depois, Rodan entrou confuso na loja de Mathon, o prestamista de ouro e vendedor de joias e tecidos raros. Sem sequer desviar os olhos para os artigos atraentes, artisticamente exibidos de um lado e de outro, ele cruzou a loja e foi direto para os fundos, onde ficavam os aposentos do comerciante. Lá encontrou o elegante Mathon, acomodado sobre um tapete, saboreando a refeição servida por um escravo negro.

— Gostaria de me aconselhar com você, pois não sei o que fazer! — Rodan postou-se impassível, com as pernas afastadas e seu torso peludo exposto pelo casaco de couro aberto na frente.

A face magra e pálida de Mathon abriu-se em um sorriso, numa saudação cordial.

— Que imprudências cometeu para precisar do prestamista de ouro? Teve azar na mesa de jogo? Ou alguma bela dama o conquistou? Há muitos anos eu o conheço, e você nunca procurou minha ajuda para resolver seus problemas.

— Não, não. Nada disso. Não é ouro o que eu quero. Ao contrário, o que desejo são seus sábios conselhos.

— Ora, viva! O que este homem está dizendo! Ninguém procura o prestamista de ouro para pedir conselhos. Meus ouvidos devem estar me pregando uma peça.

— Não. Eles estão ouvindo bem.

— Como pode ser? Rodan, o fabricante de lanças, é mais astuto do que todo mundo, pois vem falar com Mathon não para pedir ouro, mas conselhos. Muitos homens me procuram querendo ouro para pagar por suas tolices, mas meus conselhos eles não querem. E, no entanto, quem melhor para dar conselhos que o prestamista de ouro, a quem os homens recorrem quando estão em apuros?

Ele prosseguiu:

— Você vai cear comigo, Rodan. É meu convidado esta noite! — Então, ele se virou para dar ordens ao escravo negro. — Ando! Traga um tapete para meu amigo Rodan, o fabricante de lanças, que veio pedir conselhos. Ele é meu convidado de honra. Traga-lhe muita comida e minha maior taça. Escolha o melhor vinho, para que ele tenha grande prazer ao beber.

E, voltando-se para Rodan, ele perguntou:

— Agora, conte-me qual é o seu problema.

— É o presente do rei.

— O presente do rei? O rei lhe deu um presente e ele lhe traz problemas? Que tipo de presente?

— Por ter gostado muito de um novo modelo de pontas para as lanças da guarda real que lhe apresentei, o rei me presenteou com cinquenta moedas de ouro, e agora estou muito angustiado. O dia todo sou assediado por pessoas que me pedem para compartilhar com elas o meu ouro.

— Isso é natural. Há mais pessoas que desejam ouro do que pessoas que o possuem, e elas sempre querem que aquele que o obtém com facilidade divida-o com elas. Mas você não pode apenas dizer “não”? Sua vontade não tem a mesma força que seu punho cerrado?

— A muitos posso dizer “não”, mas, às vezes, seria mais fácil dizer “sim”. Acha possível recusar o pedido de uma irmã por quem temos profunda devoção?

— Com certeza, creio que sua própria irmã não gostaria de impedi-lo de desfrutar de sua recompensa.

— Ela quer o ouro para Araman, seu marido. Minha irmã deseja que Araman se torne um rico mercador e acha que ele nunca teve uma chance. Ela insiste em pedir que eu lhe empreste o ouro, para que Araman se torne um homem próspero e me devolva o dinheiro com juros.

— Meu amigo, este é um bom tema para discussão — disse Mathon. — O ouro traz a seu proprietário uma grande responsabilidade e uma nova posição perante os demais homens. Ele traz o medo da perda ou de ser levado por meio de um golpe. Traz uma sensação de poder e de capacidade de fazer o bem. Traz, também, situações em que as boas intenções de seu dono podem criar dificuldades...

Já ouviu a história sobre o fazendeiro de Nínive que entendia a linguagem dos animais? Imagino que não, pois não é o tipo de história que os homens contam enquanto forjam o bronze. Conto-lhe porque você deve saber que os atos de tomar emprestado e de emprestar vão além da simples transferência do ouro de um par de mãos a outro.

— Havia um fazendeiro que podia entender o que os animais diziam entre si — ele continuou. — Ele costumava ficar até tarde no pátio da fazenda só para ouvir o que diziam. Certa noite, ele ouviu o boi queixando-se para o asno e contando como era difícil sua vida:

“Trabalho puxando o arado de manhã até a noite. Não importa se faz calor ou se minhas pernas estão cansadas, ou se a canga esfolia meu pescoço; sou sempre obrigado a trabalhar. Você, ao contrário, é uma criatura usada para o lazer. Vestem-lhe uma manta

colorida e você não faz nada além de levar nosso mestre aonde ele quiser ir. Se ele não for a lugar algum, você descansa e come capim verdinho o dia todo.”

O asno, apesar de seus coices violentos, era um bom sujeito, e sentiu pena do boi.

“Meu amigo”, disse o asno. “Você trabalha muito, e eu gostaria de aliviar sua sina. Por isso, vou lhe dizer como pode conseguir um dia de descanso. De manhã, quando o escravo vier prendê-lo ao arado, deite-se no chão e comece a mugir, para que ele pense que você está doente e não pode trabalhar.”

O boi seguiu o conselho do asno e, na manhã seguinte, o escravo veio dizer ao patrão que o animal estava doente e que, por isso, não poderia puxar o arado.

“Então, prenda o asno ao arado, pois o trabalho na terra não pode parar”, disse o fazendeiro.

Durante todo o dia, o asno, que só queria ajudar o boi, foi forçado a realizar a tarefa do amigo. Quando a noite caiu e ele foi libertado do arado, estava amargurado; tinha as pernas cansadas, e seu pescoço estava ferido onde a canga o esfolara.

O fazendeiro foi até o pátio da fazenda para ouvir o que diziam.

O boi começou:

“Você é um bom amigo. Graças a seu sábio conselho, consegui ter um dia de descanso.”

“Em compensação, eu sou como muitos ingênuos que começam ajudando um amigo e terminam fazendo o serviço dele”, retrucou o asno. “Daqui em diante, você puxe seu próprio arado, pois ouvi o mestre dizer ao escravo para chamar o açougueiro caso você fique doente de novo. E desejo que o faça, porque você é um sujeito preguiçoso.”

Depois disso, eles não se falaram mais, e assim terminou essa amizade. Você consegue perceber a moral desta história, Rodan?

— É uma boa história — respondeu Rodan. — Mas não sei qual é a moral dela.

— Imaginei que não saberia. Mas existe uma moral, e é bem simples. Se quer ajudar um amigo, ajude-o de forma que os problemas dele não recaiam sobre você.



— Eu não havia pensado nisso. É uma moral muito sábia. Não desejo assumir os problemas do marido da minha irmã. Mas, diga-me você, que empresta dinheiro para muita gente: os tomadores de empréstimo costumam devolver o dinheiro?

Mathon deu um sorriso de alguém muito experiente.

— Acaso o empréstimo seria bom se o dinheiro não fosse devolvido? — ele disse. — Não deve o prestamista ser prudente e avaliar com cautela se seu ouro será usado pelo tomador em algum propósito útil, para então retornar a suas mãos, ou se será desperdiçado de forma tola, perdendo-se e fazendo restar apenas uma dívida que o tomador não poderá pagar? Vou lhe mostrar alguns objetos que guardo em meu baú de penhores e deixar que eles próprios contem suas histórias.

Ele trouxe para o salão um baú tão comprido quanto seu braço, forrado de couro de porco vermelho e decorado com detalhes em bronze. Colocou-o no chão e acocorou-se à sua frente, com as mãos sobre a tampa.

— A cada pessoa a quem empresto dinheiro, peço como garantia algum objeto, que guardo neste baú até que o empréstimo seja pago. Feito o pagamento, devolvo o objeto, mas, se nunca me pagarem, para sempre ele me lembrará de quem traiu minha confiança.

— Meu baú de garantias me mostra que os empréstimos mais seguros são aqueles feitos a pessoas com posses de valor superior ao ouro que me pedem — ele prosseguiu. — Elas possuem terras, joias, camelos ou outras coisas que poderiam ser vendidas para pagar o empréstimo. Algumas das garantias que recebi são joias de valor superior ao do empréstimo. Há também documentos dizendo que, caso o empréstimo não seja pago como combinado, a pessoa me entregará alguma propriedade. Em casos assim, tenho a certeza de que meu ouro será devolvido com os devidos juros, pois o empréstimo está respaldado por propriedades.

— Outra categoria de tomadores de empréstimos é constituída por pessoas capazes de ganhar dinheiro — ele continuou. — São homens como você, que trabalham e são pagos. Têm renda e, sendo honestos e não sofrendo nenhum infortúnio, sei que também

podem devolver o ouro emprestado e os juros a que tenho direito. Tais empréstimos estão respaldados pelo esforço humano.

— Há outros, porém, que não têm nem propriedades nem capacidade garantida de ganho. A vida é dura, e sempre haverá quem não consiga se ajustar a ela — ele concluiu. — Por menores que forem os empréstimos que faça a tais pessoas, meu baú de garantias me lembrará delas com reprovação para o resto da vida, a menos que esses empréstimos sejam respaldados por amigos fiéis do tomador, que confiam em sua integridade.

Mathon soltou o fecho do baú e abriu a tampa. Rodan aproximou-se, ansioso por ver o que continha dentro. Por cima de tudo havia um colar de bronze sobre um tecido escarlate. Mathon pegou a joia e afagou-a com afeto.

— Este colar ficará para sempre em meu baú porque o dono se foi para a grande escuridão. Guardo-o com carinho e tenho apreço pela memória de seu dono, pois era meu grande amigo. Fizemos muitos bons negócios juntos, até que ele trouxe do leste a mulher com quem se casou. Ela era uma criatura deslumbrante, muito bela, mas diferente das mulheres daqui. Ele gastou todo o ouro que tinha para satisfazer-lhe os desejos. Pediu-me ajuda, angustiado, quando ficou sem nada. Conversei com ele, dizendo que o ajudaria, uma vez mais, a controlar seus negócios, e ele jurou pelo sinal do Grande Touro que assim seria. Mas não foi o que aconteceu. Em uma briga, ele desafiou a mulher a cravar-lhe um punhal no coração, e ela assim o fez.

— E o que aconteceu a ela? — perguntou Rodan.

— Ah, sim, claro, isto aqui era dela. — Ele pegou o tecido escarlate. — Possuída por um profundo arrependimento, ela se jogou no Eufrates. Esses dois empréstimos jamais foram pagos. O baú demonstra, Rodan, que pessoas dominadas pelas emoções são um grande risco para quem empresta ouro.

Mathon fez uma pausa e prosseguiu:

— Agora, veja, esta é uma história diferente. — Ele apanhou um anel de osso de boi entalhado. — Isto é de um fazendeiro. Eu compro os tapetes que as mulheres dele tecem. Os gafanhotos atacaram suas lavouras, deixando-os sem ter o que comer. Eu o

ajudei e, depois da colheita seguinte, ele me pagou. Mais tarde, ele me procurou de novo e falou sobre estranhas ovelhas de uma terra distante, descritas por um viajante. Tinham um longo pelo, tão fino e macio que os tapetes tecidos com ele seriam os mais belos já vistos na Babilônia. Ele desejava ter um rebanho dessas ovelhas, mas não tinha dinheiro. Assim, emprestei-lhe ouro para fazer a viagem e trazer as cabras. Agora, ele já começou a formar seu rebanho, e, no ano que vem, vou surpreender os senhores da Babilônia com os tapetes mais caros que já tiveram a oportunidade de comprar. Logo devolverei este anel a seu dono. Ele insiste em pagar o empréstimo de imediato.

— Há pessoas que pegam empréstimos e fazem isso? — indagou Rodan.

— Se pegam o empréstimo com finalidades rentáveis, é o que acontece. Mas se tomam por conta de suas tolices, alerta para ter cautela se quiser que algum dia o ouro volte para suas mãos.

— Fale-me sobre esta joia — pediu Rodan ao pegar um pesado bracelete de ouro com incrustações de pedras preciosas que formavam belos desenhos.

— Você tem interesse nas mulheres, meu bom amigo — provocou Mathon.

— Ainda sou bem mais jovem que você — devolveu Rodan.

— Sem dúvida, mas desta vez você imagina um romance onde não há. A dona desta peça é uma dama obesa e cheia de rugas, que me enlouquece de tanto falar e não dizer nada. No passado, sua família teve muito dinheiro, eram bons clientes, mas tempos ruins se abateram sobre eles. A dama tem um filho, que ela desejava que fosse mercador. Assim, veio me ver e pegou ouro emprestado para que o rapaz pudesse entrar numa sociedade com o dono de uma caravana de camelos que vai de cidade em cidade, vendendo em uma o que compra em outra...

O tal homem demonstrou ser um patife, pois abandonou o pobre garoto em uma cidade distante, sem dinheiro e sem amigos, partindo de lá enquanto o jovem ainda dormia. Talvez, quando for um homem crescido, o rapaz me pague; até lá, não receberei juros

pelo empréstimo, só muita conversa. Mas admito que as pedras preciosas fazem o empréstimo valer a pena.

— Essa dama lhe pediu algum conselho quanto à prudência de tomar tal empréstimo?

— Muito pelo contrário. Ela criou para si uma imagem do filho como a de um homem rico e poderoso. Qualquer sugestão em contrário a enfurecia. Uma bela descompostura foi o que ela me passou. Eu sabia do risco que aquele garoto inexperiente correria, mas, como ela me deu a joia como garantia, não pude recusar-lhe o empréstimo.

Mathon prosseguiu, balançando um pedaço de corda atado com um nó:

— Isto pertence a Nebatur, o negociante de camelos. Quando deseja comprar uma cáfila que custa mais do que dispõe, Nebatur me traz este nó e eu lhe empresto o que for necessário. Ele é um negociante prudente. Tenho confiança em seu bom julgamento e posso emprestar-lhe com tranquilidade. Muitos outros mercadores da Babilônia contam com minha confiança em virtude de seu comportamento honrado. Suas garantias entram e saem com frequência de minha caixa. Bons mercadores são um patrimônio para nossa cidade, e para mim é lucrativo ajudá-los a manter seus negócios em atividade, para que a Babilônia seja próspera.

Mathon pegou um besouro entalhado numa turquesa e atirou-o ao chão com desprezo.

— Um inseto do Egito. É de um rapaz para quem não faz diferença se algum dia receberei meu ouro de volta ou não. Quando eu o cobro, ele responde “Como posso pagar se a má sorte me persegue? Você tem muito mais ouro além desse!”. Que posso fazer? Esta garantia foi dada pelo pai dele, um homem de poucas posses, mas digno, que precisou empenhar suas terras e seu rebanho para sustentar os negócios do filho. No início, o jovem teve êxito, e em seguida ficou ávido demais por ganhar uma grande fortuna. Mas, por inexperiência, seus empreendimentos fracassaram...

A juventude é ambiciosa. Os jovens estão dispostos a tomar qualquer atalho para alcançar riqueza e conseguir obter as coisas

desejáveis que ela pode trazer. Para enriquecer rapidamente, eles, às vezes, fazem empréstimos imprudentes. Como são inexperientes, não conseguem perceber que um débito insolúvel é um poço profundo onde afunda-se depressa e no qual podemos nos debater por muito tempo tentando sair. É um poço de lamentações e remorsos, onde a luz do sol não chega e o sono durante a noite é agitado e infeliz. Mas não desaconselho a tomada de empréstimos. É algo que encorajo. Recomendo o empréstimo se for para uma finalidade sábia. Eu mesmo tive meu primeiro sucesso verdadeiro como comerciante com ouro que tomei emprestado.

— Contudo — Mathon concluiu —, o que deve fazer o tomador em tal caso? O jovem está desesperado e não consegue realizar nada. Está desanimado. Não faz nenhum esforço para pagar o empréstimo. Meu coração não deseja privar o pai de suas terras e de seu gado.

— Você disse muita coisa que me interessa — arriscou-se Rodan. — Mas não respondeu à minha questão. Devo emprestar as cinquenta moedas de ouro ao marido de minha irmã? Elas significam muito para mim.

— Sua irmã é uma mulher excelente, a quem estimo muito. Se o marido dela viesse me pedir cinquenta moedas de ouro emprestadas, eu perguntaria com que finalidade ele as usaria. Caso ele respondesse que desejava tornar-se mercador, assim como eu, e vender joias e móveis caros, eu perguntaria “Que conhecimento você tem sobre o comércio? Sabe onde pode comprar os produtos pelo menor preço? Sabe onde pode vender por preço justo?”. Ele poderia responder afirmativamente a tais questões?

— Não, não poderia — admitiu Rodan. — Ele tem me ajudado muito a fazer lanças e ajudado um pouco nas vendas. Apenas isso.

— Então, eu lhe diria que o objetivo dele não é muito sensato. Os mercadores devem aprender seu ofício. Ele tem uma ambição louvável, mas ela não é realista; portanto, eu não lhe emprestaria o ouro.

Mathon fez uma pausa e continuou:

— Supondo, porém, que ele pudesse dizer “Sim, já ajudei muito os mercadores. Sei como viajar para Esmirna e comprar a preço

baixo os tapetes que as mulheres tecem. Também conheço muitas pessoas ricas na Babilônia, a quem poderia vendê-los com grande lucro...”, então, eu diria “Seu objetivo é sábio, e sua ambição é louvável. Terei prazer em emprestar-lhe as cinquenta moedas de ouro se você me der uma garantia de que serão devolvidas!”. Mas ele diria “Não tenho nenhuma garantia a dar exceto que sou um homem honrado e vou pagar-lhe muito bem pelo empréstimo!”. Então, eu responderia: “Cada moeda de ouro é muito valiosa para mim. Se os ladrões roubarem o ouro na viagem para Esmirna ou roubarem os tapetes na volta de lá, você não terá como pagar-me o empréstimo, e meu ouro será perdido!”.

— Sabe, Rodan — ele continuou —, o ouro é a mercadoria do prestamista de ouro. É fácil emprestá-lo. No entanto, se for emprestado de modo imprudente, será difícil tê-lo de volta. O prestamista sábio não almeja o risco do empreendimento, mas a garantia de um pagamento seguro.

— Tudo bem ajudar quem está em apuros — prosseguiu ele. — Tudo bem ajudar aqueles sobre quem a mão pesada do destino se abateu. Tudo bem ajudar quem está começando, à medida que progride e se torna um cidadão de valor. Mas a ajuda deve ser oferecida de forma sábia, para não correremos o risco de, como o asno do fazendeiro, assumir o fardo que pertence ao outro...

De novo, me afastei de sua pergunta, Rodan, mas ouça minha resposta: guarde suas cinquenta moedas de ouro. Aquilo que seu trabalho lhe trouxe, e o que lhe foi dado como recompensa, é somente seu, e homem nenhum pode obrigá-lo a separar-se dele, a menos que seja esse seu desejo. Caso queira emprestá-lo para que possa render mais ouro, faça-o com cautela e em diversos lugares. Não gosto do ouro ocioso, mas gosto menos ainda de grandes riscos. — Mathon fez uma pausa e perguntou:

— Há quantos anos você trabalha fazendo lanças?

— Há três anos.

— Quanto já economizou, fora o presente do rei?

— Três moedas de ouro.

— A cada ano que trabalhou, você privou-se de coisas boas para poder guardar, a partir de seus ganhos, uma moeda de ouro?

— Exato.

— Então, privando-se dessas coisas, poderia economizar cinquenta moedas de ouro em cinquenta anos?

— Seria o resultado de uma vida inteira de trabalho.

— Você acha que sua irmã desejaria arriscar as economias de cinquenta anos de seu trabalho na forja de bronze para que o marido dela tentasse ser um mercador?

— Se eu lhe explicar com essas palavras, não.

— Então, vá até ela e diga: “Durante três anos, trabalhei todos os dias, exceto os dias de jejum, da manhã até à noite, e privei-me de muitas coisas pelas quais ansiava de coração. Para cada ano de trabalho e privação, tenho agora uma moeda de ouro. Você é minha irmã querida, e desejo que seu marido faça negócios que lhe tragam grande prosperidade. Se ele me apresentar um projeto que meu amigo Mathon considere sábio e viável, então, com muita satisfação, lhe emprestarei minhas economias de um ano inteiro, para que ele tenha chance de mostrar que pode ser bem-sucedido!”. Faça isso, e, se ele tiver capacidade para o sucesso, poderá prová-lo. Se fracassar, ficará devendo um valor baixo, que poderá ter a esperança de um dia devolver...

Sou prestamista de ouro por ter mais ouro do que necessito em meu próprio negócio. Desejo que meu ouro excedente trabalhe para os outros e, assim, renda mais ouro. Não quero correr o risco de perder meu ouro, pois trabalhei muito e privei-me de muita coisa para guardá-lo. Portanto, não empresto mais qualquer quantia se não tiver a certeza de que estará segura e de que retornará para mim. Tampouco empresto se não estiver convencido de que os rendimentos do empréstimo serão prontamente pagos a mim.

— Eu lhe contei, Rodan, alguns dos segredos de meu baú de garantias — ele prosseguiu. — Por meio deles, você pode compreender as fraquezas dos homens e sua inclinação a fazer empréstimos que não têm condições seguras de pagar. Pode perceber quantas vezes as grandes esperanças das pessoas quanto ao que poderiam ganhar caso dispusessem de ouro são apenas falsas esperanças, que elas não têm a capacidade ou a experiência para concretizar...

Agora, Rodan, você tem ouro que deveria colocar para render-lhe ainda mais. Está a ponto de tornar-se um prestamista de ouro como eu. Se souber resguardar seu tesouro, ele lhe proporcionará ganhos generosos, e será uma rica fonte de prazer e lucro pelo resto de sua vida. Contudo, se permitir que lhe escape, será uma fonte constante de pesar e remorsos enquanto sua memória durar... O que você pretende fazer com este ouro que tem em sua carteira?

— Mantê-lo seguro.

— Falou com sabedoria — aprovou Mathon. — Seu primeiro desejo é ter segurança. Você imagina que, se estiver aos cuidados do marido de sua irmã, seu ouro estará realmente seguro contra possíveis perdas?

— Receio que não, pois ele não tem sabedoria para guardar o ouro.

— Então, não se deixe convencer pelo tolo sentimento de que deve confiar seu tesouro a alguma outra pessoa. Se deseja ajudar sua família ou seus amigos, encontre outros modos que não tragam o risco de perder seu tesouro. Não se esqueça de que o ouro foge de formas inesperadas daqueles que não têm experiência em guardá-lo. Seja desperdiçando seu tesouro com extravagâncias, seja permitindo que outros o percam por você... Depois da segurança, o que mais deseja quanto a seu tesouro?

— Que ele produza mais ouro.

— De novo, você fala com sabedoria. Você deve fazê-lo render e aumentar. O ouro bem emprestado pode até dobrar em valor com seus lucros antes que um homem como você fique velho. Se arriscar perdê-lo, vai arriscar-se a perder também tudo o que ele poderia render...

Portanto, não se deixe levar por planos fantásticos de homens tolos que acreditam saber como seu ouro pode ter rendimentos muito acima do normal. Esses planos são obra de sonhadores, que desconhecem as leis seguras e confiáveis do comércio. Tenha expectativas conservadoras quanto a seus ganhos, para conseguir manter e desfrutar seu tesouro. Investi-lo com promessas de retornos extraordinários é um convite à perda...



Procure associar-se a homens hábeis e investir em negócios cujo êxito seja garantido, de modo que seu tesouro possa ter bons rendimentos e esteja em segurança graças a sua sabedoria e experiência...

Dessa forma, você evitará os dissabores que afetam a maioria dos homens a quem os deuses decidiram confiar o ouro.

Quando Rodan quis agradecer-lhe pelos sábios conselhos, Mathon não lhe deu ouvidos; ele apenas disse:

— O presente do rei lhe trará grande sabedoria. Se deseja manter suas cinquenta moedas de ouro, deve ser cauteloso. Será tentado por muitos projetos. Receberá muitos conselhos. Aparecerão inúmeras oportunidades de obter grandes lucros. As histórias de minha caixa de garantias devem servir-lhe de alerta. Ser for emprestar qualquer moeda de ouro de sua bolsa, assegure-se antes de que ela voltará. Se quiser mais conselhos, venha me ver de novo. Eu os darei de bom grado...

Antes de ir embora, leia o que gravei na parte de dentro da tampa de meu baú. É algo que se aplica tanto a quem toma quanto a quem faz um empréstimo:

É MELHOR UM  
POUCO DE CAUTELA  
DO QUE UM GRANDE  
ARREPENDIMENTO.

# AS MURALHAS DA BABILÔNIA

O velho Banzar, um guerreiro calejado de tempos passados, montava guarda na passagem que conduzia ao alto das velhas muralhas da Babilônia. Lá em cima, valentes defensores lutavam para manter o domínio das muralhas. Deles dependia a sobrevivência da grande cidade e de suas centenas de milhares de cidadãos.

Do lado de fora ouviam-se o rugido dos exércitos atacantes, o clamor de muitos homens, o tropel de milhares de cavalos, o estrondo ensurdecedor dos aríetes que golpeavam os portões de bronze.

Por trás dos portões, postavam-se os lanceiros, preparados para impedir uma invasão caso os portões cedessem. Eram poucos para tamanha tarefa. A maior parte do exército estava com o rei, muito longe, na grande expedição, para leste, contra os elamitas. Sem nenhuma previsão de que a cidade pudesse ser atacada durante a ausência das tropas, as forças de defesa ficaram reduzidas.

Vindos inesperadamente do norte, os poderosos exércitos assírios atacaram. Agora, as muralhas deveriam resistir, ou a Babilônia estaria condenada.

Banzar encontrava-se rodeado por uma multidão de pessoas com expressões assustadas, ansiosas por notícias da batalha. Com um terror silencioso, assistiam ao desfile de feridos e mortos que vinham lá de cima pela passagem.

O ataque chegara a seu momento crucial. Durante três dias, o inimigo rodeara a cidade para subitamente lançar toda a sua imensa força contra essa parte da muralha e o portão.

Lá do alto, as defesas rechaçavam as plataformas e as escadas do exército inimigo usando flechas e óleo incandescente, enfrentando com lanças qualquer atacante que conseguisse chegar ao topo da muralha. Milhares de arqueiros inimigos descarregavam uma barragem mortal de flechas contra os defensores da cidade.

Banzar postava-se em um ponto privilegiado para receber as notícias. Era o mais próximo ao conflito, e ele era o primeiro a saber cada vez que um novo ataque das hordas enfurecidas era combatido.

Um velho mercador, de mãos enrugadas e trêmulas, aproximou-se.

— Diga-me! Diga-me, por favor! — ele implorou. — Eles não podem entrar, não é? Meus filhos estão com nosso bom rei. Não há ninguém para proteger minha velha esposa. Vão roubar todos os meus bens, minha comida, e não deixarão nada. Somos velhos, velhos demais para defender-nos, velhos demais para sermos escravos. Vamos passar fome. Vamos morrer. Diga-me que não vão conseguir entrar.

— Acalme-se, bom mercador — respondeu o sentinela. — As muralhas da Babilônia são fortes. Volte ao mercado e diga a sua mulher que as muralhas vão proteger vocês e suas posses com a mesma segurança que fornecem ao tesouros do rei. Fiquem perto das paredes, para não serem feridos pelas flechas que passam por cima da muralha!

Uma mulher com um bebê nos braços tomou o lugar do velho quando este se foi.

— Senhor, que notícias tem de lá de cima? Diga-me a verdade para que eu possa tranquilizar meu pobre marido. Ele caiu com uma febre causada pelos ferimentos terríveis que sofreu, mas insiste em pedir sua armadura e sua lança para proteger-me, pois eu estou grávida. Diz que a vingança de nossos inimigos será horrível, caso consigam entrar.

— Fique tranquila, você que é mãe e que novamente será, pois as muralhas da Babilônia vão proteger você e seus filhos. Elas são altas e sólidas. Não ouve os gritos de nossos valentes defensores

ao derramarem os caldeirões de óleo ardente sobre os inimigos que sobem as escadas?

— Sim, ouço isso, e ouço também o rugido dos aríetes que golpeiam os portões.

— Volte para seu marido. Diga-lhe que os portões são fortes e que resistirão aos aríetes. E diga também que os atacantes que escalam as muralhas são recebidos por nossas lanças. Tenha cuidado no caminho e proteja-se depressa atrás daquelas construções.

Banzar afastou-se para o lado, abrindo passagem para reforços com armamento pesado. Enquanto passavam, os escudos de bronze retinindo e o passo pesado, uma garotinha puxou seu cinturão.

— Por favor, soldado, diga-me, estamos seguros? — perguntou ela. — Estou ouvindo um barulho horrível, vejo homens sangrando. Sinto muito medo. O que vai acontecer com a minha família, com minha mãe, meu irmãozinho e o bebê?

O velho guerreiro calejado piscou os olhos e ergueu o queixo ao encarar a criança.

— Não tenha medo, pequenina — tranquilizou-a. — As muralhas da Babilônia vão proteger você e sua mãe, seu irmãozinho e o bebê. Foi para proteger pessoas como vocês que a boa rainha Semíramis mandou construí-las há mais de cem anos. Elas nunca foram invadidas. Volte para casa e diga a sua mãe que as muralhas da Babilônia vão proteger vocês, e que não precisam ter medo.

Dia após dia, o velho Banzar permaneceu em seu posto e viu os soldados de reforços subirem pela passagem, permanecendo lá em cima até descerem novamente, feridos ou mortos. A seu redor, o tempo todo juntavam-se cidadãos amedrontados, perguntando angustiados se as muralhas resistiriam. A todos ele dava a mesma resposta com a nobre dignidade de um velho soldado: “As muralhas da Babilônia protegerão vocês!”.

Durante três semanas e cinco dias, o ataque prosseguiu de uma forma muito violenta que nunca se amenizava. A fisionomia de Banzar foi se tornando sombria, sua mandíbula tornou-se cerrada à medida que a passagem por trás dele foi se transformando em um

lamaçal de terra misturada com o sangue de tantos feridos pisoteado pelo fluxo constante de homens que subiam marchando e desciam cambaleando. A cada dia os atacantes mortos se empilhavam mais e mais diante das muralhas. À noite, eram carregados para longe e enterrados por seus camaradas.

Na quinta noite da quarta semana, porém, o clamor do lado de fora diminuiu. As primeiras luzes do dia, iluminando as planícies, descortinaram grandes nuvens de poeira, erguidas pelos exércitos que se retiravam. Um grito potente ergueu-se entre os defensores. Não havia dúvida quanto a seu significado. Ele foi repetido pelas tropas que estavam de prontidão por trás das muralhas. Foi ecoado pelos cidadãos nas ruas. Varreu a cidade com a violência de uma tempestade.

As pessoas correram para fora das casas. As ruas foram ocupadas pela multidão agitada. O medo acumulado ao longo de semanas deu lugar a um coro enlouquecido de alegria. Do alto da torre do Templo de Bel subiram as chamas da vitória, e uma coluna de fumaça azul elevou-se no céu, carregando para longe sua mensagem.

As muralhas da Babilônia uma vez mais haviam rechaçado um inimigo poderoso e brutal, determinado a saquear seus tesouros e a derrotar e escravizar seus cidadãos.

A Babilônia resistiu por muitos séculos porque estava *totalmente protegida*. De outra forma, não teria conseguido.

Suas muralhas foram um exemplo notável da necessidade e do desejo que o homem tem de proteção. É um desejo inerente à raça humana. O desejo de ser protegido é tão forte hoje como sempre foi, mas nós criamos planos melhores, mais amplos, para atingir esse objetivo.

Atualmente, por trás das inexpugnáveis muralhas de seguros, cadernetas de poupança e investimentos confiáveis, podemos resguardar-nos contra as tragédias inesperadas que podem acontecer a qualquer momento.

NÃO PODEMOS  
NOS PERMITIR VIVER

SEM CONTAR COM  
UMA PROTEÇÃO  
ADEQUADA.

# O MERCADOR DE CAMELOS DA BABILÔNIA

Quanto mais faminto alguém fica, com mais clareza sua mente trabalha — e mais sensível se torna aos aromas da comida.

Tarkad, filho de Azure, com certeza, sentiu isso. Fazia dois dias que não comia nada, exceto dois figos pequeninos roubados por cima do muro de um jardim. Foi tudo o que conseguiu pegar antes de aparecer uma mulher furiosa, que correu atrás dele pela rua. Os gritos agudos da perseguidora ainda lhe soavam nos ouvidos enquanto ele percorria o mercado, e ajudavam a controlar seus dedos inquietos, tentados a apanhar alguma fruta das cestas das vendedoras.

Ele nunca antes havia reparado quanto alimento era trazido aos mercados da Babilônia e como era bom o cheiro de tudo ali. Saindo do mercado, foi até a hospedaria e ficou andando de um lado para outro na frente da taverna. Talvez encontrasse algum conhecido para lhe emprestar uma moeda de cobre, que garantiria um sorriso do antipático dono da hospedaria acompanhado de uma refeição generosa. Sem dinheiro, sabia perfeitamente que não seria nem um pouco bem-vindo.

Distraído como estava, viu-se de repente cara a cara com a figura alta e magra do homem que mais desejava evitar, Dabasir, o mercador de camelos. De todas as pessoas que lhe haviam emprestado pequenas quantias, era Dabasir quem mais o deixava envergonhado por não cumprir a promessa de pagar prontamente os empréstimos.

A expressão de Dabasir iluminou-se ao vê-lo.

— Ah, aí está Tarkad, justo quem andei procurando para que pudesse me devolver as duas moedas de cobre que lhe emprestei faz uma lua... e também a moeda de prata que lhe emprestei antes disso. Que bom que nos encontramos. Posso fazer bom uso das moedas hoje. Que me diz, garoto? O que tem a me dizer?

Tarkad gaguejou, e sua face ficou vermelha. Não tinha nada no estômago vazio que lhe desse forças para discutir com o franco e direto Dabasir.

— Sinto muito, muito mesmo — balbuciou constrangido. — Mas hoje não tenho nem moedas de cobre nem de prata para lhe pagar.

— Então, encontre-as! — insistiu Dabasir. — Com certeza, pode conseguir algumas moedas de cobre e uma moeda de prata para retribuir a generosidade de um velho amigo de seu pai, que ajudou você quando precisou, não é?

— Não posso pagar a você por causa da má sorte que me persegue.

— Má sorte? Está lançando aos deuses a culpa por sua própria fraqueza!? A má sorte persegue todo homem que pensa mais em tomar dinheiro emprestado do que em pagar o empréstimo. Venha comigo, garoto, enquanto almoço. Estou com fome e quero lhe contar uma história.

Tarkad hesitou diante da franqueza brutal de Dabasir, mas, pelo menos, estava ali o convite para entrar pela cobiçada porta da taverna.

Dabasir levou-o até um canto do salão, onde os dois sentaram-se sobre pequenos tapetes.

Quando Kauskor, o proprietário, apareceu sorrindo, Dabasir dirigiu-se a ele com sua familiaridade habitual.

— Seu lagarto gordo do deserto, traga-me um pernil de cabrito, bem passado e com muito caldo, e pão e muitos vegetais, porque estou faminto e quero muita comida. Não se esqueça de meu amigo aqui. Traga-lhe uma caneca de água. Que seja fresca, porque o dia está quente.

Tarkad sentiu o coração afundar no peito. Teria de ficar ali sentado, bebendo água, enquanto assistiria àquele homem devorar



um pernil de cabrito inteiro? Ele não disse nada. Não conseguiu pensar em algo que pudesse dizer.

Dabasir, pelo contrário, não sabia o que era silêncio. Sorrindo e acenando cordialmente para os outros fregueses, todos conhecidos seus, ele prosseguiu:

— Um viajante recém-chegado de Urfa me contou que há um homem rico que tem uma pedra cortada tão fina que dá para enxergar através dela. Ele a coloca na janela de casa para que a chuva não entre. Essa pedra é amarela, contou o viajante, que teve permissão para olhar através dela, e ele disse que o mundo do lado de fora parecia estranho olhando por ali, muito diferente do que é na realidade. O que você acha, Tarkad? Você diria que um homem pode ver o mundo de uma cor diferente do que de fato é?

— Eu diria que sim — respondeu o jovem, muito mais interessado no gordo pernil de cabrito colocado diante de Dabasir do que na história.

— Bem, eu sei que é verdade porque eu mesmo já enxerguei o mundo de cor diferente do que ele de fato é, e vou lhe contar a história de como voltei a enxergá-lo de novo com as cores corretas.

— Dabasir vai contar uma história — sussurrou um freguês próximo para seu vizinho, puxando seu tapete mais para perto.

Outros fregueses trouxeram sua comida e se juntaram, formando um semicírculo. Mastigavam de forma ruidosa junto ao ouvido de Tarkad e roçavam nele seus ossos cheios de carne. Só ele não tinha nada o que comer. Dabasir não lhe ofereceu nada, sequer o convidou a pegar um pedaço do pão duro que havia caído no chão.

— Vou contar a história de como me tornei, na juventude, um mercador de camelos — começou Dabasir, fazendo uma pausa para arrancar, numa mordida, um belo naco do pernil de cabrito. — Alguém aqui sabia que eu já fui um escravo na Síria?

Um murmúrio de surpresa percorreu a audiência, para satisfação de Dabasir.

— Quando eu era jovem — ele prosseguiu, depois de mais um ataque violento ao pernil de cabrito —, aprendi o ofício de meu pai, a confecção de selas. Trabalhei com ele em sua oficina e consegui arrumar uma esposa. Sendo jovem e inexperiente, eu ganhava

pouco, apenas o suficiente para sustentar de forma modesta a mim e a minha esposa. Eu ansiava por coisas boas que estavam além de minhas possibilidades. Logo descobri que os vendedores confiavam em mim e permitiam que eu lhes pagasse depois, se não pudesse pagar no ato...

Por ser jovem e inexperiente, eu não sabia que quem gasta mais do que ganha está plantando os ventos de uma complacência inútil, e com certeza colhe tempestades de problemas e humilhações. Assim, satisfiz aos meus desejos de roupas finas e comprei, para minha boa esposa e para nossa casa, objetos de luxo muito além de nossas posses...

Eu pagava como podia, e durante algum período tudo correu bem. Mas, com o passar do tempo, descobri que não conseguiria usar meus ganhos para viver e ao mesmo tempo pagar as dívidas. Os credores começaram a me perseguir para que eu quitasse minhas dívidas extravagantes, e minha vida virou um inferno. Peguei dinheiro emprestado dos amigos, mas também não conseguia devolver a eles o dinheiro emprestado. As coisas foram de mal a pior. Minha esposa voltou para a casa do pai dela, e eu decidi ir embora da Babilônia e procurar outra cidade onde um jovem pudesse ter melhores oportunidades.

— Durante dois anos — ele continuou —, levei uma vida instável e fracassada, trabalhando para mercadores em caravanas. Então, me juntei a um grupo de ladrões que percorriam o deserto em busca de caravanas desarmadas. Tudo isso era indigno do filho de meu pai, mas eu estava enxergando o mundo através de uma pedra colorida, e não percebia o grau de degradação em que havia caído...

Tivemos sucesso em nossa primeira viagem, roubando uma valiosa carga de ouro, sedas e mercadorias caras. Levamos os frutos de nosso saque para Ginir<sup>3</sup> e gastamos tudo.

— Na segunda vez — ele prosseguiu —, não tivemos tanta sorte. Logo depois do roubo, fomos atacados pelos lanceiros de um chefe nativo a quem as caravanas pagavam por proteção. Nossos dois líderes foram mortos, e o restante de nós foi levado para Damasco, onde tiraram nossas roupas e nos venderam como escravos...

Fui comprado por duas moedas de prata por um sírio que era um chefe de mercadores do deserto. Com a cabeça raspada e usando apenas uma tanga, eu não era muito diferente dos demais escravos. Sendo um jovem irresponsável, achava que aquela seria apenas uma aventura, até que meu dono me levou diante de suas quatro esposas e disse a elas que poderiam me usar como eunuco...

Foi aí que percebi a situação desesperadora em que me encontrava. Aqueles homens do deserto eram guerreiros ferozes. Eu estava à mercê de sua vontade, sem armas nem meios de escapar...

Fiquei ali, assustado, enquanto as quatro mulheres me examinavam com o olhar. Perguntava-me se poderia esperar piedade da parte delas. Sira, a primeira esposa, era mais velha que as outras. Sua expressão permaneceu impassível enquanto ela me olhava. Desviei meu olhar, pois não encontrara nela consolo algum. A esposa seguinte era uma beldade arrogante que me olhava com indiferença, como se eu não passasse de uma minhoca na terra. As duas mais jovens riam como se tudo fosse apenas uma brincadeira divertida...

Parecia-me que eu ficara ali uma eternidade, à espera da sentença. Supostamente, cada uma das mulheres esperava que uma das outras decidisse. Por fim, Sira disse, com uma voz fria:

“Temos eunucos suficientes, mas temos poucos cuidadores de camelos, e são todos uns inúteis. Hoje mesmo gostaria de visitar minha mãe, que está doente com malária, e não há nenhum escravo em quem eu confie para conduzir meu camelo. Pergunte a esse escravo se ele é capaz de fazer isso!”

Meu mestre, então, me perguntou:

“O que você sabe sobre camelos?”

Tentando controlar o nervosismo, respondi:

“Posso fazer com que se ajoelhem, colocar cargas neles, conduzi-los em longas viagens sem que se cansem. Se for preciso, posso reparar seus arreios.”

“O escravo parece saber o que diz”, observou meu mestre. “Se assim desejar, senhora Sira, fique com este homem para cuidar de seus camelos.”

Então, fui entregue a Sira, e naquele dia conduzi seu camelo em uma longa jornada até a casa de sua mãe enferma. Aproveitei a oportunidade para agradecer sua intercessão e também para dizer-lhe que eu não havia nascido escravo, e que era filho de um homem livre, um honrado fabricante de selas da Babilônia. Também lhe contei minha história. Seus comentários foram desconcertantes, e mais tarde pensei muito sobre o que ela disse.

“Como pode considerar-se um homem livre quando sua fraqueza o trouxe a esta situação? Se um homem tem dentro de si a alma de um escravo, não irá ele tornar-se escravo, ainda que tenha nascido livre, da mesma forma como a água escorre para o ponto mais baixo do terreno? Se tiver dentro de si a alma de um homem livre, não irá ele tornar-se respeitado e honrado em sua própria cidade, sem importarem seus infortúnios?”, foi o que ela disse.

Por mais um ano, continuei na condição de escravo e vivi entre escravos, mas não conseguia me tornar um deles. Certo dia, Sira me perguntou:

“Nas horas livres, quando os demais escravos podem se reunir e desfrutar da companhia uns dos outros, por que você fica sozinho em sua tenda?”

“Tenho pensado no que você me disse”, respondi. “Eu me pergunto se tenho a alma de um escravo. Não consigo me juntar a eles; então, fico sozinho.”

“Eu também fico sozinha”, confidenciou-me ela. “Meu dote era grande, e meu senhor casou-se comigo por causa dele. Mas ele não me deseja. O que toda mulher anseia é ser desejada. Por causa disso, e por ser estéril e não ter filhos, devo continuar sozinha. Se eu fosse um homem, preferiria morrer a ser escrava dessa forma, mas as convenções de nossa tribo tornam as mulheres escravas.”

“O que você acha de mim, agora?” perguntei-lhe de repente. “Tenho a alma de um homem livre ou tenho a alma de um escravo?”

“Você tem o desejo de pagar, de forma justa, as dívidas que contraiu na Babilônia?”, ela perguntou em vez de responder a minha pergunta.

“Sim, tenho, mas não sei como poderia fazer isso.”

“Se está conformado em deixar que os anos passem, e se não faz esforços para pagar, então, tem apenas a alma pequena de um escravo. Para ser um homem livre é necessário ter respeito por si próprio, e homem nenhum pode respeitar-se se não pagar suas dívidas.”

“Mas o que eu posso fazer se sou um escravo na Síria?”

“Continue sendo um escravo na Síria, já que é fraco.”

“Não sou fraco!”, respondi com veemência.

“Então, prove.”

“Como?”

“Acaso seu grande rei não enfrenta os inimigos de todas as maneiras possíveis e com toda a sua força? Suas dívidas são seus inimigos. Elas o fizeram fugir da Babilônia. Como você não se preocupou com suas dívidas, elas se tornaram grandes demais para você. Se você tivesse lutado contra elas como um homem, poderia ter vencido e seria alguém honrado em sua cidade. Mas não teve forças para combatê-las; por isso, perdeu seu orgulho e, agora, é um escravo aqui na Síria.”

Pensei muito nessas acusações tão pesadas, e formulei várias frases defensivas para provar que não tinha o coração de um escravo, mas me calei, não consegui responder nada. Três dias depois, a criada de Sira levou-me à presença de sua senhora.

“Minha mãe está de novo muito doente”, disse ela. “Sele os dois melhores camelos de meu marido. Carregue-os com odres de água e alforjes para uma longa viagem. A criada vai lhe dar a comida na tenda da cozinha.”

Carreguei os camelos, intrigado com a quantidade de provisões que a criada fornecera, pois a mãe de Sira vivia a menos de um dia de viagem. A criada montava o camelo de trás e eu seguia na frente, conduzindo o camelo de minha senhora.

Chegamos à casa da mãe de Sira assim que escureceu. Ela dispensou a criada e me disse:

“Dabasir, você tem a alma de um homem livre ou a alma de um escravo?”

“Tenho a alma de um homem livre!”, afirmei.

“Agora é sua chance de prová-lo. Seu mestre está completamente bêbado, e os homens dele perderam os sentidos. Então, pegue estes camelos e fuja. Nesta sacola há trajes de seu senhor, para que você se disfarce. Direi que você roubou os camelos e fugiu enquanto eu visitava minha mãe doente.”

“Você tem a alma de uma rainha”, eu lhe disse. “Gostaria muito de dar-lhe a felicidade.”

“Não é a ‘felicidade’ o que uma esposa fugitiva encontraria em terras distantes, entre desconhecidos. Tome seu rumo, e que os deuses do deserto o protejam, pois o caminho é longo, e nele você não encontrará alimento nem água.”

Não foi preciso que ela insistisse mais; agradei-lhe efusivamente e parti no meio da noite. Eu não conhecia aquelas terras estranhas, e tinha apenas uma vaga ideia da direção em que se encontrava a Babilônia. Apesar disso, lancei-me através do deserto, rumo às colinas. Montava um dos camelos e puxava o outro. Viajei durante toda a noite e todo o dia seguinte, ciente do destino terrível que aguardava os escravos que roubavam a propriedade de seus mestres e tentavam fugir.

No fim daquela tarde, cheguei a uma região acidentada tão inabitável quanto o deserto. As pedras afiadas feriam os cascos de meus leais camelos, e logo eles estavam avançando com cuidado, de forma lenta e dolorosa. Não vi nenhum homem ou animal, e compreendi perfeitamente por que evitavam aquela terra inóspita.

O que se seguiu foi uma viagem à qual poucos homens sobreviveriam. Dia após dia, seguimos em frente. A comida e a água se acabaram. O calor do sol era implacável. Ao final do nono dia, desci de minha montaria sentindo-me fraco demais até para voltar a montar, e tive certeza de que morreria, perdido naquela terra abandonada.

Deitei-me no chão e dormi, e não despertei até o primeiro clarão do dia.

Quando acordei e me sentei, olhei ao meu redor. Havia um frescor no ar matutino. Meus camelos estavam deitados ali perto. À nossa volta estendia-se uma vasta extensão coberta de pedras,

areia e plantas espinhosas. Nenhum sinal de água, nem nada que homens ou camelos pudessem comer.

Seria naquela paz silenciosa que encontraria meu fim? Tinha a mente mais lúcida do que jamais tivera. Meu corpo, nesse momento, parecia ter pouca importância. Meus lábios rachados e ensanguentados, a língua ressecada e inchada, o estômago vazio já não sofriam a suprema agonia do dia anterior.

Meu olhar percorreu a distância hostil e, uma vez mais, eu me perguntei: “Tenho a alma de um escravo ou a alma de um homem livre?”. Então, com muita clareza, percebi que, se tivesse a alma de um escravo, deveria desistir, deitar-me no deserto e morrer; seria um final muito adequado para um escravo fugitivo.

Mas e se eu tivesse a alma de um homem livre? Com certeza, faria de tudo para voltar à Babilônia, pagar às pessoas que haviam confiado em mim, dar felicidade a minha esposa que tanto me amava e proporcionar tranquilidade e satisfação a meus pais.

“Suas dívidas são seus inimigos. Elas o fizeram fugir da Babilônia”, dissera-me Sira. Era isso mesmo. Por que me recusara a resistir como um homem? Por que eu havia permitido que minha mulher voltasse para a casa de seu pai?

Então, aconteceu algo estranho. O mundo inteiro pareceu mudar de cor, como se antes eu o enxergasse através de uma pedra colorida que tivesse sido removida de repente. Por fim, percebi quais eram os verdadeiros valores da vida.

Morrer no deserto! Nunca! Com uma nova visão, enxerguei tudo o que deveria fazer. Primeiro, voltaria para a Babilônia e procuraria cada homem com quem tivesse uma dívida a pagar. Eu lhes diria que, depois de anos vagueando à mercê dos infortúnios, havia retornado para pagar minhas dívidas o mais rápido que os deuses permitissem. Depois, faria uma casa para minha esposa e me tornaria um cidadão de quem meus pais pudessem se orgulhar.

Minhas dívidas eram meus inimigos, mas os homens a quem eu devia eram meus amigos, pois haviam confiado em mim.

Cambaleando, coloquei-me em pé. Que importava a fome? Que importava a sede? Não passavam de dificuldades em meu caminho para a Babilônia. Dentro de mim brotou a alma de um homem livre

que retornava para vencer seus inimigos e recompensar seus amigos. Eu estava tomado por uma enorme determinação.

Os olhos vidrados de meus camelos brilharam com a nova energia em minha voz rouca. Com grande esforço, depois de muitas tentativas, eles ficaram em pé. Com dolorosa perseverança, tomaram o rumo norte, onde algo dentro de mim dizia que encontraríamos a Babilônia.

Achamos água. Chegamos a terras mais férteis, onde havia capim e frutos. Encontramos o caminho para a Babilônia, porque a alma de um homem livre encara a vida como uma série de problemas a serem resolvidos, e os resolve, enquanto a alma de um escravo se lamenta... “Que posso fazer se sou apenas um escravo?”...

E você, Tarkad? Seu estômago vazio não deixa sua cabeça mais lúcida? Está pronto para tomar o caminho de volta ao respeito por si mesmo? Consegue enxergar o mundo com suas cores reais? Tem o desejo de pagar suas dívidas honestas, por mais numerosas que sejam, e uma vez mais ser um homem respeitado na Babilônia?

As lágrimas umedeceram os olhos do rapaz. Ele ficou de joelhos.

— Você me mostrou o caminho. Sinto que dentro de mim existe a alma de um homem livre — ele disse.

— Mas o que aconteceu com você depois que voltou? — perguntou um ouvinte interessado.

— *Onde existe determinação, o caminho pode ser encontrado* — respondeu Dabasisir. — Eu tinha determinação, de modo que fui em busca de um caminho. Primeiro, procurei cada homem a quem devia e supliquei que tivesse paciência até que eu conseguisse ganhar dinheiro para lhe pagar. A maioria recebeu-me de boa vontade. Alguns me insultaram, mas outros ofereceram-se para me ajudar; um deles, inclusive, me deu justamente a ajuda de que eu precisava. Foi Mathon, o prestamista de ouro. Ao saber que eu havia cuidado de camelos na Síria, ele me enviou até o velho Nebatur, o mercador de camelos. Ele acabara de ser contratado por nosso bom rei para adquirir muitas cáfilas de camelos robustos para a grande expedição. Com ele, meus conhecimentos sobre camelos tiveram muito bom uso. Aos poucos, consegui devolver cada moeda



de cobre e cada moeda de prata que devia. Por fim, pude erguer a cabeça e sentir que era um homem honrado entre os demais.

Dabasir voltou-se outra vez para sua comida.

— Kauskor, sua lesma — gritou alto para ser ouvido na cozinha.  
— Esta comida está fria. Traga-me mais carne recém-assada. Traga também uma grande porção para Tarkad, filho de meu velho amigo, que está faminto e vai comer comigo.

Assim terminou a história de Dabasir, o mercador de camelos da antiga Babilônia. Ele encontrou seu próprio caminho ao descobrir uma grande verdade que já era conhecida e utilizada pelos sábios muito antes de seu tempo.

Essa verdade havia ajudado homens de todas as eras, levando-os ao sucesso, e continuará a ajudar todos os que compreenderem seu poder mágico. Para ser utilizada, basta não se esquecer destas palavras:

ONDE EXISTE  
DETERMINAÇÃO,  
O CAMINHO PODE  
SER ENCONTRADO.

# AS PLACAS DE ARGILA DA BABILÔNIA

Colégio St. Swithin  
Universidade Nottingham  
Newark-on-Trent  
Nottingham

21 de outubro de 1934

Professor Franklin Caldwell,  
Aos cuidados da Expedição Científica Britânica  
Hillah, Mesopotâmia

Meu caro professor,

As cinco placas de argila encontradas durante sua escavação recente nas ruínas da Babilônia chegaram no mesmo barco que sua carta. Fiquei fascinado, e passei muitas horas agradáveis traduzindo-as. Eu deveria ter respondido a sua carta de imediato, mas esperei até conseguir completar as traduções que seguem anexas.

As placas chegaram sem nenhum dano, graças ao seu bom uso de conservantes e ao excelente acondicionamento.

A história que contam vai deixá-lo tão assombrado quanto ficamos aqui no laboratório. Sempre temos a expectativa de que o passado nebuloso e distante revele histórias de romances e aventuras, do tipo das “Mil e Uma Noites”. No entanto, quando este

revela as dificuldades de um homem chamado Dabasir para pagar suas dívidas, vemos que neste bom e velho mundo as coisas não mudaram muito em cinco mil anos.

É curioso, mas estas antigas inscrições “mexeram” comigo, como dizem os estudantes. Como professor universitário, supõe-se que eu seja um ser humano pensante com algum conhecimento prático sobre a maioria dos assuntos. E de repente surge esse camarada, saído das ruínas empoeiradas da Babilônia, apresentando um método do qual eu nunca havia ouvido falar para quitar minhas dívidas e ao mesmo tempo ter mais ouro tilintando em minha carteira. É uma ideia que me agrada, e seria interessante testar para descobrir se esse método funciona tão bem hoje em dia quanto funcionava na antiga Babilônia. A senhora Shrewsbury e eu decidimos tentar aplicá-lo em nossas finanças, pois talvez seja de grande ajuda.

Desejando-lhe a melhor das sortes em sua nobre empreitada, e esperando ansiosamente outra oportunidade de auxiliar, subscrevo-me,

Sinceramente, seu  
Alfred H. Shrewsbury,  
Departamento de Arqueologia

## PLACA NÚMERO 1

Agora, quando a lua se torna cheia, eu, Dabasir, que até pouco tempo atrás fui escravo na Síria, tendo decidido pagar todas as minhas dívidas e tornar-me um homem rico e respeitado em minha cidade natal da Babilônia, gravo nesta placa um registro permanente de minhas finanças, que vai me guiar e ajudar a realizar meus maiores desejos.

Acatando os sábios conselhos de meu bom amigo Mathon, o prestamista de ouro, decidi seguir um plano preciso que, de acordo com meu amigo, permite a qualquer homem honrado pagar suas dívidas e alcançar a riqueza e o respeito por si mesmo.

Este plano inclui três objetivos, que são minha esperança e meu desejo.

Primeiro, o plano deve permitir minha prosperidade futura. Portanto, um décimo de tudo o que ganho será separado, sendo meu, para ser guardado. Mathon fala com sabedoria ao dizer:

“O homem que mantém em sua bolsa tanto o ouro quanto a prata que não precisa gastar é generoso com sua família e leal a seu rei.

O homem que não tem mais do que alguns cobs em sua bolsa é indiferente a sua família e a seu rei.

Mas o homem que não tem nada em sua bolsa é cruel com sua família e desleal a seu rei, pois seu coração é amargo.

Assim, o homem que almeja a realização deve ter moedas que tilintem em sua bolsa e conter no coração amor por sua família e lealdade a seu rei.”

Em segundo lugar, o plano deve permitir que eu sustente minha boa esposa, que lealmente voltou da casa de seu pai para viver comigo. Pois Mathon diz que cuidar bem de uma mulher fiel enche o coração de um homem com respeito por si mesmo e lhe dá força e determinação para alcançar seus objetivos.

Portanto, sete décimos de tudo o que ganho serão usados para proporcionar-nos um lar, roupas e alimento, com um pequeno excedente que nos assegure um pouco de prazer e diversão. Contudo, Mathon insiste em afirmar que devemos ter muito cuidado para não gastar, com esses nobres propósitos, mais do que sete décimos de nossos ganhos. É aí que reside o sucesso do plano. Devo viver com essa fração e nunca gastar mais ou comprar algo que não possa pagar com ela.

## PLACA NÚMERO 2

Em terceiro lugar, o plano deve permitir que minhas dívidas sejam pagas com o que ganho.

Portanto, a cada lua cheia, dois décimos de tudo o que ganhei serão divididos de forma honrada e justa entre aqueles que

confiaram em mim e me emprestaram dinheiro. Desse modo, no devido tempo, todas as minhas dívidas serão quitadas.

Gravo aqui o nome de cada homem a quem devo, e o montante de minha dívida.

Fahru, o tecelão, 2 moedas de prata, 6 de cobre.

Shijar, o fabricante de colchões, 1 moeda de prata.

Ahmar, meu amigo, 3 moedas de prata, 1 de cobre.

Zankar, meu amigo, 4 moedas de prata, 7 de cobre.

Askamir, meu amigo, 1 moeda de prata, 3 de cobre.

Harinsir, o joalheiro, 6 moedas de prata, 2 de cobre.

Diarbeker, amigo de meu pai, 4 moedas de prata, 1 de cobre.

Alkahad, proprietário da casa, 14 moedas de prata.

Mathon, o prestamista de ouro, 9 moedas de prata.

Birejik, o fazendeiro, 1 moeda de prata, 7 de cobre.

(Daqui em diante, desintegrado. Não pode ser decifrado.)

### PLACA NÚMERO 3

A esses credores devo, no total, 119 moedas de prata e 141 moedas de cobre. Por ter tais dívidas, e não conseguir ver um modo de pagá-las, cometi a tolice de permitir que minha esposa voltasse para a casa de seu pai, deixei minha cidade natal e fui em busca de fortuna fácil em outro lugar, apenas para encontrar o desastre e ser vendido, na situação degradante de escravo.

Agora que Mathon me ensinou como é possível pagar minhas dívidas em pequenas parcelas, com o uso de meus ganhos, percebo como fui tolo ao fugir das consequências de minhas extravagâncias.

Portanto, visitei meus credores e expliquei a eles que não disponho de recursos para pagar toda a dívida de uma vez, mas que tenho capacidade de ganhar dinheiro e planejo usar dois décimos de tudo o que ganho para pagar essas dívidas por igual e de forma honesta. É a quantia de que posso dispor, e não mais. Portanto, eles serão pacientes, e com o tempo todas as minhas obrigações serão totalmente cumpridas.

Ahmar, que eu considerava meu melhor amigo, insultou-me de tal modo que saí humilhado de nosso encontro. Birejik, o fazendeiro, implorou que eu lhe pagasse antes de todos porque precisava muito de ajuda. Alkahad, o proprietário da casa, foi bastante desagradável e ameaçou criar problemas para mim, a menos que eu acertasse tudo com ele de imediato. Todos os demais aceitaram de bom grado a minha proposta.

Assim, estou mais decidido do que nunca a prosseguir, e convencido de que é mais fácil pagar as dívidas justas do que evitá-las. Ainda que não possa atender às necessidades e às demandas de alguns dos credores, tratarei a todos de forma imparcial.

#### PLACA NÚMERO 4

É lua cheia novamente. Tenho trabalhado muito, com a mente livre. Minha boa esposa apoiou-me no propósito de pagar meus credores. Graças a nossa determinação, durante a lua que passou, ganhei a soma de 19 moedas de prata ao comprar para Nebatur camelos de bom fôlego e pernas fortes.

Eu dividi esse montante de acordo com o plano. Separei um décimo e o guardei para mim mesmo; dividi sete décimos com minha boa esposa para pagar nossas despesas; distribuí dois décimos entre meus credores da forma mais equitativa que as moedas de cobre permitiram.

Não vi Ahmar, mas deixei a parte dele com sua esposa. Birejik ficou tão feliz que quase beijou a minha mão. Só o velho Alkahad reclamou e disse que eu deveria pagar mais rápido. Assegurei-lhe que, se eu estivesse bem alimentado e livre de preocupações, conseguiria pagar tudo logo, mas ainda não é o caso. Todos os demais me agradeceram e elogiaram meus esforços.

Ao final de uma lua, minha dívida reduziu-se em quase quatro moedas de prata, e, além disso, tenho quase duas moedas de prata que ninguém cobrará de mim. Sinto o coração leve como há muito não sentia.

De novo, a lua está cheia. Trabalhei muito, mas tive pouco *êxito*, e consegui comprar poucos camelos. Ganhei apenas onze moedas de prata. Minha boa esposa e eu seguimos o plano; no entanto, não compramos roupas novas e estamos comendo praticamente apenas vegetais. Ainda assim, paguei a nós mesmos um décimo das onze moedas e vivemos com sete décimos. Fiquei surpreso quando Ahmad elogiou o pagamento, embora fosse pequeno. Birejik também o elogiou. Alkahad ficou furioso; porém, quando lhe disse que, se não quisesse sua parte, podia devolvê-la a mim, ele se resignou. Os outros, como nas outras vezes, ficaram satisfeitos.

Outra vez a lua está cheia e eu estou muito feliz. Encontrei uma excelente cáfila e comprei muitos camelos robustos, e meus ganhos foram de 42 moedas de prata. Nesta lua, minha mulher e eu compramos sandálias e as roupas de que tanto necessitávamos. Também tivemos carne e aves em nossas refeições. Pagamos mais de oito moedas de prata a nossos credores. Nem Alkahad reclamou.

O plano é excelente, pois nos tira das dívidas e nos permite acumular uma riqueza só nossa, para guardarmos.

Três luas cheias se passaram desde a *última* vez que fiz inscrições nesta argila. A cada lua, guardei um décimo de tudo o que ganhei. A cada lua, minha boa esposa e eu vivemos com sete décimos, mesmo quando foi difícil. A cada lua, paguei a meus credores dois décimos de meus ganhos.

Na bolsa, tenho agora 21 moedas de prata, que são minhas. Elas me permitem andar de cabeça erguida e me dão orgulho quando estou entre meus amigos.

Minha esposa mantém a casa em ordem e se veste bem. Vivemos felizes juntos.

O plano tem um valor inestimável. Acaso não transformou o ex-escravo em um homem honrado?

## PLACA NÚMERO 5

A lua está cheia novamente e lembrei-me de que muito tempo se passou desde a *última* vez em que fiz inscrições na argila. Doze

luas, na verdade, vieram e se foram. Mas hoje não deixarei de fazer meu registro, porque foi o dia em que paguei a *última* de minhas dívidas. Cheios de gratidão, minha boa esposa e eu celebramos com um grande banquete a vitória que, graças a nossa determinação, alcançamos.

Muitas coisas ocorreram durante a visita final a meus credores, e eu as recordarei durante muito tempo. Ahmar pediu-me perdão por suas palavras *ásperas*, e disse que eu era um dos homens que ele mais desejava ter como amigo. O velho Alkahad não é tão mau, no fim das contas, pois ele disse:

“No passado, você era um pedaço de argila mole, espremido e moldado por qualquer mão que o tocasse, mas agora é um pedaço de bronze, capaz de ser afiado e ganhar um gume. Se, em algum momento, precisar de prata ou ouro, procure-me.”

Ele não é o *único* que me tem em alta estima. Muitos outros dirigiram-se a mim com respeito. Minha boa esposa me olha com um brilho nos olhos que daria confiança a qualquer homem.

E, no entanto, foi o plano que me fez ter sucesso. Ele permitiu que eu pagasse todas as minhas dívidas e tivesse ouro e prata tilintando em minha bolsa. Eu o recomendo a quem quiser prosperar. Pois, de fato, se ele permitiu a um ex-escravo pagar as dívidas e ter ouro na bolsa, pode ajudar qualquer homem a alcançar a independência. Não deixarei de segui-lo, pois tenho certeza de que ele me tornará um homem rico.

\*\*\*

Colégio St. Swithin  
Universidade Nottingham  
Newark-on-Trent  
Nottingham

7 de novembro de 1936

Professor Franklin Caldwell



Aos cuidados da Expedição Científica Britânica  
Hillah, Mesopotâmia

Meu caro professor,

Caso encontre, em suas próximas escavações nas ruínas da Babilônia, o fantasma de um antigo residente, um velho mercador de camelos chamado Dabasir, faça-me um favor. Diga-lhe que as inscrições que ele fez naquelas placas de argila, tanto tempo atrás, valeram-lhe a gratidão eterna de um casal de acadêmicos aqui na Inglaterra.

Deve lembrar-se de que, um ano atrás, eu lhe escrevi dizendo que a senhora Shrewsbury e eu pretendíamos seguir o plano dele para pagar as dívidas e, ao mesmo tempo, guardar ouro que tilintasse na carteira. Você deve ter imaginado nossa condição desesperada, embora tentássemos ocultá-la dos amigos.

Passamos anos submetidos a uma terrível humilhação em razão de muitas dívidas antigas, cheios de preocupação e com medo de que algum de nossos credores fizesse um escândalo, forçando-nos a abandonar a universidade. Para pagar essas dívidas, usávamos cada centavo que podíamos tirar de nossa renda, mas nada era suficiente para equilibrar as contas. Ainda por cima, precisávamos fazer todas as compras onde quer que nos dessem crédito, mesmo pagando mais caro.

A coisa virou um círculo vicioso, que só piorava em vez de melhorar. Nossos esforços eram inúteis. Não podíamos nos mudar para um lugar mais barato porque devíamos ao senhorio. Parecia não haver nada a fazer para melhorar nossa situação.

Então, apareceu seu conhecido, o velho mercador de camelos da Babilônia, com um plano que era exatamente o que almejávamos. Ele nos convenceu a seguir seu sistema. Fizemos uma lista de todas as nossas dívidas, que levamos conosco e mostramos a todos a quem devíamos.

Expliquei a eles que, na situação em que eu me encontrava, era simplesmente impossível pagar-lhes. Eles podiam verificar isso por si mesmos, analisando os números. Disse-lhes, então, que a única maneira que eu via de pagar tudo seria separando vinte por cento

de minha renda todo mês para ser dividida entre todos. Desse modo, eu pagaria tudo em pouco mais de dois anos. No meio-tempo, faríamos todas as nossas compras à vista, e eles ainda teriam a vantagem de ser pagos em dinheiro ao comprarmos em seus estabelecimentos.

Foram todos bastante compreensivos. O dono da mercearia, um sujeito muito sábio, expressou-se de um modo que ajudou a convencer os demais. Ele disse algo como:

“Se pagarem em dinheiro tudo o que comprem, e também pagarem aos poucos o que devem, será melhor do que a situação atual, pois faz três anos que vocês não me pagam”.

Por fim, consegui fazer com que todos assinassem um acordo por meio do qual comprometiam-se a não nos causar problemas desde que vinte por cento de nossa renda fosse destinada a pagar as nossas dívidas regularmente. Em seguida, começamos a planejar como viver com os setenta por cento restantes. Estávamos decididos a sempre guardar dez por cento de nossa renda. A ideia de ter prata e talvez ouro tilintando na carteira era muito atraente.

Mudar nossos hábitos foi uma espécie de aventura. Foi divertido encontrar estratégias que nos permitissem viver de forma confortável com setenta por cento de nossos ganhos. Começamos com o aluguel, conseguindo uma boa redução. A seguir, passamos a examinar nossas marcas favoritas de chá e coisas assim, e tivemos a boa surpresa de descobrir que muitas vezes podíamos comprar produtos de melhor qualidade por menores preços.

A história é longa demais para uma carta, mas, de qualquer modo, não foi um processo difícil. Fomos bem-sucedidos e mantivemos o bom humor. É um alívio ver as finanças em ordem e não nos sentirmos mais assombrados pelas contas a pagar.

Não posso deixar de contar-lhe sobre os dez por cento que em teoria tilintariam em nossa bolsa. Bem, eles não tilintaram por muito tempo. Não, não ria antes da hora. Esta é a melhor parte: começar a juntar dinheiro que você não pretende gastar. Administrar esse dinheiro extra proporciona muito mais satisfação do que seria obtida gastando-o.

Depois de desfrutarmos bastante do tilintar de nosso dinheiro, encontramos um uso mais lucrativo para ele. Fizemos um investimento no qual passamos a depositar os dez por cento de nossa renda todo mês. Esta mostrou ser a parte mais satisfatória de nossa recuperação. É o primeiro pagamento que fazemos quando recebo meu salário, o pagamento que fazemos a nós mesmos.

Saber que nosso investimento está crescendo de forma consistente dá uma sensação gratificante de segurança. Quando me aposentar como professor, nossas economias somarão uma quantia bastante confortável, suficiente para que seus rendimentos nos bastem daí em diante.

Conseguimos tudo isso apenas com nosso salário. É difícil acreditar, mas é verdade, estamos pagando aos poucos todas as nossas dívidas, e, ao mesmo tempo, nosso investimento cresce. Além do mais, estamos ainda melhor do que antes em termos financeiros. Quem imaginaria que pudesse haver tanta diferença entre seguir um plano financeiro e simplesmente continuar levando as coisas do jeito que estavam?

No final do ano que vem, quando tivermos quitado todas as dívidas antigas, teremos mais dinheiro para investir, além de uma quantia extra destinada a viagens. Estamos decididos a não permitir nunca mais que nossos gastos mensais excedam setenta por cento de nossa renda.

Agora, você pode entender por que gostaríamos de agradecer àquele velho camarada cujo plano nos salvou de um verdadeiro inferno. Ele sabia, pois passou por tudo isso. Ele queria usar suas experiências tão sofridas para ajudar outras pessoas. Foi por esse motivo que passou tantas horas gravando pacientemente sua mensagem na argila.

Ele tinha uma mensagem para transmitir a seus companheiros de sofrimento, uma mensagem tão importante que, depois de cinco mil anos, ela se ergueu das ruínas da Babilônia tão verdadeira e vital quanto no dia em que foi enterrada.

Sinceramente, seu  
Alfred H. Shrewsbury,

## Departamento de Arqueologia

# O HOMEM MAIS SORTUDO DA BABILÔNIA

À frente de sua caravana, Sharru Nada, o príncipe mercador da Babilônia, cavalgava orgulhoso. Apreciador de roupas finas, usava túnicas caras e atraentes. Também gostava de bons cavalos e montava com elegância um brioso garanhão árabe. Olhando-o, seria difícil adivinhar sua idade avançada. Com certeza, não seria possível perceber que em seu íntimo ele estava perturbado.

A viagem desde Damasco era longa, e as adversidades do deserto eram muitas, mas não eram essas as causas de sua preocupação. Tampouco eram as tribos árabes, brutais e sempre ávidas por saquear caravanas ricas, que lhe causavam medo, pois sua caravana tinha inúmeros guardas montados como garantia de proteção.

O que lhe causava preocupação era o jovem a seu lado, o qual ele trouxera de Damasco. Chamava-se Hadan Gula, era neto de seu sócio de outras épocas, Arad Gula, com quem sentia ter uma dívida de gratidão que nunca poderia ser paga. Ele queria fazer algo pelo neto do amigo, mas, quanto mais pensava, mais difícil lhe parecia. O próprio jovem era o motivo.

Sharru Nada olhou para os anéis e os brincos do jovem e pensou: “Ele acha adequado que homens usem joias. Tem a mesma expressão forte do avô, que, no entanto, não usava roupas tão vistosas. Apesar de tudo, pedi que ele viesse comigo com a esperança de poder ajudá-lo a começar a vida por conta própria e escapar do desastre em que o pai transformou a herança familiar...”.

Hadan Gula interrompeu seus pensamentos dizendo:

— Por que você trabalha tanto, cavalgando, nestas longas viagens, com sua caravana? Você nunca tira algum tempo para aproveitar a vida?

Sharru Nada sorriu e disse:

— Aproveitar a vida? O que você faria para aproveitar a vida se fosse eu?

— Se eu tivesse uma fortuna como a sua, viveria como um príncipe. Jamais atravessaria este deserto tão quente. Gastaria os *shekels* assim que entrassem em minha bolsa. Usaria as túnicas mais caras e as joias mais raras. Seria essa a vida que eu levaria, uma vida que valeria a pena viver.

Os dois homens riram.

— Seu avô não usava joias — disse Sharru Nada antes de refletir; então, continuou, em tom de brincadeira: — Você não reservaria algum tempo para o trabalho?

— O trabalho foi feito para escravos — respondeu Hadan Gula.

Sharru Nada mordeu o lábio, mas não disse nada até que o caminho os levou ao alto da encosta. Ali, deteve sua montaria e apontou para o vale verdejante a distância.

— Veja, este é o vale. Se olhar para longe, vai distinguir vagamente as muralhas da Babilônia. Aquela torre é o Templo de Bel. Se tiver olhos aguçados, poderá até ver a fumaça do fogo eterno que arde lá em cima.

— Então, aquela é a Babilônia? Sempre desejei ver a cidade mais rica do mundo! — exclamou Hadan Gula. — Foi na Babilônia que meu avô começou sua fortuna. Queria que ainda estivesse vivo. Não teríamos tantas dificuldades.

— Por que desejar que o espírito de seu avô permanecesse na Terra além do tempo que lhe cabia? Você e seu pai podem muito bem continuar o bom trabalho dele.

— Infelizmente, nenhum de nós tem o dom que ele tinha. Meu pai e eu não conhecemos o segredo dele para atrair as moedas de ouro.

Sharru Nada não respondeu. Em vez disso, deu rédeas a sua montaria e cavalcou pensativo caminho abaixo, rumo ao vale. Atrás

dele vinha a caravana, erguendo uma nuvem de poeira avermelhada. Algum tempo depois, chegaram à estrada real e viraram para o sul, em meio às plantações irrigadas.

Três velhos que aravam um campo despertaram a atenção de Sharru Nada. Estranho... pareciam familiares. Que bobagem! Ninguém passa por um campo quarenta anos depois e vê ali os mesmos homens trabalhando. No entanto, algo dentro dele dizia que eram os mesmos. Um deles segurava o arado com a mão trêmula. Os outros seguiam com dificuldade ao lado dos bois, golpeando-os em vão para que continuassem avançando.

Quarenta anos antes ele invejara aqueles homens. Com muita alegria, teria trocado de lugar com eles. Mas quanta diferença agora! Ele olhou com orgulho para trás, para a caravana que o seguia, camelos e asnos de primeira, carregados com valiosas mercadorias de Damasco. Aquilo tudo era apenas parte de suas muitas posses.

Então, ele apontou para os lavradores e disse:

- Eles ainda aram o mesmo campo de quarenta anos atrás.
- Parece que sim, mas por que acha que são os mesmos?
- Eu já os vi ali antes — respondeu Sharru Nada.

As lembranças corriam velozes por sua mente. Por que não podia enterrar o passado e viver no presente? Então, ele viu, como em um quadro, o rosto sorridente de Arad Gula. A barreira entre ele próprio e o rapaz arrogante a seu lado dissolveu-se.

Mas como ele poderia ajudar um jovem que se achava tão superior, com seu desejo por luxos e suas mãos repletas de joias? Ele poderia oferecer trabalho em abundância para quem desejasse trabalhar, mas nada tinha a oferecer para homens que se consideravam superiores demais para a labuta. No entanto, devia a Arad Gula algo mais do que uma tentativa frustrada. Ele e Arad Gula nunca tinham agido desse modo. Não eram desse tipo de homem.

Então, um plano surgiu em sua mente de forma súbita. Havia dificuldades. Deveria levar em conta a própria família e a posição que alcançara. Seria cruel e magoaria. Como era um homem de decisões rápidas, pôs de lado as objeções e decidiu agir.

— Você gostaria de saber como seu honrado avô e eu formamos nossa sociedade, que nos propiciou tantos lucros? — ele perguntou.

— Por que não me conta apenas como ganha as moedas de ouro? É o que preciso saber — retrucou o jovem.

Sharru Nada ignorou a resposta e continuou:

— Começamos com aqueles homens que estão arando. Eu não era mais velho do que você quando os vi pela primeira vez. Enquanto a fileira de homens da qual fazíamos parte se aproximava deles, o bom e velho Megiddo, o fazendeiro, criticou a forma descuidada como eles aravam. Megiddo estava acorrentado ao meu lado e disse: “Veja que sujeitos preguiçosos. O homem que segura o arado não se esforça para arar fundo, e os outros não mantêm os bois no sulco. Como querem ter uma boa colheita arando tão mal?”.

— Você disse que Megiddo estava acorrentado ao seu lado? — Hadan Gula perguntou surpreso.

— Sim, com coleiras de bronze no pescoço, e havia um longa corrente pesada entre nós. Ao lado dele estava Zabado, o ladrão de ovelhas. Eu o conhecera em Harroun. Na ponta, tinha um homem a quem chamávamos de Pirata, pois ele não nos revelara seu nome. Achávamos que fosse marinheiro, porque tinha no peito uma tatuagem de duas serpentes entrelaçadas, à moda dos homens do mar. A coluna era organizada de tal forma que eles caminhavam em fileiras de quatro homens.

— Você estava acorrentado como um escravo? — indagou Hadan Gula, incrédulo.

— Seu avô não lhe contou que fui escravo?

— Ele falava muito de você, mas nunca mencionou isso.

— Ele era um homem a quem se podia confiar os segredos mais íntimos. Você também é um homem em quem posso confiar, não é?  
— Sharru Nada olhou-o bem nos olhos.

— Você pode confiar em meu silêncio, mas estou surpreso. Pode me contar como acabou virando um escravo?

Sharru Nada encolheu os ombros.

— Qualquer homem pode virar um escravo. Foram a casa de jogos e a cerveja de cevada que me levaram ao desastre. Fui vítima da insensatez de meu irmão. Em uma briga, ele matou um amigo e,



em seu desespero para impedir que meu irmão fosse julgado segundo as leis, meu pai me entregou à viúva como garantia. Como ele não conseguiu juntar prata suficiente para me libertar, ela ficou furiosa e me vendeu para um mercador de escravos.

— Que vergonha... e que injustiça! — exclamou Hadan Gula. — Mas, conte-me, como você recuperou a liberdade?

— Chegarei lá, mais tarde. Deixe-me continuar a história. Quando passamos por eles, os lavradores riram de nós. Um deles tirou seu chapéu velho e fez uma reverência gritando “Bem-vindos à Babilônia, convidados do rei! Ele espera por vocês nas muralhas da cidade, onde será servido um grande banquete de tijolos de barro e sopa de cebolas.” Então, todos riram às gargalhadas.

Pirata ficou furioso e insultou-os vigorosamente.

“Por que dizem que o rei nos espera nas muralhas?”, eu perguntei a ele.

“Estamos indo para as muralhas, para carregar tijolos até cairmos de exaustão. Talvez, antes que você caia, eles o espanquem até a morte. Em mim, não baterão. Vou matá-los”, ele disse.

Então, Megiddo falou:

“Para mim, não faz sentido que um mestre espanque até a morte escravos bem-dispostos, que dão duro no trabalho. Os mestres gostam dos bons escravos e tratam-nos bem.”

“Quem quer dar duro?”, comentou Zabado. “Aqueles lavradores são espertos. Não vão ficar exaustos. Só fingem que estão se esforçando.”

“Você não consegue progredir fazendo corpo mole”, observou Megiddo. “Em um bom dia de trabalho, você ara um hectare, e qualquer mestre sabe disso. Mas, quando você ara só meio hectare, isso é fazer corpo mole. Eu não faço corpo mole. Eu gosto de trabalhar e gosto de fazer um bom trabalho, pois o trabalho é o melhor amigo que conheço. Ele me trouxe todas as coisas boas que já tive... minha fazenda, vacas e plantações, tudo.”

“Claro... e onde estão essas coisas agora?”, debochou Zabado. “Para mim, vale mais a pena ser esperto e ir tocando as coisas sem trabalhar. Prestem atenção: se formos vendidos para trabalhar nas

muralhas, vou carregar odres de água ou fazer alguma outra coisa fácil, enquanto vocês, que gostam de trabalhar, vão carregar tijolos e se matar”, ele deu uma boa risada.

Fui dominado pelo terror naquela noite. Não consegui dormir. Eu estava perto da corda do guarda e, enquanto os outros dormiam, chamei a atenção de Godoso, que montava guarda no primeiro turno. Ele era um salteador árabe, o tipo de malfeitor que, se roubasse sua bolsa, também acharia necessário cortar sua garganta.

“Diga-me, Godoso”, sussurrei. “Quando chegarmos à Babilônia, vamos ser vendidos para trabalhar nas muralhas?”

“Quer saber por quê?”, indagou ele, desconfiado.

“Você não entende?”, lamentei-me. “Sou jovem, quero viver. Não quero trabalhar até a morte ou morrer espancado nas muralhas. Tenho alguma chance de conseguir um bom mestre?”

“Vou dizer uma coisa”, respondeu ele, sussurrando. “Você é um bom sujeito, não cria problema para Godoso. Outras vezes, vamos primeiro ao mercado de escravos. Agora, escuta. Quando compradores vêm, diz que você é bom trabalhador, gosta de trabalhar duro para bom mestre. Faz quererem comprar. Se não convencer eles comprar, no dia seguinte, você carrega tijolos. Trabalho muito duro.”

Depois que ele foi embora, fiquei deitado na areia quente olhando as estrelas e pensando no trabalho. O que Megiddo dissera sobre o trabalho ser seu melhor amigo me fez questionar se o trabalho também seria meu melhor amigo. Com certeza, sim, se me ajudasse a sair daquela situação.

Quando Megiddo acordou, sussurrei-lhe as boas notícias. Era nosso único raio de esperança enquanto seguíamos rumo à Babilônia. No fim da tarde, aproximamo-nos das muralhas e vimos longas fileiras de homens subindo e descendo por íngremes caminhos diagonais, como formigas negras. Quando chegamos mais perto, ficamos assombrados ao nos depararmos com os milhares de homens que trabalhavam; alguns cavavam o fosso, outros usavam a terra para fazer tijolos de barro. A maior parte

estava carregando os tijolos em grandes cestas, subindo pelos caminhos até onde estavam os pedreiros.<sup>4</sup>

Feitores insultavam os retardatários e estalavam seus açoites nas costas daqueles que não conseguiam manter-se na fila. Vimos pobres sujeitos exaustos que cambaleavam e caíam sob suas cestas pesadas, incapazes de ficar em pé outra vez. Se o açoite não conseguia fazer com que se erguessem, eles eram empurrados para o lado e abandonados, contorcendo-se em agonia. Logo, seriam arrastados para a beira da estrada, onde permaneceriam junto aos demais corpos à espera de túmulos não consagrados. Estremeci ao contemplar essa cena horrível. Então, era aquilo o que aguardava o filho de meu pai, caso fracassasse no mercado de escravos.

Godoso estava certo. Fomos levados, através dos portões da cidade, para a prisão dos escravos e, na manhã seguinte, nos conduziram aos cercados no mercado. Ali, os homens se amontoavam apavorados, e apenas os açoites dos guardas conseguiam fazer com que continuassem andando, para que os compradores pudessem examiná-los. Ansiosos, Megiddo e eu falávamos com qualquer homem que permitisse que nos dirigíssemos a ele.

O vendedor de escravos trouxe os soldados da guarda real, que algemaram Pirata e o espancaram brutalmente quando ele protestou. Quando o levaram, senti pena dele.

Megiddo pressentiu que logo nos separaríamos. Num momento em que não havia compradores por perto, com muita veemência, ele tentou inculcar em minha mente como o trabalho seria valioso para mim no futuro:

“Há homens que odeiam o trabalho. Eles o transformam em seu inimigo. É melhor tratar o trabalho como um amigo. Procure gostar dele. Não se importe se é árduo. Se você tem em mente como será boa a casa que está construindo, então, não importa se as vigas de madeira são pesadas e se o poço de onde é tirada a água para a argamassa está distante. Prometa-me, garoto, que, se conseguir um mestre, trabalhará para ele o mais arduamente que puder. Se ele não reconhecer seu empenho, não se importe. Lembre-se: o trabalho, quando bem-feito, faz bem para quem o faz. Ele o torna

um homem melhor!”, ele fez uma pausa quando um fazendeiro corpulento veio até o cercado e nos examinou com um olhar crítico.

Megiddo, então, perguntou sobre a fazenda e as plantações dele, e logo o convenceu de que seria um escravo útil. Depois de uma dura barganha com o vendedor de escravos, o fazendeiro tirou de dentro da túnica uma bolsa de ouro, e logo Megiddo se foi, atrás de seu novo mestre.

Alguns outros homens foram vendidos ao longo da manhã. No meio do dia, Godoso confidenciou-me que o vendedor estava desgostoso e não ficaria ali outra noite mais. Ao anoitecer, levaria o restante dos homens para o comprador do rei. Eu já me desesperava quando um homem grande e agradável veio até a muralha e perguntou se entre nós havia algum padeiro.

Aproximei-me dele e disse:

“Por que um bom padeiro como você iria querer outro padeiro, de qualidade inferior? Não seria mais fácil ensinar suas próprias habilidades a um homem bem-disposto? Olhe para mim, sou jovem, forte e gosto de trabalhar. Dê-me uma chance, e farei de tudo para ganhar ouro e prata para sua bolsa.”

Ele ficou impressionado com minha disposição e começou a negociar com o vendedor, que, desde que me comprara, nunca havia reparado em mim, mas que agora louvava com eloquência minhas capacidades, minha boa saúde e minha boa disposição. Senti-me como um boi gordo sendo vendido a um açougueiro. Por fim, para minha grande felicidade, o negócio foi fechado. Fui embora atrás de meu novo mestre, sentindo-me o homem mais sortudo da Babilônia.

Gostei muito de minha nova casa. Nana-Naid, meu mestre, ensinou-me como moer a cevada no moinho de pedra que se erguia no pátio, como acender o fogo no forno e também como moer bem fina a farinha de gergelim para os bolos de mel. Eu tinha um leito no barracão onde ele armazenava seus grãos. A velha criada escrava, Swasti, alimentava-me bem e gostava do modo como eu a ajudava nas tarefas pesadas.

Ali estava a chance pela qual ansiara de tornar-me valioso para meu mestre e de talvez encontrar um meio de ganhar minha

liberdade.

Pedi a Nana-Naid que me ensinasse como sovar o pão e como assá-lo. Ele o fez, muito feliz com minha disposição. Depois, quando eu já podia fazer isso bem, pedi que me mostrasse como fazer bolos de mel, e em breve era eu quem assava toda a produção. Meu mestre achava ótimo ficar à toa, mas Swasti sacudiu a cabeça em desaprovação.

“Não trabalhar é ruim para qualquer homem”, declarou ela.

Achei que aquele seria o momento de pensar em um modo pelo qual eu pudesse começar a ganhar dinheiro para comprar minha liberdade. Como a última fornada terminava ao meio-dia, imaginei que Nana-Naid aprovaria se eu encontrasse alguma atividade lucrativa para o período da tarde, desde que eu dividisse os ganhos com ele. Então, tive a ideia de assar mais bolos de mel e vendê-los nas ruas da cidade aos homens que tivessem fome.

Apresentei meu plano a Nana-Naid da seguinte forma:

“Se, depois que eu terminar de assar os pães, usar minhas tardes para ganhar dinheiro para você, não seria justo que dividíssemos os ganhos, de modo que eu pudesse ter dinheiro para gastar em coisas que todo homem deseja e das quais necessita?”

“Seria justo, sim, seria justo”, ele admitiu.

Quando lhe contei sobre meu plano de vender nossos bolos de mel, ele o apreciou.

“Eis o que vamos fazer”, ele sugeriu. “Você vende dois por uma moeda; eu fico com metade das moedas para pagar a farinha, o mel e a lenha usada para assá-los. Do restante, metade é minha e a outra metade é sua.”

Fiquei muito satisfeito com essa oferta generosa, em que poderia ficar com um quarto de minhas vendas. Naquela noite, trabalhei até tarde para fazer um tabuleiro no qual expor os bolos. Nana-Naid me deu uma de suas túnicas velhas para que eu tivesse uma boa aparência e Swasti me ajudou a remendá-la e lavá-la.

No dia seguinte, assei uma quantidade extra de bolos de mel. Pareciam tostados e apetitosos no tabuleiro enquanto eu percorria a rua, anunciando aos gritos minha mercadoria. No início, ninguém pareceu interessar-se, e isso me desanimou. Mas eu insisti e, no

decorrer da tarde, à medida que as pessoas foram ficando com fome, os bolos começaram a sair, e logo o tabuleiro ficou vazio.

Nana-Naid ficou satisfeito com meu sucesso e, com prazer, pagou a minha parte. Fiquei encantado por ter meu próprio dinheiro. Megiddo estava certo quando disse que um mestre apreciava o bom trabalho de seus escravos. Naquela noite, eu estava tão entusiasmado com meu sucesso que mal consegui dormir, e tentei calcular quanto poderia ganhar em um ano, e quantos anos seriam necessários para comprar minha liberdade.

Passei a sair todos os dias com meu tabuleiro de bolos, e logo consegui clientes fixos. Um deles era ninguém menos do que seu avô, Arad Gula. Ele era mercador e vendia tapetes para as donas de casa. Percorria a cidade de ponta a ponta, acompanhado de um burrico carregado de tapetes e de um escravo negro que cuidava do animal. Ele comprava dois bolos para si e dois para seu escravo, sempre fazendo uma pausa para conversar comigo enquanto comia.

Um dia, seu avô me disse algo de que sempre me lembrarei:

“Gosto de seus bolos, garoto, mas gosto ainda mais do empenho com que você os vende. Esse espírito pode levá-lo longe no caminho do sucesso!”

Consegue entender, Hadan Gula, o que essas palavras de incentivo significaram para um garoto escravo, sozinho em uma cidade grande e lutando com todas as forças para sair daquela situação humilhante?

À medida que os meses se passavam, continuei a colocar moedas em minha bolsa. Ela começava a ter um peso reconfortante, pendurada à minha cintura. O trabalho estava demonstrando ser meu melhor amigo, como Megiddo dissera. Sentia-me feliz, mas Swasti estava preocupada.

“Estou com medo por seu mestre, que está passando tempo demais nas casas de jogos”, queixou-se ela.

Certo dia, tive a grande felicidade de encontrar meu amigo Megiddo na rua. Ele conduzia para o mercado três burricos carregados com vegetais.

“Estou indo muito bem”, disse ele. “Meu mestre gosta do meu trabalho, pois agora sou capataz. Ele confia em mim para vender

seus produtos no mercado, e também mandou buscar minha família. O trabalho está me ajudando a superar minhas grandes dificuldades. Algum dia, vai ajudar a comprar minha liberdade, e terei novamente minha própria fazenda!”

Com o tempo, Nana-Naid passou a esperar com impaciência cada vez maior meu retorno depois das vendas. Assim que eu voltava, ele conferia avidamente nosso dinheiro e fazia a divisão. Também me encorajava a procurar novos fregueses e a aumentar as vendas.

Frequentemente eu atravessava os portões da cidade para atender os feitores dos escravos que construía as muralhas. Eu odiava voltar àqueles cenários desagradáveis, mas os feitores eram compradores generosos. Um dia, eu me surpreendi ao ver Zabado esperando na fila para encher seu cesto com tijolos. Estava magro demais e encurvado, e suas costas estavam marcadas pelos vergões e pelas feridas das chibatadas dos feitores. Fiquei com pena dele e lhe dei um bolo, que ele enfiou na boca como se fosse um animal faminto. Vendo seu olhar de cobiça, eu saí correndo antes que ele pudesse arrancar de mim o meu tabuleiro.

Então, certo dia, seu avô, Arad Gula, me perguntou: “Por que você trabalha tanto?”. Foi quase a mesma pergunta que você me fez hoje, lembra? E eu lhe repeti o que Megiddo dissera sobre o trabalho, e lhe falei que, de fato, este revelava ser meu melhor amigo. Mostrei-lhe orgulhoso minha bolsa cheia de moedas e disse que estava economizando para comprar minha liberdade.

“E, quando for livre, o que você fará?”, ele quis saber.

“Pretendo virar um mercador”, eu respondi.

Depois de ouvir isso, ele me confidenciou algo de que eu nunca havia suspeitado:

“Você não sabe, mas eu também sou escravo. Trabalho em sociedade com meu mestre...”

— Cale-se! — exclamou Hadan Gula. — Não quero ouvir mentiras que difamem meu avô. Ele não era um escravo! — Seus olhos ardiam de fúria.

Sharu Nada permaneceu calmo. Depois de uma pausa, ele disse:

— Eu o respeito e o honro por ter superado todas as adversidades, tornando-se um cidadão importante de Damasco. E você, que é neto dele, foi forjado no mesmo molde? É homem o bastante para encarar os fatos ou prefere viver sob falsas ilusões?

Hadan Gula empertigou-se na sela. Então, com profunda emoção na voz, respondeu:

— Meu avô era amado por todos. Seus grandes feitos foram incontáveis. Quando houve a grande fome, acaso não foi ele quem comprou grãos no Egito? E não foi a caravana dele que os levou para Damasco e os distribuiu entre a população, para que ninguém morresse de fome? Agora, vem você dizer que ele não passava de um escravo desprezível na Babilônia!

— Se tivesse continuado escravo na Babilônia, talvez pudesse ser chamado de desprezível, mas ele se tornou um grande homem em Damasco por seu esforço pessoal, e os próprios deuses perdoaram seus infortúnios e o honraram com respeito — respondeu Sharru Nada, que então prosseguiu: — Depois de me contar que era escravo, ele disse que estivera muito ansioso para reaver sua liberdade. Agora que tinha dinheiro suficiente para comprá-la, estava preocupado com o que deveria fazer. Já não estava vendendo bem, e temia ficar sem a proteção de seu mestre...

Eu o reprovei por sua indecisão.

“Não se prenda mais a seu mestre”, eu lhe disse. “Recupere a sensação de ser um homem livre. Aja como um homem livre e seja bem-sucedido como um! Decida o que pretende realizar, e o trabalho vai ajudá-lo a concretizar esse desejo!”

Ele seguiu caminho declarando-se feliz, porque eu o fizera se envergonhar de sua covardia.<sup>5</sup>

Um dia, voltei a cruzar os portões para fora da cidade e me surpreendi ao ver uma grande multidão reunida. Quando pedi explicação a um homem, ele disse:

“Não ouviu falar? Um escravo fugitivo matou um dos guardas do rei e foi trazido para julgamento. Vai ser açoitado até a morte pelo crime, e até o próprio rei estará aqui.”



A multidão ao redor do cativeiro era tão compacta que eu nem quis me aproximar, por medo de que virassem meu tabuleiro de bolos de mel. Então, subi numa muralha em ruínas para ver por sobre as pessoas. Tive a sorte de ver o próprio Nabucodonosor em sua carruagem dourada. Jamais havia visto semelhante esplendor e tão belas túnicas e cortinados de tecidos dourados e veludo.

Não consegui ver o açoitamento, embora ouvisse os gritos do pobre escravo. Fiquei pensando e me perguntei como alguém tão nobre quanto nosso elegante rei era capaz de assistir a tamanho sofrimento. Contudo, quando vi que ele ria e gracejava com seus nobres, percebi que era um homem cruel, e compreendi por que os escravos que construía as muralhas eram tratados de forma tão desumana.

Depois que o escravo morreu, seu corpo foi pendurado em um poste por uma perna, para que todos o vissem. Quando a multidão começou a diminuir, cheguei mais perto. Em seu peito, vi tatuadas duas serpentes entrelaçadas. Era o Pirata.

Quando voltei a encontrar-me com Arad Gula, ele era outro homem. Ele me cumprimentou cheio de entusiasmo dizendo:

“Veja, o escravo que você conheceu é agora um homem livre. Havia magia em suas palavras. Minhas vendas e meus lucros já estão aumentando. Minha esposa está radiante de felicidade. Ela é uma mulher livre, sobrinha de meu mestre, e deseja muito que nos mudemos para outra cidade, onde ninguém sabe que fui um escravo. Assim, nossos filhos estarão a salvo de alguma rejeição por conta dos infortúnios do pai. O trabalho tornou-se meu maior aliado. Ele permitiu que eu reconquistasse minha confiança e minha habilidade para as vendas!”.

Eu fiquei muito feliz por poder devolver, ainda que fosse uma pequena parte, o incentivo que ele me dera.

Certa noite, Swasti veio falar comigo, muito angustiada:

“Seu mestre está com problemas. Receio por ele. Alguns meses atrás, ele perdeu muito dinheiro nas mesas de jogo. Ele não está pagando ao fazendeiro pelos grãos nem pelo mel, e também não paga ao prestamista. Eles estão irritados e o ameaçando!”.

“Por que devemos nos preocupar com a irresponsabilidade dele? Não somos seus guardiões!”, eu respondi sem pensar.

“Rapaz tolo, você não está entendendo. Ele entregou seu título ao prestamista como garantia de um empréstimo. Pela lei, você pode ser tirado de nosso dono e vendido. Não sei o que fazer. Ele é um bom mestre. Ah, por que deveria ter semelhante problema?”

Os temores de Swasti tinham fundamento. Enquanto eu estava assando os pães na manhã seguinte, o prestamista apareceu com um homem a quem chamou de Sasi. Este homem me examinou com o olhar e disse que eu serviria.

O prestamista não esperou que meu mestre voltasse, e disse a Swasti que lhe informasse que havia me levado. Levaram-me embora apenas com a túnica que me vestia e a bolsa de moedas bem presa ao cinto, deixando a fornada de pães pela metade.

Fui arrancado de meus sonhos mais acalentados assim como o furacão arranca a árvore da floresta e a atira ao mar revolto. De novo, uma casa de jogos e a cerveja de cevada haviam me causado um desastre.

Sasi era um homem grosseiro e rude. Enquanto ele me conduzia pela cidade, eu lhe falei do bom trabalho que havia feito para Nana-Naid e disse-lhe que esperava fazer um bom trabalho para ele. Sua resposta não foi encorajadora.

“Não gosto do trabalho que estou fazendo, e meu mestre também não”, ele disse. “O rei pediu a ele que me mandasse construir um trecho do Grande Canal. O mestre me mandou comprar mais escravos, dar duro no trabalho e terminar rápido. Ora, como pode um homem terminar rápido uma obra tão grande?”, ele concluiu.

Imagine um deserto sem uma árvore sequer, apenas moitas rasteiras e um sol que ardia com tamanha fúria que esquentava a água nos barris a ponto de mal conseguirmos bebê-la. Então, imagine fileiras de homens, descendo até a mais profunda escavação e subindo com pesados cestos de terra por trilhas empoeiradas, do nascer ao pôr do sol. Imagine a comida sendo servida em cochos abertos, dos quais nos servíamos como se fôssemos porcos. Não tínhamos tendas nem leitos de palha onde

dormir. Foi nessa situação que me encontrei. Enterrei minha bolsa em um local que marquei perguntando-me se algum dia voltaria a desenterrá-la.

No início, trabalhei com boa vontade, mas, à medida que os meses se arrastavam, senti meu espírito ser derrotado. Então veio uma febre, causada pelo calor, e dominou meu corpo exausto. Perdi o apetite e mal conseguia comer o carneiro com legumes que nos serviam. À noite, virava-me de um lado para o outro, infeliz, sem conseguir dormir.

Em minha angústia, perguntava-me se não teria sido melhor o plano de Zabado: fazer corpo mole e não se matar de trabalhar. Lembrei-me, porém, da última vez em que o vi e reconheci que não era um bom plano.

Pensei em Pirata e em sua amargura, e perguntei-me se não deveria lutar e matar. A lembrança de seu corpo ensanguentado mostrou que esse plano também não servia.

Recordei-me, então, de meu último encontro com Megiddo. Suas mãos estavam profundamente calejadas por conta do trabalho duro, mas seu coração estava leve e havia felicidade em seu semblante. O plano dele era o melhor.

Contudo, eu estava tão disposto a trabalhar quanto Megiddo; ele próprio não teria trabalhado com mais determinação do que eu. Então, por que meu trabalho não me trazia felicidade e sucesso? Seria o trabalho que trazia a felicidade a Megiddo, ou felicidade e sucesso dependiam apenas dos deuses? Estaria eu destinado a trabalhar pelo resto de minha vida sem realizar nenhum desejo, sem felicidade ou sucesso? Essas questões misturavam-se em minha mente, e eu não encontrava respostas. Sentia-me totalmente perdido.

Dias depois, quando minhas forças pareciam estar chegando ao fim e eu ainda não havia encontrado uma resposta para minhas perguntas, Sasi mandou me chamar. Um mensageiro fora mandado por meu mestre para me levar de volta à Babilônia. Desenterrei minha preciosa bolsa, envolvi-me nos farrapos que restavam de minha túnica e coloquei-me a caminho.

Enquanto cavalgávamos, a mesma imagem de um furacão que rodopiava, jogando-me de um lado a outro, passava o tempo todo por minha mente febril. Eu parecia estar vivendo as estranhas palavras de um cântico de minha cidade natal, Harroun:

Fustigando um homem como um furacão,  
atingindo-o como uma tormenta,  
cujo curso ninguém consegue seguir,  
cujo destino ninguém pode prever.

Estaria eu destinado a ser para sempre punido por algo que não sabia o que era? Que novos sofrimentos e decepções me aguardavam?

Imagine minha surpresa quando, ao entrarmos no pátio da casa de meu mestre, vi Arad Gula à minha espera. Ele me ajudou a desmontar e abraçou-me como a um irmão há muito perdido.

Quando fomos embora, eu teria seguido atrás dele como um escravo deve seguir seu mestre, mas ele não permitiu. Ele passou o braço por meus ombros e disse:

“Procurei você por toda parte. Quando já havia quase perdido as esperanças, encontrei Swasti, que me falou sobre o prestamista, e ele me indicou seu nobre proprietário. Foi uma negociação difícil, e ele me fez pagar um preço exorbitante, mas você vale a pena. Sua filosofia e sua iniciativa têm sido minha inspiração neste meu novo caminho de sucesso.”

“A filosofia de Megiddo, não a minha”, interrompi.

“A filosofia de Megiddo e a sua. Graças a vocês dois, estamos indo para Damasco, e preciso de você para ser meu sócio. Veja, em um instante, você será um homem livre!”, ele exclamou.

Dizendo isso, ele tirou de sob sua túnica a placa de argila contendo meu título. Ergueu-a bem alto e atirou-a para que se partisse em uma centena de pedaços no calçamento da rua. Com alegria, pisoteou os fragmentos até reduzi-los a poeira.

Lágrimas de gratidão encheram meus olhos. Eu sabia que era o homem mais sortudo da Babilônia.

Como vê, no momento de maior aflição, o trabalho mostrou ser meu melhor amigo. A disposição para trabalhar foi o que me permitiu escapar de terminar como escravo nas muralhas. Também impressionou tanto seu avô que ele me escolheu como seu sócio...

Neste momento, Hadan Gula perguntou:

— Quer dizer que o trabalho foi a chave secreta de meu avô para as moedas de ouro?

— Era a única chave que ele tinha quando o conheci — respondeu Sharru Nada. — Seu avô gostava de trabalhar. Os deuses aprovaram seus esforços e recompensaram-no de forma generosa.

— Começo a entender — disse Hadan Gula, pensativo. — O trabalho atraiu os muitos amigos que ele tinha, pois eles admiravam seu empenho e o sucesso que este lhe proporcionou. O trabalho trouxe o respeito de que ele tanto gozava em Damasco. O trabalho trouxe todas as coisas que desejo. E eu achava que o trabalho só servia para os escravos.

— A vida está repleta de prazeres dos quais os homens podem desfrutar — comentou Sharru Nada. — Cada um tem seu lugar, e me alegra que o trabalho não seja exclusivo dos escravos. Se assim fosse, eu seria privado de meu maior prazer. Há muitas coisas das quais gosto, mas nada toma o lugar do trabalho.

Sharru Nada e Hadan Gula cavalgaram às sombras das imensas muralhas até chegar aos grandes portões de bronze da Babilônia. Ao se aproximarem, os guardas do portão aprumaram-se e, respeitosamente, saudaram aquele cidadão honrado. De cabeça erguida, Sharru Nada conduziu a longa caravana através dos portões e pelas ruas da cidade.

— Eu sempre desejei ser como meu avô — confessou-lhe Hadan Gula. — Nunca soube que tipo de homem ele era. Foi você quem me revelou. Agora que sei, eu o admiro ainda mais, e estou ainda mais decidido a ser como ele. Acho que nunca poderei pagar a você por me revelar a verdadeira chave para o sucesso dele. De hoje em diante, usarei essa chave. Começarei de forma humilde, como ele começou, pois isso é muito mais adequado à minha verdadeira situação do que joias e roupas finas.

Dizendo isso, Hadan Gula tirou os brincos e os anéis. Então, puxou as rédeas de seu cavalo, deixou-se atrasar e passou a cavalgar com profundo respeito atrás do líder da caravana.

# UM RESUMO HISTÓRICO DA BABILÔNIA

Nas páginas da história não há uma cidade mais fascinante do que a Babilônia. O próprio nome evoca visões de riqueza e esplendor, e seus tesouros compostos de objetos de ouro e joias eram extraordinários. É natural imaginarmos que uma cidade tão rica se situava em uma região de exuberância tropical, circundada por abundantes recursos naturais, como florestas e minas, mas não era esse o caso. A Babilônia localizava-se às margens do rio Eufrates, em um vale plano e árido. Não tinha florestas nem minas, nem mesmo pedras para construções. Sequer estava situada próxima a uma rota natural de comércio. As chuvas eram insuficientes para manter a agricultura.

Essa grande cidade é um exemplo notável da capacidade do ser humano de alcançar grandes objetivos usando os meios disponíveis. Todos os recursos usados em sua criação e manutenção foram desenvolvidos pelo ser humano, e todas as suas riquezas também resultaram do trabalho humano. A Babilônia tinha apenas dois recursos naturais, o solo fértil e a água do rio. Em um dos maiores feitos de engenharia de todos os tempos, os babilônios desviaram as águas do rio por meio de represas e imensos canais de irrigação. Os longos canais atravessavam o vale árido, levando ao solo fértil as águas que proporcionavam a vida. Constituíram um dos primeiros grandes projetos de construção que se conhece. Jamais o mundo tinha visto colheitas tão abundantes como as que esse sistema de irrigação propiciou.

Por sorte, durante sua longa existência, a Babilônia foi governada por linhagens sucessivas de reis para os quais conquistas e saques tinham importância secundária. A cidade esteve envolvida em várias guerras, mas em sua maioria foram conflitos locais ou defensivos, contra invasores de outras nações que cobiçavam a riqueza babilônica. Seus notáveis governantes entraram para a história em virtude de sua sabedoria, seu empreendedorismo e sua justiça. A Babilônia não produziu monarcas pretensiosos, que ansiavam conquistar o mundo conhecido para que todas as nações prestassem tributo a seu ego.

A Babilônia já não existe mais como cidade. Quando desapareceram as forças humanas que a construíram e mantiveram por milhares de anos, ela rapidamente se converteu em uma ruína deserta. O local onde, no passado, a cidade se erguia está localizado a cerca de mil quilômetros a leste do Canal de Suez, próximo ao norte do Golfo Pérsico, na Ásia. A latitude é de cerca de 30 graus a norte do Equador, praticamente a mesma da cidade de Yuma, no estado do Arizona. Seu clima era semelhante ao dessa cidade norte-americana — quente e seco.

O Vale do Eufrates, que no passado foi uma região agrícola populosa e irrigada, é hoje, novamente, um deserto árido varrido pelos ventos. Os capins escassos e os arbustos do deserto lutam para sobreviver em meio às areias sopradas pelo vento. Os campos férteis, as grandes cidades e as longas caravanas de ricos mercadores já não existem. Desde aproximadamente o início da era cristã, os únicos habitantes são bandos nômades de árabes que garantem sua magra existência pastoreando pequenos rebanhos.

O vale está pontilhado de pequenos montes. Durante séculos, foram considerados simples colinas, até que chamaram a atenção dos arqueólogos por conta dos cacos de cerâmica e tijolos que as tempestades ocasionais revelavam. Museus europeus e americanos patrocinaram expedições para executar escavações científicas nessa região. Pás e picaretas logo revelaram que as colinas eram antigas cidades. Poderiam até ser chamadas de “túmulos de cidades”.

A Babilônia foi uma das cidades desenterradas nessas escavações. Durante vinte séculos, os ventos haviam soprado sobre



ela as areias do deserto, e todas as paredes construídas com tijolos, ao ficarem expostas, haviam se desintegrado e voltado a ser terra. Foi isto que se tornou a rica Babilônia: uma pilha de pó abandonada por tanto tempo que ninguém mais se lembrava de seu nome, até que a remoção paciente do entulho de séculos revelou as ruas e as ruínas de seus nobres templos e palácios.

Muitos cientistas consideram que a civilização que existiu na Babilônia e em outras cidades do Vale do Eufrates é a mais antiga da qual há registros confirmados, havendo sido feitas datações que remontam a 8 mil anos, aproximadamente. É interessante mencionar os métodos usados para tais datações. Nas ruínas da Babilônia foram encontradas descrições de um eclipse solar; os astrônomos calcularam com facilidade a data em que um eclipse semelhante foi visível na Babilônia, e assim puderam estabelecer a relação entre o calendário deles e o nosso.

Dessa forma, foi possível provar que, há cerca de 8 mil anos, os sumérios, habitantes da Babilônia, viviam em cidades muradas; por quantos séculos cidades assim já existiam antes disso é algo que só podemos especular. Os habitantes dessas cidades não eram simples bárbaros que viviam protegidos por muralhas. Eram um povo culto e esclarecido. A julgar pela história escrita, foram os primeiros engenheiros, os primeiros astrônomos, os primeiros matemáticos, os primeiros financistas e o primeiro povo a ter uma língua escrita.

Já falamos dos sistemas de irrigação que transformaram o vale árido em um paraíso agrícola. Os vestígios desses canais ainda podem ser traçados, embora estejam em sua maioria tomados pela areia. Alguns eram tão largos que, quando vazios, uma dúzia de cavalos poderia cavalgar lado a lado por seu leito. Em tamanho, poderiam igualar-se aos maiores canais dos estados de Colorado e Utah, ou até superá-los.

Além de irrigar as terras do vale, os engenheiros babilônios executaram outro projeto igualmente grandioso. Por meio de um elaborado sistema de canais, conseguiram drenar uma imensa área pantanosa na foz dos rios Eufrates e Tigre, tornando-a apta para a agricultura.

Heródoto, viajante e historiador grego, visitou a Babilônia em seu apogeu e nos deixou a única descrição conhecida feita por um estrangeiro. Seus escritos trazem uma minuciosa descrição da cidade e de alguns costumes incomuns de seus habitantes. Ele menciona a notável fertilidade do solo e a colheita abundante de trigo e cevada que obtinham.

A glória da Babilônia desapareceu, mas sua sabedoria foi preservada e chegou até nós graças ao método de registro escrito que criaram. Naquela época distante, o papel não havia sido inventado. Em lugar disso, os babilônios laboriosamente gravavam seus escritos em placas de argila úmida. Depois de moldadas, as placas eram cozidas e se transformavam em ladrilhos duros, com 15 centímetros de largura por 20 centímetros de comprimento e 2,5 centímetros de espessura.

Tais placas de argila, também chamadas de tabletes ou tabuletas, eram usadas da mesma maneira como usamos a escrita hoje. Nelas eram gravadas lendas, poesias, histórias, transcrições de decretos reais, as leis do país, títulos de propriedade, notas promissórias e até cartas que eram levadas por mensageiros a cidades distantes. Essas placas nos fornecem um vislumbre dos assuntos íntimos dos babilônios. Por exemplo, em uma placa que evidentemente era parte dos registros de um comerciante da área rural lê-se que, numa determinada data, um cliente trouxe uma vaca e a trocou por sete sacas de trigo, das quais três foram entregues no ato e quatro ficaram reservadas para o cliente.

Os arqueólogos recuperaram bibliotecas inteiras com centenas de milhares de placas que permaneceram a salvo por terem ficado soterradas nas cidades destruídas.

As imensas muralhas que rodeavam a cidade constituíam uma das mais notáveis construções da Babilônia. Os povos da Antiguidade as incluíram entre as Sete Maravilhas do Mundo Antigo, junto à grande Pirâmide de Gizé, no Egito. Atribui-se à rainha Semíramis a construção das primeiras muralhas, no período inicial de construção da cidade, mas os pesquisadores modernos não conseguiram encontrar vestígios das muralhas originais ou determinar sua altura exata. Com base em citações feitas por autores antigos, estima-se que tivessem de quinze a dezoito metros

de altura, sendo revestidas externamente com tijolos cozidos e protegidas por um profundo fosso cheio de água.

As muralhas mais recentes e mais famosas começaram a ser construídas cerca de 600 anos antes de Cristo pelo rei Nabopolassar.<sup>6</sup> Ele planejou a reconstrução numa escala tão grandiosa que não viveu para ver a obra terminada. Quem a concluiu foi seu filho, Nabucodonosor, cujo nome é familiar nos anais da história bíblica.

A altura e a extensão das novas muralhas eram assombrosas. Fontes confiáveis relatam que atingiam cerca de 50 metros de altura, o equivalente à altura de um moderno prédio de quinze andares. Estima-se que sua extensão total tenha sido de 14 a 18 quilômetros, sendo tão largas que uma carruagem de seis cavalos poderia circular no alto delas. Pouco restou dessa tremenda estrutura exceto uma parte das fundações e do fosso. Além da ação dos elementos, os árabes completaram a destruição extraindo os tijolos para erguer construções em outros locais.

Contra as muralhas da Babilônia lançaram-se, sucessivamente, os exércitos vitoriosos de quase todos os conquistadores daquela era de guerras e invasões. Uma legião de reis sitiou a Babilônia, sempre em vão. Os exércitos invasores da época eram respeitáveis. Os historiadores mencionam forças de 10 mil cavaleiros, 25 mil carruagens e 1.200 regimentos de infantaria com mil homens por regimento. Habitualmente, eram necessários dois ou três anos de preparação para reunir material bélico e estabelecer depósitos de alimentos ao longo do trajeto planejado.

A organização da cidade da Babilônia assemelhava-se muito à estrutura de uma cidade moderna. Havia ruas e lojas, vendedores ambulantes ofereciam suas mercadorias nos bairros residenciais, sacerdotes oficiavam em templos magníficos. Dentro da cidade, uma área murada interna abrigava os palácios reais. Essas muralhas interiores, dizia-se, seriam mais altas que aquelas que protegiam a cidade.

Os babilônios eram hábeis artesãos, dedicados à escultura, à pintura, à tecelagem, à ourivesaria e à metalurgia, e também à fabricação de armas e implementos agrícolas. Os ourives criavam joias de grande valor artístico. Várias amostras foram recuperadas

dos túmulos dos cidadãos ricos e encontram-se expostas nos principais museus do mundo.

Numa época muito remota, em que o resto do mundo ainda usava machados de pedra para cortar árvores, e lanças e flechas com ponta de sílex para caçar e guerrear, os babilônios empregavam machados, lanças e flechas com pontas de metal. Eram hábeis financistas e comerciantes. Até onde sabemos, foram os inventores do dinheiro como forma de troca, das notas promissórias e dos títulos de propriedade por escrito.

A Babilônia não foi invadida por exércitos inimigos até cerca de 540 anos antes de Cristo. Mesmo então, suas muralhas não capitularam. A história da queda da Babilônia é muito incomum. Ciro, um dos grandes conquistadores da época, planejava atacar a cidade e tinha esperança de transpor suas muralhas inexpugnáveis. O rei da Babilônia, Nabonido,<sup>7</sup> foi convencido por seus conselheiros a avançar contra Ciro, enfrentando-o sem esperar que a cidade fosse sitiada. Na derrota que se seguiu, o exército babilônico fugiu para longe da cidade. Ciro, então, entrou pelos portões abertos e tomou conta da cidade, sem encontrar resistência.

Depois disso, o poder e o prestígio da cidade declinaram gradualmente e, alguns séculos depois, a Babilônia foi abandonada, deixada à mercê dos ventos e das tempestades que a devolveram à terra deserta sobre a qual sua grandeza fora erguida. A cidade havia caído para nunca mais se reerguer, mas muito devemos à sua civilização.

A passagem do tempo transformou em pó as orgulhosas paredes de seus templos, mas a sabedoria da Babilônia persiste.

# SOBRE O AUTOR

George Samuel Clason nasceu em Louisiana, Missouri, em novembro de 1874. Frequentou a Universidade de Nebraska e serviu no exército dos Estados Unidos durante a Guerra Hispano-Americana. Empresário bem-sucedido, fundou a Clason Map Company, em Denver, Colorado, e publicou o primeiro atlas rodoviário dos Estados Unidos e do Canadá. Em 1926, lançou o primeiro de uma famosa série de panfletos sobre economia e sucesso financeiro, ilustrando suas ideias com parábolas ambientadas na antiga Babilônia. Seus panfletos, amplamente distribuídos por bancos e companhias de seguro, foram lidos por milhões de pessoas. O mais famoso deles é *O homem mais rico da Babilônia*, parábola que dá nome a este livro. As parábolas babilônicas, desde então, tornaram-se um clássico motivacional moderno.

1. O *shekel* é uma das mais antigas unidades de peso, utilizada posteriormente para denominar a moeda corrente do povo israelita. Supõe-se que tenha surgido na Mesopotâmia por volta de 3000 a.C. (N.E.)
2. Ishtar é uma antiga deusa mesopotâmica associada ao amor, ao erotismo, à fecundidade e à fertilidade. Apesar de ser alvo de culto em todas as cidades sumérias, era especialmente devotada em Ur. Ela foi, a princípio, adorada na Suméria e, mais tarde, cultuada pelos acadianos, babilônios e assírios. Era também conhecida como Inana, principalmente entre os sumérios. (N.E.)
3. Ginir é uma cidade localizada no sudeste da Etiópia. (N.E.)
4. As famosas construções da antiga Babilônia, suas muralhas, seus templos, seus jardins suspensos e os grandes canais foram erguidos por trabalho escravo, sobretudo de prisioneiros de guerra, o que explica o tratamento desumano que recebiam. Essa força de trabalho também incluía muitos cidadãos da Babilônia e de suas províncias, vendidos como escravos por seus crimes ou por seus problemas financeiros. Era comum que os homens penhorassem a si mesmos, suas esposas e seus filhos como garantia do pagamento de empréstimos, decisões legais ou outras obrigações. Quando a dívida não era paga, as pessoas nessa situação eram vendidas como escravos. (N.A.)
5. Na antiga Babilônia, os costumes relativos aos escravos eram estritamente regulados pelas leis, embora possam nos parecer inconsistentes. Por exemplo, um escravo poderia possuir qualquer tipo de propriedade, até mesmo outros escravos, sobre os quais seu dono não tinha direito algum. Os escravos casavam-se livremente com não escravos. Os filhos de mães livres eram livres. A maioria dos mercadores da cidade era composta de escravos. Muitos deles tinham sociedades com seus mestres e eram ricos por direito. (N.A.)
6. Nabopolassar foi um líder caldeu que se ergueu contra o despótico domínio da Assíria aproveitando-se da morte de Assurbanípal, em 627 a.C., e de Candalanu, o rei-títere que governava a Babilônia. (N.E.)
7. Nabonido foi o último rei da Babilônia, governando-a entre 556 e 539 a.C. (N.E.)

# Sumário

Capa  
Créditos  
Folha de rosto  
Sumário  
Prefácio à edição brasileira  
Introdução  
O homem que almejava o ouro  
O homem mais rico da babilônia  
As sete formas de encher uma bolsa vazia  
Encontrando a deusa da boa sorte  
As cinco leis do ouro  
O prestamista de ouro da babilônia  
As muralhas da babilônia  
O mercador de camelos da babilônia  
As placas de argila da babilônia  
O homem mais sortudo da babilônia  
Um resumo histórico da babilônia  
Sobre o autor





# O homem mais rico da Babilônia

Clason, George Samuel

9786556600727

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este aclamado best-seller, com mais de **2 milhões de cópias vendidas**, é conhecido mundialmente como o livro clássico da **geração de riqueza**.

Por meio de parábolas sobre a prosperidade dos antigos babilônios, George Clason revela os segredos universais para alcançar a fortuna e o sucesso.

É a mais inspiradora obra já escrita sobre **planejamento financeiro**, e será seu guia pessoal para **obter, manter e multiplicar o seu dinheiro**.

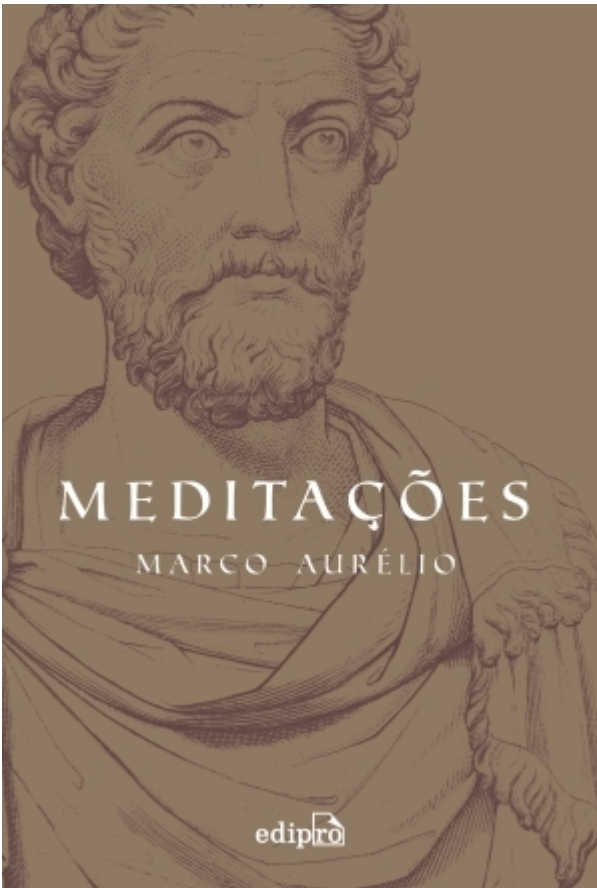
"O autor nos deixou mais do que uma obra única — deixou-nos um legado."

— **Salim Mattar, em prefácio para esta obra**

"O homem mais rico da Babilônia foi um divisor de águas para mim e mudou a forma como enxergo o dinheiro. Deveria ser leitura obrigatória em todas as escolas."

— **Grant Cardone, fundador da Cardone Capital, um império imobiliário de 2 bilhões de dólares**

[Compre agora e leia](#)



# Meditações

Aurélio, Marco

9788552100928

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Estas são anotações pessoais do imperador romano Marco Aurélio escritas entre os anos de 170 a 180.

Também conhecidas como *Meditações a mim mesmo*, reúnem aforismos que orientaram o governante pela perspectiva do estoicismo – o controle das emoções para que se evitem os erros de julgamento. Suas meditações formam um manual de comportamento ainda atual sobre como podemos melhorar nosso comportamento e o relacionamento com o próximo.

Marco Aurélio trava um diálogo interior em busca de verdades fundamentais por meio da razão sem deixar de lado a sensibilidade. Sem inclinação a qualquer crença religiosa, *Meditações* apela para ordens universais nas quais até mesmo os acontecimentos ruins ocorrem para o bem de todos. O imperador assume o papel do filósofo que instrui o aluno e dá conselhos ao amigo.

Por seu caráter íntimo, *Meditações* tornou-se um dos escritos mais reveladores e inspiradores a respeito do pensamento de um grande líder. Apresenta ensinamentos sobre as virtudes, a felicidade, a morte, as paixões e a harmonia com a natureza e a aceitação de suas leis. Figura ainda entre as obras fundamentais para os

estudiosos da filosofia estoica, mesmo milênios depois de sua composição.

[Compre agora e leia](#)

HOWARD MARKS

**O MAIS  
IMPORTANTE**  
*para o*  
**INVESTIDOR**

---

*Lições de um gênio  
do mercado financeiro*

---

edipro

# O mais importante para o investidor

Marks, Howard

9786556600215

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

*"Quando vejo que há memorandos de Howard Marks em meu e-mail, eles são a primeira coisa que abro e leio. Eu sempre aprendo algo, e isso vale em dobro para este livro."*

## **Warren Buffet, presidente e diretor-geral da Berkshire Hathaway**

Howard Marks, fundador da Oaktree Capital, é reconhecido mundialmente por sua incrível habilidade no mercado de ações. Depois de quatro décadas se destacando como um dos gestores que mais deu retorno na Bolsa de valores americana, ele partilha sua estratégia vencedora sobre como avaliar os melhores papéis e aplicar o seu dinheiro de maneira inteligente. Este volume único reúne dicas valiosas para o investidor experiente e também para quem está iniciando os primeiros passos no mercado financeiro.

O livro, que se tornou um *best-seller* instantâneo, é obra de referência para grandes investidores mundiais, como Warren Buffet, Joel Greenblatt, Ray Dalio, entre outros.

Descreve a chave para o investimento de sucesso e alerta sobre as armadilhas que podem destruir o capital. Traz lições valiosas relacionadas à tomada de decisão e às gestões de risco, analisa com sabedoria os ciclos de mercado e mostra como é possível obter ótimos retornos por meio de uma estratégia calculada.

Quais elementos são essenciais? Marks demonstra aqui o que é o **mais importante**.

Com prefácio de **Henrique Bredda**, sócio da gestora Alaska Asset Management e um dos investidores de maior renome do mercado nacional, que declara: "Ter ouvido Howard Marks foi extremamente rentável!".

*"Poucos livros sobre investimentos atingem o alto patamar estabelecido por Marks em O mais importante para o investidor... Se você quer evitar armadilhas de investimento, deve ler este livro!"*

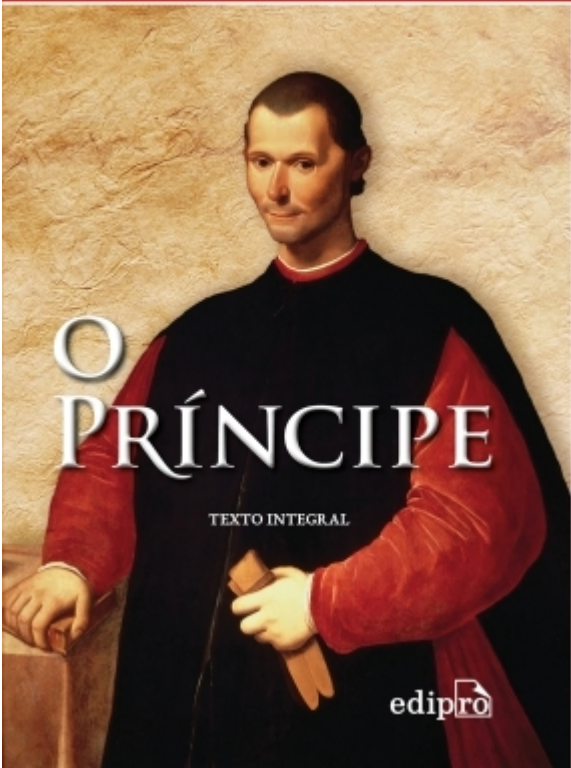
**John Clifton Bogle, fundador do The Vanguard Group**

*"O mais importante para o investidor facilmente poderia ter lugar na estante de qualquer investidor inteligente. Howard Marks destilou anos de conhecimento sobre investimentos em um livro sucinto, que é lúcido, divertido e, afinal, profundo."*

**Joel Greenblatt, professor da Columbia Business School, fundador e sócio-gerente da Gotham Funds**

[Compre agora e leia](#)

NICOLAU MAQUIAVEL



# O PRÍNCIPE

TEXTO INTEGRAL

edipro



# O Príncipe

Maquiavel, Nicolau

9788552100560

96 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nesta obra, que é um clássico sobre **pensamento político**, o grande escritor Maquiavel mostra como funciona a **ciência política**.

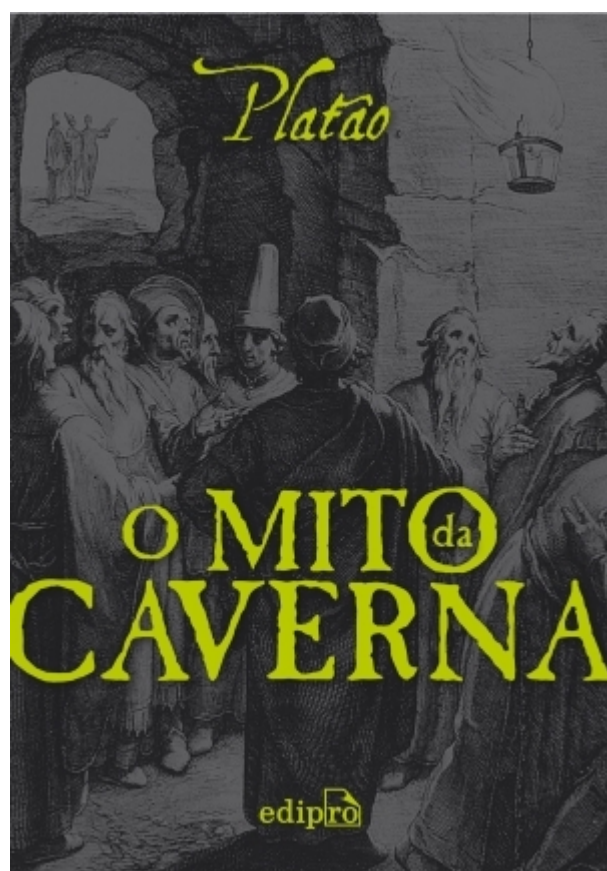
Discorre sobre os diferentes tipos de Estado e ensina como um príncipe pode conquistar e manter o domínio sobre um Estado.

Trata daquilo que é o seu objetivo principal: as virtudes que o governante deve adquirir e os vícios que deve evitar para manter-se no poder.

Maquiavel mostra em **O Príncipe** que a moralidade e a ciência política são separadas.

Ele aponta a contradição entre governar um Estado e, ao mesmo tempo, levar uma vida moral.

[Compre agora e leia](#)



# O Mito da Caverna

Platão

9788552100850

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um dos textos filosóficos mais lidos de todos os tempos, este clássico de Platão – *extraído de sua obra **A República*** – que narra um diálogo entre o irmão de Platão, Gláucon, e Sócrates, seu mentor, é um convite à permanente reflexão.

Sua atualidade e relevância justificam-se por inspirar o resgate de valores fundamentais para a formulação do senso crítico, despertando a consciência político-filosófica tão necessária nos dias atuais.

Uma obra de formação intelectual que explica como podemos nos libertar da escuridão que nos aprisiona através da luz da verdade.

Aqui Platão discute sobre **teoria do conhecimento, linguagem e educação** na formação do Estado ideal.

Sua leitura contribui para o engrandecimento pessoal dos jovens e inspira todos os leitores a atuarem como seres sociais conscientes da necessidade de esclarecimento de todos os demais.

[Compre agora e leia](#)